PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

ANTON TCHÉKHOV

A estepe

(História de uma viagem)

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

ANTON
TCHÉKHOV

A estepe
(*História de uma viagem*)

Tradução e introdução de
RUBENS FIGUEIREDO

PENGUIN
COMPANHIA DAS LETRAS

A ESTEPE (HISTÓRIA DE UMA VIAGEM)

ANTON PAVLOVICH TCHÉKHOV (1860-1904) nasceu em Tanagarog (sul da Rússia), numa família de comerciantes. Em 1884, concluiu a faculdade de medicina da Universidade de Moscou, dando início à carreira de médico. Nessa época, colaborou em revistas satíricas sob alguns pseudônimos e publicou uma coletânea de contos humorísticos. Três anos mais tarde *Ivánov*, sua primeira peça teatral, foi encenada. Escreveria algumas das mais sutis e penetrantes observações psicológicas do teatro ocidental em textos como *A gaivota*, *As três irmãs* e *O jardim das cerejeiras*, além de contos, novelas e outros textos. Em 1887, Tchékhov recebe o prêmio Púchkin, o maior da literatura russa. Em 1890, viaja para a ilha de Sacalina e transfere-se para uma aldeia nos arredores de Moscou. Esse período marcou sua vida e obra. Tchékhov se envolveu profundamente com a comunidade local. Ajudou a construir escolas para crianças com seus próprios recursos e participou da luta contra uma epidemia de cólera, entre outras atividades dedicadas à população. Depois de 1900, transferiu-se para Ialta por prescrição médica, pois estava gravemente doente de tuberculose. Viajou em 1904 para a Alemanha, onde numa última tentativa de tratamento, faleceu em 1904.

RUBENS FIGUEIREDO nasceu no Rio de Janeiro em 1956. Formado em letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é tradutor de autores como Dostoiévski e Philip Roth, entre outros, professor de português e tradução literária e um dos mais originais ficcionistas brasileiros contemporâneos. Em 1998 seu livro de contos *As palavras secretas* recebeu os prêmios Jabuti e Arthur Azevedo. É autor de, entre outros, *Barco a seco* (Prêmio Jabuti) e *Passageiro do fim do dia*.

Sumário

Introdução — Rubens Figueiredo

A ESTEPE (*História de uma viagem*)

Introdução

RUBENS FIGUEIREDO

Tchékhov escreveu *A estepe* nos dois primeiros meses de 1888. Tinha vinte e oito anos, era médico, mas pouco exercia a profissão. De família pobre, para sustentar a si próprio, os pais e os irmãos, desde os tempos da faculdade, escrevia textos curtos, em geral ficcionais e humorísticos, para publicações de pouco prestígio. Quando foi estudar medicina em Moscou, aos dezenove anos, morava num porão com toda a família — pai, mãe, seis irmãos. O porão ficava numa rua de prostíbulos. Pela janelinha alta, viam-se apenas os pés dos transeuntes. Longe de ser uma forma enobrecida de escapismo, a literatura começou, para Tchékhov, como simples ganha-pão.

Certa vez, ele escreveu: “Na minha infância, não houve infância”. E, por mais que não levasse a sério o que escrevia naqueles primeiros anos, sua maturidade precoce, expressa na forma de controle emocional e observação rigorosa, logo se fez sentir em seus textos. Numa sociedade em que a literatura servia de plataforma para os grandes debates sobre o destino do país — e cuja força derivava, em grande parte, do teor de tais debates —, esses traços pessoais do escritor se converteram em poderosos instrumentos críticos e seus textos desde muito cedo chamaram atenção.

A estepe assinala o momento em que Tchékhov passava a escrever para publicações mais respeitadas e que o remuneravam melhor. Em 1885, havia conhecido pessoas do meio intelectual, que o incentivaram e o alertaram para a importância de seu trabalho. Entre essas pessoas estava Aleksei Suvórin, rico empresário do ramo editorial e, de certo modo, uma personificação do capitalismo introduzido à força na Rússia. Dono de jornais, revistas e editoras, detentor do monopólio das livrarias em estações de trem e de outras vantagens concedidas pelo governo tsarista, Suvórin logo se tornou uma espécie de protetor de Tchékhov.

Porém a revista em que foi publicada *A estepe* exprimia uma tendência bem diferente. *Siéverni Viéstnik* [O mensageiro do Norte] era uma publicação identificada com a esquerda e seu editor era um ex-preso político de uma geração anterior, antigo membro do círculo socialista de Petrachévski, o mesmo do qual fizera parte o jovem Dostoiévski, décadas antes.

É bom ter em mente que, em 1881, quando Tchékhov era estudante de medicina, o tsar Alexandre II foi assassinado por militantes revolucionários. Seguiu-se uma fase de forte repressão política. Nesse ambiente, Tchékhov deu seus primeiros passos como escritor e não é absurdo imaginar que, nessa fase, ciente de sua posição social frágil e de sua responsabilidade com a família, tenha tentado se mover com cautela. Seja como for, quase até o fim da vida, em 1904, Tchékhov manteve contato estreito com Suvórin, de um lado, e com intelectuais de esquerda, de outro, sabendo preservar certa independência — a despeito dos empréstimos que pedia a Suvórin.

A estepe foi sua primeira tentativa de produzir uma narrativa mais extensa, objetivo que perseguiu de modo constante. Pois se nunca chegou a escrever um romance de fato, Tchékhov é autor de um punhado de novelas e

de vários contos longos. Mas a técnica de miniaturista, desenvolvida nas centenas de contos curtíssimos escritos nos primeiros anos, continuou a marcar seus textos. Quando começou a escrever *A estepe*, Tchékhov fez os seguintes comentários, numa carta:

"O tema é bom. Trabalho com animação, mas, por falta de hábito de escrever textos longos e por medo de introduzir coisas demais, acabo caindo no excesso contrário: cada página acaba parecendo tão compacta quanto um conto curto, as cenas se amontoam, se apertam, ofuscam umas às outras e diluem a impressão do conjunto."

Como tais objeções foram feitas poucos dias após o início do trabalho, é razoável supor que representam algumas das principais preocupações do autor durante a composição da novela. Tanto assim que, mais ou menos um mês depois, em outra carta, Tchékhov dirá: "Minha *Estepe* não parece uma novela, mas uma enciclopédia da estepe".

Seu desafio era escrever uma narrativa sem enredo, sem heróis, sem outra crise que não um resfriado que o menino Iegóruchka pega na viagem. Uma narrativa sem aventuras e ações de impacto, senão aquelas presentes, de forma indireta, nas histórias meio inventadas que os carroceiros da estepe contam para Iegóruchka.

O subtítulo ("história de uma viagem") sintetiza a situação central: a viagem de um menino que parte para estudar em outra cidade e, para isso, viaja alguns dias pela estepe. Mas também denota o caráter híbrido do texto: ao mesmo tempo, um relato de viagem, uma narrativa ficcional, um estudo de tipos característicos da região, a pintura de quadros da natureza — animais, plantas, clima —, retratos das atividades econômicas, das relações sociais, da diversidade cultural, das mudanças de comportamento em curso. Tudo captado

ora pela percepção de um menino, ora pelo olhar direto do narrador.

A fonte do texto foi uma viagem que Tchékhov fizera um ano antes a Taganrog, sua cidade natal, à beira do Mar Cáspio. A região que ele percorreu se parece bastante com a descrita na novela. Em cartas à irmã, naquela ocasião, encontramos referências a vários elementos presentes em *A estepe* — a prisão, o cemitério, os mercadores, traços da fala das pessoas etc. E numa carta ao editor de *Siéverni Viéstnik*, Tchékhov afirma que as duas cruzes na beira da estrada citadas na novela existem de fato e que, aos dezessete anos, quando fez uma viagem, o jovem Tchékhov adoeceu numa estalagem e recebeu os cuidados de um judeu chamado Moissei Moisséievitch, que de fato aparece com esse nome em *A estepe*.

No entanto, os locais onde a ação se passa não são identificados com nomes reais. Assim a estepe russa pode adquirir um cunho genérico e se aproximar do valor simbólico, quase mítico, que a literatura russa vinha construindo para aquele cenário, graças sobretudo à obra de Gógol. Na verdade, o primeiro parágrafo de *A estepe* pode ser lido como uma reformulação do primeiro parágrafo do romance *Almas mortas*, de Gógol, publicado mais de quatro décadas antes:

“Pelo portão de uma estalagem da sede da província de N, entrou uma pequena charrete bem bonita, de molas, dessas em que viajam homens solteiros: tenentes-coronéis e capitães da reserva, senhores de terra que possuem cerca de cem almas de camponeses, em suma, todos aqueles a quem chamam de senhores de médio escalão. Na charrete, ia um senhor de aspecto nem bonito nem feio, nem gordo demais, nem magro demais [...]”

Em *A estepe*, diante dos olhos do menino, passam mercadores, sacerdotes, mujiques, camponesas,

cossacos, judeus, nobres refinados, rústicos senhores de terra que se projetam como senhores da vida e da morte. A técnica de Tchékhov permite que todos tenham voz própria e se relacionem. A dinâmica social e as pressões subjacentes são objeto da observação rigorosa e consciente do autor. Numa carta ao editor de *Siéverni Viéstnik*, Tchékhov comenta o personagem Dímov, um mujique da estepe: “Naturezas como a do abrutalhado Dímov não são criadas pela vida para o cisma religioso nem para a vida errante nem para a vida sedentária, mas pura e simplesmente para a revolução. Ora, jamais haverá revolução na Rússia e Dímov cairá no alcoolismo ou acabará na prisão. É um homem inútil”.

O esmero de Tchékhov na composição da estrutura de *A estepe* se reflete também na linguagem. Suas descrições da natureza o situam na linhagem de Turguêniev, com uma nota lírica mais contida. A observação minuciosa dos trajes, dos ambientes, dos pequenos gestos culturalmente relevantes, bem como de traços de fala socialmente marcados — a rigor, marcas linguísticas impossíveis de reproduzir por completo numa tradução —, o aproximam da perspectiva quase etnográfica de Tolstói.

Depois das experiências grandiosas de vastos romances, a literatura russa do século XIX parece encontrar uma espécie de suma nas breves narrativas de Tchékhov. O amplo questionamento aberto à custa do esforço concentrado de gerações de escritores deságua em mais uma forma nova, na qual agora as questões se refinam, se reconcentram e se reabrem sobre si mesmas, na perspectiva também renovada da história.

A estepe
(*História de uma viagem*)

I

Certa manhã de julho, bem cedo, uma charrete sem molas e desmantelada, uma dessas charretes antediluvianas em que hoje em dia, na Rússia, apenas viajam caixeiros-viajantes, boiadeiros e sacerdotes pobres, partiu de N., principal distrito da província de Z., e seguiu com muito barulho pela estrada postal. Chocalhava e guinchava ao menor movimento; a isso fazia eco em tom sombrio o balde pendurado na traseira — e só por aqueles sons e pelos deploráveis farrapos de couro que sacudiam sobre seu corpo descascado, era possível avaliar como estava obsoleta e pronta para virar sucata.

Na charrete viajavam dois moradores de N.: o comerciante Ivan Ivánitch Kuzmitchóv, de barba raspada, óculos e chapéu de palha, que mais parecia um funcionário público do que um comerciante, e o padre Khristofor Siríiski, prior da igreja de São Nicolau em N., velhinho miúdo, de cabelo comprido, cafetã cinzento feito de lona, cartola de aba larga e uma faixa na cintura, bordada e colorida. O primeiro pensava em alguma coisa, muito concentrado, e balançava a cabeça para espantar a sonolência; no rosto, a habitual secura de homem de negócios lutava com a benevolência de alguém que tinha acabado de se despedir dos parentes e bebido bastante; o outro, admirado, contemplava o mundo de Deus com olhos úmidos e sorria tão largo, que o sorriso parecia alcançar as abas da cartola; o rosto estava vermelho e parecia congelado. Os dois, tanto Kuzmitchóv como o padre Khristofor, iam vender lã. Ao se despedirem dos familiares, tinham se fartado de comer roscas com creme

de leite e, apesar de ainda ser muito cedo, tinham tomado um trago... O estado de espírito de ambos era excelente.

Além das duas pessoas descritas e do cocheiro Deniska, que açoitava incansável a parelha de ágeis cavalinhos baios, na charrete viajava mais um passageiro — um menino de uns nove anos, com o rosto queimado de sol e molhado de lágrimas. Era Iegóruchka, sobrinho de Kuzmitchóv. Com a autorização do tio e a bênção do padre Khristofor, estava indo estudar no ginásio. Sua mãe, Olga Ivánovna, viúva de um secretário colegiado[a] e irmã de Kuzmitchóv, amava pessoas cultas e da alta sociedade, e havia implorado ao irmão, de partida numa viagem para vender lã, que levasse Iegóruchka e o matriculasse na escola; e agora, o menino, sem entender para onde e por que viajava, estava sentado na boleia da charrete ao lado de Deniska, segurando no cotovelo do cocheiro para não cair e sacudindo como uma chaleira no fogão aceso. Com a velocidade da charrete, sua camisa vermelha inflava nas costas como um balão e seu novo chapéu de cocheiro, com uma pena de pavão, toda hora escorregava para a nuca. Ele se sentia extremamente infeliz e tinha vontade de chorar.

Quando a charrete passou pela prisão, Iegóruchka lançou um olhar para as sentinelas, que andavam devagar perto do muro branco e alto, para as janelas pequenas e gradeadas, para a cruz que cintilava no telhado, e lembrou que uma semana antes, no dia da Mãe de Deus de Kazan,[b] ele tinha ido com a mãe à igreja da prisão para comemorar o dia santo; e antes disso, na Páscoa, fora à prisão com a cozinheira Liudmila e com Deniska e levara *kulitch*, ovos, *piróg*[c] e carne assada; os presos agradeceram, fizeram o sinal da cruz e um deles deu de presente a Iegóruchka botões de lata feitos à mão.

O menino observava aqueles lugares conhecidos, enquanto a deplorável charrete corria e deixava tudo para trás. Depois da prisão, num lampejo, surgiram as negras e enfumaçadas forjas, depois o cemitério verde e acolhedor, cercado por um muro de seixos; por trás do muro, as cruzes brancas e os mausoléus espiavam alegres, escondidos no meio da folhagem das cerejeiras, que vistas de longe pareciam manchas brancas. Iegóruchka lembrou que, quando a cerejeira floresce, aquelas manchas brancas se misturam com as flores da árvore num mar branco; e quando as cerejas amadurecem, as cruzes e os mausoléus brancos ficam semeados de pontos vermelhos como sangue. Do outro lado do muro, sob as cerejeiras, dormiam dia e noite o pai e a avó de Iegóruchka, Zinaida Danílovna. Quando a avó morreu, a puseram num caixão comprido, estreito, e cobriram seus olhos com duas moedas de cinco copeques, pois eles não queriam se manter fechados. Até morrer, ela foi muito ativa, sempre trazia da feira roscas cobertas com sementes de papoula, mas agora ela dormia, dormia…

E depois do cemitério, fumegavam as fábricas de tijolos. A fumaça grossa, preta, vinha em grandes rolos por debaixo dos compridos telhados de juncos, como que achatados contra a terra, e subia preguiçosamente. Acima das fábricas e do cemitério, o céu estava escuro e as sombras dos grandes rolos de fumaça rastejavam pelo campo e pela cidade. Na fumaça em torno dos telhados, pessoas e cavalos se movimentavam, cobertos por uma poeira vermelha…

Depois das fábricas, a cidade terminava e começava o campo. Iegóruchka olhou para a cidade pela última vez, apertou o rosto no cotovelo de Deniska e chorou amargamente…

— Puxa, ainda não cansou de mugir, seu chorão? — disse Kuzmitchóv. — O patife está babando de novo! Se

não quer ir, fique. Ninguém está forçando você!

— Calma, calma, irmão Iegor, está tudo bem... — balbuciou apressadamente o padre Khristofor. — Está tudo bem, irmão... Confie em Deus... Você não está indo para algo ruim, mas para algo bom. O estudo, como dizem, é a luz e a ignorância, as trevas... É a pura verdade.

— Quer voltar? — perguntou Kuzmitchóv.

— Que... quero — respondeu Iegóruchka, soluçando.

— Seria bom mesmo se você voltasse. No final das contas, está viajando à toa. Tanto movimento e nem se sabe para quê.

— Calma, calma, irmão — continuou o padre Khristofor. — Confie em Deus... Lomonóssov[d] também partiu assim, com os pescadores, e acabou virando um homem famoso em toda a Europa. O saber, assimilado à fé, dá frutos agradáveis a Deus. Como dizemos na prece? Para a glória do Criador, para o consolo de nossos pais, para o benefício da Igreja e da pátria... É isso.

— Os benefícios podem variar... — disse Kuzmitchóv, acendendo um charuto barato. — Tem gente que estuda vinte anos e não tira nenhum proveito disso.

— Acontece.

— Tem gente que tira algum benefício do estudo e tem outros que só confundem a cabeça. Minha irmã, que não entende nada, quer bancar a refinada e fazer de Iegóruchka um sábio, só que ela não entende que eu, com meus negócios, podia dar a Iegóruchka uma vida feliz para sempre. Garanto uma coisa a você: se todo mundo quisesse estudar, ser sábio e ilustre, ninguém ia trabalhar no comércio nem plantar trigo. Todo mundo ia morrer de fome.

— Mas se todo mundo fosse trabalhar no comércio e plantar trigo, ninguém ia buscar o conhecimento.

E achando que ambos tinham dito algo convincente e sensato, Kuzmitchóv e o padre Khristofor fizeram cara séria e pigarrearam ao mesmo tempo. Deniska, que tinha escutado a conversa sem entender nada, sacudiu a cabeça e, levantando-se, chicoteou os dois cavalos. Houve um silêncio.

Enquanto isso, diante dos olhos dos viajantes, se alastrava a planície vasta, infinita, cortada por uma cadeia de colinas. Comprimindo-se e espreitando umas por trás das outras, essas colinas se fundiam numa ondulação que se estendia à direita, da estrada até o horizonte, e desaparecia na vastidão lilás; a gente anda, anda e não consegue distinguir onde ela começa e onde acaba… O sol já espiava atrás da cidade e, calmo, sem alarde, dava início a seus trabalhos. Primeiro, uma faixa larga amarelo-clara rastejou bem distante, onde o céu ia ao encontro da terra, perto de pequenos *kurgan*[e] e de um moinho de vento, que visto de longe parecia um homenzinho abanando os braços. Um minuto depois, uma faixa igual brilhou um pouco mais perto, se arrastou para a direita e ganhou as colinas. Alguma coisa quente roçou as costas de Iegóruchka, uma faixa de luz, que se aproximou sorrateira por trás, esgueirou-se entre a charrete e os cavalos, disparou ao encontro de outras faixas e, de repente, toda a vasta estepe se desfez da penumbra, sorriu e brilhou com o orvalho.

O centeio ceifado, as ervas daninhas, as eufórbias, o cânhamo — tudo um pouco pardo, avermelhado e meio morto por causa do calor escaldante, agora reaparecia molhado pelo orvalho e acariciado pelo sol, se reanimando para florescer novamente. Acima da estrada, quero-queros voavam com gritos alegres, esquilos chamavam uns aos outros no capim, abibes choravam em algum lugar mais ao longe, à esquerda. Assustado pela charrete, um bando de perdizes bateu asas e, com

seu “trrr” suave, voou rumo às colinas. Gafanhotos, grilos, cigarras e besouros se agarravam ao capim, chiando sua monótona música.

Mas depois de um tempo, o orvalho evaporou, o ar estagnou e a estepe iludida retomou seu aspecto tristonho de julho. O capim curvou-se abatido, a vida murchou. As colinas chamuscadas, verde-pardacentas, violetas ao longe, com seus matizes serenos como sombras, a planície com sua vastidão nublada e, aberto sobre elas, o céu, que na estepe, onde não há florestas nem montanhas altas, aparenta terrível profundidade e transparência, pareciam agora infinitos e entorpecidos de tédio...

Que abafamento e que melancolia! A charrete corre e Iegóruchka vê sempre a mesma coisa — o céu, a planície, as colinas... No capim, a música silenciou. Os quero-queros voaram longe, as perdizes sumiram. Acima do capim desbotado, gralhas revoam sem ter o que fazer; todas se parecem e tornam a estepe ainda mais monótona.

Um falcão paira bem próximo ao solo, batendo as asas com suavidade, e de repente para no ar, como se pensasse no tédio da vida, depois sacode as asas e dispara como uma flecha sobre a estepe, e não se entende por que faz assim e o que quer com isso. E ao longe, o moinho roda suas pás...

Para quebrar a monotonia, um crânio branco ou um seixo lampeja no meio das ervas daninhas; por um instante, surge uma mulher de pedra[f] ou um salgueiro seco com um corvo azul no galho mais alto, ou um esquilo cruza a estrada correndo, e de novo as ervas daninhas, as colinas, as gralhas passam ligeiro diante dos olhos...

Mas, graças a Deus, lá vem uma carroça em sentido contrário, carregada de feixes de feno. Bem no alto dela,

viaja deitada uma menina. Sonolenta, entorpecida pelo calor, levanta a cabeça e observa os viajantes. Deniska a olha de boca aberta, os cavalos esticam os focinhos para os feixes, a charrete range, resvala na carroça e as pontinhas do feno, como uma vassoura, raspam na cartola do padre Khristofor.

— Ei, tem gente viajando aqui, sua gorducha! — gritou Deniska. — Puxa, que cara mais inchada, parece que foi picada por uma abelha!

A menina sorri cheia de sono, mexe um pouco os lábios e deita-se de novo... Então surge um choupo solitário no alto de uma colina; quem o plantou e para que está ali, só Deus sabe. É difícil desviar os olhos de sua figura formosa e de sua roupa verde. Será feliz essa bela criatura? No verão, o calor abrasador; no inverno, o frio cortante e a nevasca; no outono, as noites terríveis, quando só se vê escuridão e não se ouve nada, exceto o vento que uiva feroz e agreste; e sobretudo, essa solidão, a vida toda nessa solidão... Depois do choupo, se estende a faixa de um trigal, como um tapete verde-claro, desde o topo de uma colina até a beira da estrada. Na colina, o trigo já foi ceifado e reunido em medas, enquanto mais abaixo tinham apenas começado a cortá-lo... Seis ceifadores estavam lado a lado e brandiam as gadanhas, que cintilavam alegres e emitiam um assovio em uníssono: “Vjji, vjji!”. Pelos movimentos das mulheres que amarravam os feixes, pelos rostos dos ceifadores, pelo brilho das gadanhas, via-se que o calor ardia e sufocava. Um cachorro preto com a língua de fora correu dos ceifadores na direção da charrete, na certa com a intenção de latir, mas parou no meio do caminho e olhou com indiferença para Deniska, que o ameaçou com o chicote: está calor demais para latir! Uma mulher se levantou, escorou com as mãos as costas exaustas e cravou os olhos na camisa vermelha de Iegóruchka. Ou porque a coloração vermelha lhe agradasse, ou porque

se lembrasse dos próprios filhos, ficou parada muito tempo, olhando para a charrete que se afastava...

E o trigal logo ficou para trás. De novo se estendiam a planície esturricada, as colinas pardacentas, o céu abrasador, de novo um falcão planava veloz acima da terra. Ao longe, como antes, rodavam as pás do moinho, que continuava a lembrar um homenzinho abanando os braços. Olhá-lo havia se tornado maçante: parecia que nunca iam chegar lá e que ele se afastava ligeiro da charrete.

O padre Khristofor e Kuzmitchóv estavam calados. Deniska fustigava os cavalos e gritava. Iegóruchka não chorava mais, olhava com indiferença para os lados. O calor forte e o tédio da estepe haviam deixado o menino cansado. Ele tinha a impressão de que estava viajando e sacudindo por muito tempo, de que por muito tempo o sol cozinhava suas costas. Ainda não tinham percorrido dez verstas[9] e ele já pensava: "Está na hora de descansar!". Pouco a pouco, a benevolência havia abandonado o rosto do tio e restara apenas a secura, que conferiam à face barbeada, magra, uma expressão implacável de inquisidor, sobretudo com os óculos, o nariz e as suíças cobertos de poeira. Já o padre Khristofor não parava de olhar com admiração para o mundo de Deus e sorrir. Calado, pensava em algo bonito e alegre, e, em seu rosto, um sorriso bondoso, benevolente se fixara. Parecia que, sob o efeito do calor, o pensamento bonito, alegre havia se solidificado em seu cérebro...

— Mas então, Deniska: vamos alcançar os comboios ainda hoje? — perguntou Kuzmitchóv.

Deniska deu uma olhada para o céu, se levantou, fustigou os cavalos e depois respondeu:

— À noite, se Deus quiser, chegamos lá...

Ouviram-se latidos. De repente, como se saltasse de uma emboscada, uma matilha de seis enormes cães

pastores da estepe se atirou contra a charrete, com ladridos e uivos ferozes. Focinhos peludos como aranhas, olhos vermelhos de raiva, todos cercaram a charrete com uma ferocidade fora do comum e, se empurrando enciumados, erguiam rugidos roucos. Sentiam um ódio terrível e pareciam prontos para fazer em frangalhos os cavalos, a charrete, as pessoas... Deniska, que gostava de atiçar e de dar chicotadas, ficou animado com o incidente; conferindo ao rosto uma expressão malvada, curvou-se para a frente e bateu nos cães com o chicote. Os cachorros rosnaram com mais força ainda, os cavalos arrancaram a galope. Iegóruchka, que se agarrava com esforço à boleia, entendeu, ao ver os dentes e os olhos dos cachorros, que, se caísse, seria despedaçado pelos cães no mesmo instante, mas não sentia medo; olhava-os com a mesma cara maldosa de Deniska e lamentava não ter também um chicote nas mãos.

A charrete alcançou um rebanho de ovelhas.

— Pare! — gritou Kuzmitchóv. — Freie! Ôôô...

Deniska inclinou o tronco todo para trás e deteve os cavalos. A charrete parou.

— Venha cá! — gritou Kuzmitchóv para o pastor. — Mande esses cachorros desgraçados pararem de latir!

O velho pastor, descalço e vestido em farrapos, com um gorro de inverno na cabeça, uma bolsa imunda pendurada na altura do quadril e um longo cajado — uma perfeita figura do Velho Testamento —, silenciou os cães, tirou o gorro e se aproximou da charrete. Na outra ponta do rebanho, uma idêntica figura também saída do Velho Testamento aguardava de pé, sem se mexer, e olhava com indiferença para os viajantes.

— De quem é esse rebanho? — perguntou Kuzmitchóv.

— De Varlámov! — respondeu o velho em voz bem alta.

— De Varlámov! — repetiu o pastor que estava na outra ponta do rebanho.

— E o Varlámov passou por aqui ontem ou não passou?

— Não, nadinha... O feitor dele veio aqui, foi isso...

— Toque os cavalos!

A charrete avançou sacolejando e os pastores ficaram para trás com seus cães raivosos. Iegóruchka, de má vontade, olhou para a frente, para a vastidão lilás, e começou a ter a impressão de que o moinho, cujas pás giravam, estava mais perto. Ficava cada vez maior, parecia imenso, já sendo possível distinguir suas duas pás. Uma era velha, remendada, a outra fora feita pouco tempo antes, de madeira nova, e reluzia ao sol.

A charrete seguia em linha reta, mas o moinho, por algum motivo, começou a fugir para a esquerda. Andavam, andavam e o moinho sempre zarpando para a esquerda, mas sem sumir de vista.

— Que belo moinho Boltva construiu para o filho! — observou Deniska.

— O gozado é que a gente não vê a fazenda onde fica o moinho.

— Está lá, depois do canal.

Logo surgiu a fazenda de Boltva, mas o moinho não ficava para trás, não passava, olhava para Iegóruchka com sua pá reluzente e rodava. Que feiticeiro!

---

a Décimo escalão na hierarquia do funcionalismo público. Equivalia a tenente, na hierarquia militar. (N. T.)

b 21 de julho, no calendário gregoriano. Festa que celebra um milagre atribuído ao ícone da Mãe de Deus de Kazan, de 1579. (N. T.)

c *Kulitch* é uma espécie de brioche típico da Páscoa. *Piróg* é um pastelão ou torta. (N. T.)

d Mikhail Vassílievitch Lomonóssov (1711-65). Físico, químico, poeta e gramático russo. (N. T.)

e Um *kurgan* é um pequeno monte de terra que recobre um túmulo, seja individual ou coletivo. Os mais antigos datam aproximadamente de 10 000 a.C., e os mais novos são do século 10. São numerosos na Rússia. (N. T.)

f Referência aos monumentos milenares esculpidos em pedra junto aos *kurgáni* (ver na pág. 19). (N. T.)

g Antiga medida russa. Uma versta equivale a 10,6 quilômetros. (N. T.)

II

Perto do meio-dia, a charrete fez uma curva à direita e saiu da estrada, avançou um pouco em ritmo de passeio e parou. Iegóruchka ouviu um rumor suave e carinhoso, e sentiu que uma espécie de ar diferente roçava seu rosto, como um veludo fresco. Da colina, que a natureza havia formado amontoando pedras enormes e monstruosas, a água corria num filete através de um tubo feito de hastes de cicuta, construído por algum benfeitor desconhecido. A água caía sobre a terra, cristalina, alegre, cintilante ao sol, murmurava baixinho e corria ligeiro para algum ponto à esquerda, parecendo se imaginar uma corrente forte e turbulenta. Perto da colina, o riachinho desaguava numa poça; os raios ardentes e a terra abrasada, que sorviam a água com avidez, suprimiam seu ímpeto; mas, um pouco à frente, ele devia se fundir a outro riachinho semelhante, porque a uns cem passos da colina, no sentido em que a água descia, verdejava um denso aglomerado de caniços, do qual três narcejas, ao passar da charrete, saíram voando entre gritos.

Os viajantes se acomodaram perto dos caniços para descansar e alimentar os cavalos. Kuzmitchóv, padre Khristofor e Iegóruchka sentaram sobre um feltro estendido na sombra rala projetada pela charrete e pelos cavalos desatrelados e começaram uma refeição rápida. O pensamento bonito e alegre que se fixara no cérebro do padre Khristofor devido ao calor pediu para se revelar, após ele ter tomado água e comido um ovo cozido. Ele olhou com carinho para Iegóruchka, mastigou um pouco e começou:

— Eu também estudei, irmão. Desde muito cedo, Deus me concedeu bom senso e inteligência, tanto assim que eu, quando tinha ainda sua idade, com minha capacidade de entendimento, ao contrário de outros, dava orgulho a meus pais e professores. Ainda não tinha quinze anos e já falava e escrevia versos em latim tão bem quanto em russo. Lembro que fui sacristão do monsenhor Khristofor. Uma vez, depois da missa, me recordo como se fosse hoje, era o dia do santo do nome do nosso piedosíssimo soberano Alexandre Pávlovitch, o Abençoado,[a] o monsenhor estava despindo os paramentos atrás do altar, quando olhou para mim com carinho e perguntou: "*Puer bone, quam appellaris?*"[b] E eu respondi: "*Christophorus sum*".[c] E ele: "*Ergo connominati sumus*", ou seja, portanto somos homônimos... Depois perguntou em latim: "Quem é você?". Respondi também em latim que eu era filho do diácono Siríiski, na aldeia de Lebedínskoie. Vendo minha presteza e a clareza de minhas respostas, o reverendíssimo me abençoou e disse: "Escreva para seu pai, diga que eu não vou me esquecer dele e que vou dar toda atenção a você". Os arciprestes e os sacerdotes que estavam atrás do altar, ao ouvirem o diálogo em latim, também ficaram bastante admirados e todos expressaram sua satisfação, me fazendo elogios. Eu ainda não tinha bigode, irmão, mas já lia em latim, grego e francês, sabia filosofia, matemática, história estrangeira e todas as ciências. Deus me deu uma memória de admirar. Acontecia de eu ler uma coisa duas vezes e lembrar tudo de cor. Meus mestres e benfeitores se admiravam a tal ponto que achavam que um dia eu seria um homem muito sábio, um luminar da Igreja. Eu mesmo pensei em ir a Kiev para prosseguir meus estudos, mas meus pais não aprovaram. "Você vai passar a vida toda estudando", disse meu pai, "e aí quando vamos poder vê-lo?" Ao ouvir tais palavras,

renunciei aos estudos e assumi um posto na igreja. Naturalmente, não me tornei nenhum sábio, em compensação não desobedeci a meus pais, dei consolo à velhice deles e os enterrei de maneira digna. A obediência vale mais que o jejum e as preces!

— Na certa o senhor já esqueceu tudo o que estudou! — comentou Kuzmitchóv.

— Como não esquecer? Com a ajuda de Deus, já tenho mais de sete décadas! Da filosofia e da retórica, ainda lembro alguma coisa, mas os idiomas e a matemática, esqueci completamente.

O padre Khristofor contraiu os olhos, pensou um pouco e falou à meia-voz:

— O que é o ser? O ser é uma coisa singular, que não exige outra para sua realização.

Girou a cabeça e riu de emoção.

— O alimento espiritual! — disse ele. — Na verdade, a matéria nutre a carne, mas o alimento espiritual nutre a alma.

— Estamos bem em matéria de estudos — suspirou Kuzmitchóv —, mas se não alcançarmos Varlámov, isso não vai nos servir de nada.

— Um homem não é uma agulha, vamos encontrá-lo. Ele agora está rodando por esta região.

Acima do brejo, voavam as três conhecidas narcejas; em seu piar se ouvia o desgosto e a irritação por terem sido expulsas dos caniços. Os cavalos mastigavam e resfolegavam compenetrados; Deniska andava em volta deles e, tentando mostrar que era de todo indiferente aos pepinos em conserva, aos pastéis e aos ovos que os patrões comiam, se concentrava no massacre dos mosquitos e das moscas que assediavam a barriga e o lombo dos cavalos. Emitindo com a garganta um som especial, vingativo e triunfante, ele batia palmas sobre suas vítimas e, em caso de insucesso, dava um grasnido

de irritação, seguindo com os olhos o felizardo que havia escapado da morte.

— Deniska, onde está você? — chamou Kuzmitchóv, com um suspiro profundo, dando a entender que estava farto de comer.

Deniska aproximou-se do tapete de feltro com timidez e escolheu cinco pepinos grandes e amarelos, por isso chamados de “amarelinhos” (teve vergonha de apanhar os menores e mais frescos), pegou dois ovos cozidos, pretos e rachados, e depois, hesitante, como se tivesse medo de que batessem em sua mão estendida, tocou o dedo num *pastelzinho*.

— Pegue, pegue! — insistiu Kuzmitchóv.

Deniska pegou um pastel com determinação e, afastando-se bastante, sentou no chão, com as costas apoiadas na charrete. Logo se ouviu um barulho de mastigação tão alto que até os cavalos se viraram e olharam para Deniska com ar desconfiado.

Depois de comer, Kuzmitchóv pegou uma bolsa na charrete e disse a Iegóruchka:

— Vou dormir, mas você vigie para que ninguém tire essa bolsa de debaixo da minha cabeça.

O padre Khristofor tirou a sotaina, o cinto e o cafetã, e Iegóruchka, depois de lançar um olhar em direção a ele, ficou paralisado de espanto. Jamais poderia imaginar que os sacerdotes usassem calças, mas o padre Khristofor estava vestindo calças de verdade, feitas de brim, enfiadas nos canos das botas, e uma jaqueta curta xadrez. Olhando para ele, Iegóruchka achou que naquela roupa, tão pouco apropriada à sua posição, ele ficava muito parecido com Robinson Crusoé, com seus cabelos compridos e sua barba. Sem a parte mais pesada das roupas, o padre Khristofor e Kuzmitchóv deitaram à sombra embaixo da charrete, com os rostos voltados um para o outro, e fecharam os olhos. Deniska parou de

mastigar, esparramou-se de barriga para cima, debaixo do sol, e também fechou os olhos.

— Vigie para que ninguém roube os cavalos! — disse ele para Iegóruchka e adormeceu na mesma hora.

Tudo ficou em silêncio. Só se ouvia a mastigação e o resfolegar dos cavalos e os roncos dos que dormiam; em algum lugar não muito perto, um abibe chorava e de vez em quando irrompia o trinado das três narcejas, que vinham ver se os visitantes indesejados já tinham ido embora; o riachinho murmurava num gorgolejo suave, mas nenhum daqueles sons perturbava o silêncio, nem agitava o ar parado; ao contrário, eles incitavam a natureza à sonolência.

Sufocado pelo calor, que agora, após a refeição, se fazia sentir com mais força, Iegóruchka correu para o brejo e de lá observou a região. Encontrou o mesmo que tinha visto antes do meio-dia: a planície, as colinas, o céu, a vastidão lilás. Só que as colinas estavam mais perto, já não havia o moinho, que tinha ficado muito para trás. Após a colina rochosa de onde corria o riacho, erguia-se outra, mais lisa e mais larga; nela se encravava um pequeno vilarejo de cinco ou seis casas. Em torno das isbás, não se via nem gente nem árvores nem sombras; o vilarejo parecia sufocado no ar abrasador e ressecado. Sem nada para fazer, Iegóruchka pegou um grilo no capim e, dentro do punho fechado, ergueu-o até a orelha e por muito tempo ficou ouvindo como ele tocava seu violino. Quando se fartou da música, correu atrás de um bando de borboletas amarelas que tinham voado para a água do brejo e nem se deu conta de que, assim, acabou voltando para a charrete. O tio e o padre Khristofor dormiam profundamente; na certa, seu sono ia se prolongar por duas ou três horas, até os cavalos ficarem descansados... Como matar aquele tempo comprido e onde se abrigar do calor? Missão traiçoeira... De maneira mecânica, Iegóruchka pôs a boca embaixo do filete de

água que escorria do tubo; dentro da boca, sentiu frio e um cheiro de cicuta; no início, bebeu com sofreguidão, depois, bebeu à força, até que um frio agudo se espalhou da boca para o corpo todo e a água encharcou a camisa. Em seguida foi para perto da charrete e olhou para os homens adormecidos. O rosto do tio, como antes, exprimia a secura de um homem de negócios. Fanático por seu trabalho, Kuzmitchóv sempre pensava em seus negócios, até ao dormir ou rezar na igreja, quando cantavam “Os querubins”,[d] não conseguia tirar aquilo da cabeça nem sequer por um minuto e agora, provavelmente, sonhava com lãs, fardos, estoques, preços, Varlámov... Já o padre Khristofor, homem manso, frívolo e afeito ao riso, não conheceu durante toda a vida nada que fosse capaz de aprisionar sua alma como uma jiboia. Em todas as inúmeras atividades a que se dedicou durante toda a vida, o que o atraía era menos a atividade em si do que a agitação e o relacionamento com as pessoas, inerentes a qualquer empreendimento. Assim, na viagem real, lhe interessava menos a lã, Varlámov e os preços do que o longo caminho, as conversas na estrada, o sono embaixo da charrete, as refeições fora de hora... E agora, a julgar por seu rosto, devia estar sonhando com o monsenhor Khristofor, o diálogo em latim, sua esposa,[e] roscas com creme de leite e tudo o que Kuzmitchóv não podia sonhar.

Na hora em que Iegóruchka olhava para os rostos adormecidos, de repente se ouviu uma canção suave. Em algum lugar não muito próximo, uma mulher cantava, mas era difícil precisar exatamente onde e de que lado. A canção suave, arrastada e melancólica parecia um pranto e mal dava para ouvi-la; soava ora da direita, ora da esquerda, ora do alto, ora debaixo da terra, como se acima da estepe revoasse e cantasse um espírito invisível. Iegóruchka olhava em volta e não entendia de

onde vinha aquela estranha canção; depois, quando a pôde escutar melhor, teve a impressão de que era o capim que cantava; já quase morto, já perdido, mas de modo lastimoso e sincero, o capim tentava com aquela canção sem palavras convencer alguém de que não tinha culpa de nada, de que o sol o havia queimado sem nenhum motivo; o capim afirmava que tinha uma fervorosa vontade de viver, que ainda era jovem e que seria bonito, se não fosse o calor brutal e a seca; o capim não tinha culpa e, no entanto, pedia perdão a alguém e jurava que sofria de maneira insuportável, entristecido e com pena de si mesmo...

Iegóruchka escutou mais um pouco e começou a ter a impressão de que a canção melancólica e arrastada deixara o ar ainda mais quente, sufocante e imóvel... Para abafar a canção, cantarolando e tentando fazer bastante barulho batendo com os pés no chão, ele correu para o brejo. De lá, olhou para todos os lados e descobriu quem estava cantando. Perto da última isbá do vilarejo, via-se uma mulher de saia curta, esguia e de pernas compridas como as de uma garça, peneirando alguma coisa; por debaixo de sua peneira, uma poeira branca subia preguiçosamente pelo morrinho. Agora estava bem claro para quem ela cantava. A uma *sajen*[f] dela, imóvel, estava um menino pequeno, só de camisa e sem gorro. Como que enfeitiçado pela canção, ele não se mexia e olhava para algo ali embaixo, provavelmente para a camisa vermelha de Iegóruchka.

A canção silenciou. Iegóruchka voltou para a charrete arrastando os pés e, de novo, sem ter o que fazer, ocupou-se com o filete de água.

E de novo ouviu a lenta canção. A mesma mulher de pernas compridas cantava no vilarejo atrás do morrinho. De repente, o tédio voltou a dominar Iegóruchka. Ele se afastou do tubo de água e ergueu os olhos. O que viu foi

tão inesperado que ele até se assustou um pouco. Acima de sua cabeça, numa das pedras grandes e disformes, estava um menino pequeno e gorducho, só de camisa, com uma barriga grande e saliente e perninhas finas, o mesmo que antes estava junto à mãe. Pasmo de surpresa, e não sem medo, como se estivesse diante de uma criatura do outro mundo, ele olhava, sem piscar e de boca aberta, para a camisa vermelha de Iegóruchka e para a charrete. A cor da camisa o atraía e encantava, e a charrete e as pessoas que dormiam embaixo dela despertavam sua curiosidade; talvez ele mesmo não tivesse se dado conta de como a cor vermelha e a curiosidade o haviam levado a descer do vilarejo e agora, na certa, estava surpreso com a própria ousadia. Iegóruchka observou-o por muito tempo, e ele fez o mesmo com Iegóruchka. Ambos estavam calados e sentiam certo embaraço. Depois de um longo silêncio, Iegóruchka perguntou:

— Como você se chama?

As bochechas do desconhecido se inflaram ainda mais; ele encostou o corpo na pedra, arregalou os olhos, mexeu os lábios e respondeu com uma voz áspera de baixo:

— Tit.

Os meninos não trocaram mais palavras. Após outro breve silêncio, e sem tirar os olhos de Iegóruchka, o misterioso Tit levantou uma perna, tateou com o calcanhar em busca de um ponto de apoio e galgou a pedra; de lá, recuou tateante e, olhando fixamente para Iegóruchka, como se tivesse medo de que ele o atacasse pelas costas, subiu na pedra seguinte e continuou subindo, até desaparecer por completo atrás do topo do morro.

Depois de seguir o menino com os olhos, Iegóruchka abraçou os joelhos e baixou a cabeça… Os raios ardentes lhe queimavam a nuca, o pescoço e as costas. A canção

melancólica ora se extinguia, ora voltava a atravessar o ar estagnado e sufocante, o riacho murmurava monótono, os cavalos mastigavam e o tempo se arrastava interminável, como se tivesse parado, congelado. Parecia que, desde a manhã, haviam se passado cem anos... Quem sabe Deus quisesse que Iegóruchka, a charrete e os cavalos ficassem paralisados naquele ar e, como as colinas, virassem pedra e se imobilizassem naquele mesmo lugar para sempre?

Iegóruchka levantou a cabeça e, com olhos entorpecidos, mirou para a frente; a vastidão lilás, que até então se mantinha imóvel, começava a oscilar e, junto com o céu, se deslocava para algum lugar ainda mais distante... Arrastava consigo o capim pardacento e os caniços; Iegóruchka disparou numa velocidade fora do comum atrás do horizonte que fugia. Uma espécie de força silenciosa o arrastava para algum lugar e, no seu encalço, corriam o calor escaldante e a canção indolente. Iegóruchka baixou a cabeça e fechou os olhos...

O primeiro a acordar foi Deniska. Alguma coisa o havia picado, porque ele deu um pulo, esfregou o ombro depressa e exclamou:

— Que a peste leve você, seu anátema, idólatra!

Em seguida foi até o riacho, bebeu água e ficou se lavando por muito tempo. Seus bufos e o barulho da água tiraram Iegóruchka do torpor. O menino olhou para o rosto molhado de Deniska, coberto de gotas e de sardas enormes, que o deixavam parecido com mármore, e perguntou:

— Vamos partir logo?

Deniska ergueu os olhos para verificar a altura do sol e respondeu:

— Seria bom.

Enxugou-se com a aba da camisa, fez uma cara muito séria e começou a pular num pé só.

— Vamos ver quem chega primeiro lá no brejo! — disse.

Iegóruchka estava prostrado pelo calor e pela sonolência, mas mesmo assim saiu pulando atrás dele. Deniska tinha cerca de vinte anos, trabalhava de cocheiro e já pensava em casar, mas ainda não deixara de ser um menino. Adorava soltar pipa, caçar pombos, brincar de jogar pedrinhas para o ar, apostar corrida e sempre se metia nas brincadeiras e nas brigas das crianças. Bastava que os patrões saíssem ou dormissem para ele logo se ocupar de alguma coisa como pular num pé só ou jogar pedrinhas. Qualquer adulto, ao ver o entusiasmo sincero com que ele participava das atividades dos meninos, tinha dificuldade em conter a exclamação: “Que cabeça oca!”. Já as crianças não viam nada de estranho na intrusão do cocheiro adulto em seu meio: deixe que brinque, contanto que não venha brigar! Assim como os filhotinhos de cães não veem nada de estranho quando um cachorro grande e manso se intromete e participa de suas brincadeiras.

Deniska chegou na frente de Iegóruchka e, pelo visto, ficou muito contente com isso. Piscou o olho e, para mostrar que podia pular num pé só a distância que quisesse, perguntou a Iegóruchka se não queria andar assim, num pé só, pela estrada e de lá, sem descansar, voltar para a charrete. Iegóruchka recusou o desafio, pois estava muito fraco e sem fôlego.

De repente, Deniska fez uma cara muito séria, como não fazia nem quando Kuzmitchóv o repreendia ou o ameaçava com um porrete; escutando com atenção, ele se abaixou devagar, apoiou um joelho no chão e teve o rosto tomado por uma expressão de severidade e medo, como acontece com as pessoas quando ouvem uma heresia. Ele mirou fixamente um ponto no meio do capim, ergueu bem devagar as mãos em forma de

concha e de repente caiu de barriga na terra e bateu com as mãos sobre o capim.

— Peguei! — berrou em triunfo e, ao se levantar, pôs um grande gafanhoto diante dos olhos de Iegóruchka.

Achando que aquilo seria do agrado do gafanhoto, Iegóruchka e Deniska alisaram suas costas verdes e compridas com os dedos e tocaram em suas antenas. Depois Deniska apanhou uma mosca gorda, empanturrada de sangue, e a ofereceu ao gafanhoto. Com grande tranquilidade, como se já conhecesse Deniska por longo tempo, o gafanhoto moveu as grandes mandíbulas, que pareciam uma viseira, e abocanhou a barriga da mosca. Ao soltarem o gafanhoto, o revestimento cor-de-rosa de suas asas reluziu por um momento, ele desceu para o capim e logo começou a estrilar seu canto. Libertaram também a mosca; ela ajeitou as asas e, sem a barriga, voou na direção dos cavalos.

Embaixo da charrete, ouviu-se um suspiro profundo. Kuzmitchóv estava acordando. Levantou a cabeça depressa, olhou em volta preocupado, e por aquele olhar, que atravessou Iegóruchka e Deniska com indiferença, era evidente que ele, ainda que mal tivesse despertado, já estava pensando na lã e em Varlámov.

— Padre Khristofor, levante, está na hora! — falou, inquieto. — Chega de dormir, já perdemos nosso negócio! Deniska, atrele os cavalos!

O padre Khristofor acordou com o mesmo sorriso com que havia adormecido. Seu rosto estava amassado, enrugado pelo sono, e parecia ter se reduzido a metade do tamanho. Depois de se lavar e se vestir, sem a menor pressa, ele tirou do bolso um pequeno e encardido Livro dos Salmos e, com o rosto voltado para o leste, começou a ler num sussurro e a fazer o sinal da cruz.

— Padre Khristofor! — disse Kuzmitchóv em tom de censura. — Está na hora de partir, os cavalos já estão

prontos e o senhor, pelo amor de Deus...

— Já vou, já vou... — balbuciou o padre Khristofor. — Tenho de ler meus salmos... Hoje ainda não li.

— Os salmos podem ficar para depois.

— Ivan Ivánitch, tenho uma obrigação diária... Não posso fazer diferente.

— Deus não vai fazer questão.

Durante um bom quarto de hora, o padre Khristofor ficou parado, com o rosto virado para o leste, e movia os lábios, enquanto Kuzmitchóv olhava para ele quase com ódio, contraindo os ombros com impaciência. Ele ficava especialmente irritado quando o padre Khristofor, depois de cada "glória", respirava fundo, fazia um ligeiro sinal da cruz e, em voz intencionalmente alta, para que os outros também se persignassem, dizia três vezes:

— Aleluia, aleluia, aleluia, glória a ti, Deus!

Por fim, sorriu, olhou para o céu, colocou o Livro dos Salmos no bolso e disse:

— *Fini*![g]

Um minuto depois, a charrete seguia pela estrada. Como se ela andasse para trás e não para a frente, os viajantes contemplavam as mesmas cenas que tinham visto antes do meio-dia. As colinas continuavam a afundar na vastidão lilás e não se avistava seu fim; passavam ligeiro ervas daninhas e seixos, campos ceifados se espraiavam e as mesmas gralhas e o mesmo falcão, que agitava suas asas possantes, voavam acima da estepe. No calor e no silêncio, o ar estava ainda mais parado que antes, a natureza submissa se entorpecia no silêncio... Nenhum vento, nenhum som fresco e alegre, nenhuma nuvenzinha.

Mas enfim, quando o sol começou a baixar no oeste, a estepe, as colinas e o ar não conseguiram mais suportar a opressão e, exaustos e com a paciência esgotada, tentaram se desvencilhar daquele jugo. Por trás das

colinas, surgiu inesperadamente uma nuvem ondulada e cinzenta. A nuvem trocou um olhar com a estepe — E então? Estou pronta. — e fez cara feia. De repente, algo irrompeu no ar parado, o vento bateu forte e, com alarde, girou pela estepe num uivo. No mesmo instante, o capim e as ervas daninhas do ano anterior ergueram um murmúrio, a poeira rodou em espirais na estrada, correu pela estepe e, arrastando consigo pedaços de palha, libélulas e penas, subiu na direção do céu na forma de uma coluna rodopiante e encobriu o sol. Bolas formadas por ervas secas emaranhadas corriam pela estepe, tropeçando e saltando, para a frente e para os lados; uma delas foi parar num redemoinho de vento, girou como um pássaro, voou na direção do céu, transformou-se num pontinho preto e sumiu de vista. Atrás dela, disparou outra, e uma terceira, e Iegóruchka viu duas daquelas bolas de ervas secas se chocarem no céu azul e se atracarem uma à outra, como num duelo.

Um sisão alçou voo pertinho da estrada. As asas e a cauda faiscaram e ele, banhado pelo sol, parecia uma isca de pesca ou uma mariposa de lagoa, cujas asas, quando ela dispara sobre a superfície da água, se confundem com as antenas, criando a impressão de que as antenas cresceram na frente, atrás e nas laterais do corpo… Palpitando no ar como um inseto, brincando com o próprio colorido, o sisão subiu muito, em linha reta, e depois, certamente assustado com a nuvem de poeira, disparou para o lado e por muito tempo seu brilho pôde ser visto no céu…

Então, assustado com a ventania e sem entender o que se passava, um codornizão levantou voo do capim. Voou a favor do vento, não contra, como fazem todos os pássaros; por isso suas penas ficaram eriçadas, todo ele inflou até parecer uma galinha muito grande e assumiu um aspecto raivoso e imponente. Só as gralhas, que tinham envelhecido na estepe e se habituado àquelas

reviravoltas, voavam tranquilas acima do capim ou, já indiferentes, ciscavam a terra endurecida com seus bicos grossos.

Atrás das colinas, um trovão ressoou surdamente; soprou um vento mais fresco. Deniska deu um assovio alegre e chicoteou os cavalos. Segurando seus chapéus, padre Khristofor e Kuzmitchóv dirigiam o olhar para as colinas... Seria bom se caísse uma chuva!

Parecia que bastava um pequeno esforço, só um empurrão, para a estepe levar a melhor. Mas, pouco a pouco, uma força invisível e opressiva acorrentou o vento e o ar, fez baixar a poeira e, de novo, como se não tivesse acontecido nada, veio o silêncio. A nuvem se ocultou, as colinas queimadas de sol se tornaram soturnas, o ar se deteve submisso; somente os abibes agitados lamentavam e choravam seu destino em algum lugar...

Logo em seguida, começou a entardecer.

---

a Alusão ao tsar Alexandre I (1777-1825). (N. T.)

b Em latim, “Boa criança, como se chama?”. (N. T.)

c “Sou Khristofor.” (N. T.)

d Hino da liturgia de São João Crisóstomo. (N. T.)

e Os padres da Igreja ortodoxa não são celibatários. (N. T.)

f Antiga medida russa: 2,13 metros. (N. E.)

g Em latim, “fim”. (N. E.)

III

Na penumbra do entardecer, surgiu uma grande casa térrea com telhado de ferro enferrujado e janelas escuras. Chamavam aquela casa de estalagem, embora à sua volta não houvesse nenhum estábulo e ela ficasse no meio da estepe, sem nenhuma cerca. Ao lado, via-se a mancha escura de um pobre jardinzinho de cerejeiras cercado; junto às janelas, girassóis dormiam de pé e cabeça baixa. No jardim, rangia um pequeno moinho, construído ali para assustar as lebres. Não se ouvia nem se via mais nada ao redor da casa, senão a estepe.

Assim que a charrete parou perto do alpendre coberto por um toldo, soaram vozes alegres dentro da casa — uma de homem e outra de mulher —, a porta rangeu nas dobradiças e no instante seguinte surgiu perto da charrete uma figura alta e magra, que abanava os braços e as abas da roupa. Era Moissei Moisséievitch, o dono da estalagem, homem já não tão jovem, de rosto muito pálido e com uma barba bonita e preta como tinta. Vestia uma sobrecasaca preta e surrada, que balançava sobre os ombros estreitos como se estivesse num cabide; toda vez que Moissei Moisséievitch erguia os braços de alegria ou de horror, as abas dela sacudiam como asas. Além da sobrecasaca, o proprietário usava uma calça branca e larga por fora das botas e um colete de veludo estampado com flores vermelhas que pareciam percevejos gigantes.

Moissei Moisséievitch reconheceu os visitantes e, de início, ficou paralisado, dominado pela emoção, então levantou os braços e deu um gemido. As abas da sobrecasaca se agitaram, suas costas arquearam e em

seu rosto pálido se abriu um sorriso tão grande como se, para ele, a visão da charrete fosse algo não apenas agradável, mas de uma doçura torturante.

— Ah, meu Deus, meu Deus! — exclamava com voz fina e melodiosa, agitava-se ofegante e, com seus movimentos, impedia que os passageiros descessem da charrete. — Que dia feliz para mim! Ah, mas o que vou fazer agora? Ivan Ivánitch! Padre Khristofor! E que garotinho bonito vem sentado na boleia, que Deus me castigue! Ah, meu Deus, e eu fico aqui parado e não convido as visitas para entrar! Por favor, peço muito humildemente... tenham a bondade! Deixem todas suas bagagens comigo... Ah, meu Deus!

Tateando as bagagens na charrete e ajudando os passageiros a descer, Moissei Moisséievitch de repente virou-se para trás e gritou com voz selvagem e sufocada, como se estivesse se afogando e pedindo socorro:

— Solomon! Solomon!

— Solomon! Solomon! — repetiu uma voz de mulher dentro da casa.

A porta rangeu nas dobradiças e surgiu na soleira um judeu jovem e baixo, ruivo, de nariz grande e aquilino e com uma pequena careca no meio dos cabelos crespos e duros; vestia um paletó curto muito surrado, de abas redondas e mangas curtas, calças curtas de malha, que lhe faziam parecer encurtado e estreito, como um pássaro depenado. Era Solomon, irmão de Moissei Moisséievitch. Calado, sem cumprimentar ninguém, apenas sorrindo de maneira estranha, ele se aproximou da charrete.

— Ivan Ivánitch e padre Khristofor chegaram! — lhe disse Moissei Moisséievitch em um tom de voz como se ele parecesse temer que o outro não estivesse acreditando. — Ai, puxa, que coisa extraordinária, pessoas assim tão boas se deram o trabalho de vir aqui!

Vamos, Solomon, leve as bagagens! Por favor, hóspedes queridos!

Pouco depois, Kuzmitchóv, padre Khristofor e Iegóruchka já estavam sentados numa sala ampla, sombria e vazia, diante de uma mesa velha de carvalho. A mesa era um móvel quase solitário, pois além dela, de um sofá largo com o estofamento esburacado e de três cadeiras, não havia mais nenhum móvel na sala espaçosa. E quanto às cadeiras, era difícil alguém até chamá-las assim. Eram deploráveis simulacros de móveis, de forro antiquado e espaldar inclinado à força para trás, o que lhes conferia o aspecto de trenós de crianças. Era difícil entender que ideia de conforto tinha em mente o marceneiro desconhecido ao inclinar o espaldar das cadeiras de forma tão impiedosa, e então vinha à mente que a culpa não era do marceneiro, mas de algum homem muito forte que havia passado por ali e, querendo se gabar de sua força, entortou o espaldar das cadeiras, depois tentou endireitá-lo e acabou o entortando mais ainda. A sala parecia escura. As paredes eram cinzentas, o teto e as cornijas estavam enfumaçados, no chão se estendiam fendas e se abriam buracos de origem desconhecida (dava para pensar que tinham sido abertos pelos calcanhares do mesmo homem forte), e parecia que, ainda que pendurassem no teto dez lampiões, a sala continuaria escura. Nem nas paredes nem nas janelas havia algo parecido com enfeites. No entanto, numa moldura cinzenta de madeira pendurada na parede, estava uma espécie de lista de regras encimada por uma águia bicéfala[a] e, em outra parede, numa moldura igual, uma espécie de gravura com a legenda: “A indiferença dos homens”. A que eram indiferentes os homens não se podia entender, pois a gravura estava muito apagada pelo tempo e tinha sido

fartamente emporcalhada pelas moscas. O cômodo tinha um cheiro bolorento e azedo.

Ao entrar na sala em companhia dos hóspedes, Moissei Moisséievitch continuou a fazer suas reverências, erguendo os braços, encolhendo-se e dando exclamações de alegria — julgava necessário executar tudo isso a fim de se mostrar extraordinariamente educado e amável.

— Quando nossos comboios passaram aqui? — perguntou Kuzmitchóv.

— Uma parte passou hoje de manhãzinha; a outra, Ivan Ivánitch, descansou aqui no almoço e seguiu em frente à tarde.

— E... o Varlámov já passou por aqui ou não?

— Não, Ivan Ivánitch. Ontem de manhãzinha, passou o feitor dele, Grigóri Iegóritch, e disse que ele tinha de ir hoje à fazenda do *molokan*.[b]

— Ótimo. Portanto vamos agora alcançar os comboios e depois vamos à fazenda do *molokan*.

— Mas Deus nos livre, Ivan Ivánitch! — apavorou-se Moissei Moisséievitch, erguendo os braços. — Para onde vocês podem ir no meio da noite? Vocês devem jantar tranquilamente, pernoitar aqui e amanhã, se Deus quiser, seguirão bem cedinho e alcançarão quem tiverem de alcançar!

— Não tenho tempo, não tenho tempo... Desculpe, Moissei Moisséievitch, outra vez, quem sabe? Mas agora não tenho tempo. Vamos ficar só um quarto de hora e depois partiremos, mas podemos pernoitar na casa do *molokan*.

— Um quarto de hora! — guinchou Moissei Moisséievitch. — Deus me perdoe, Ivan Ivánitch! Assim o senhor me obriga a esconder seu chapéu e passar o ferrolho na porta! Tem de comer um pouquinho e tomar um chá!

— Não temos tempo para chá nem para açúcar — disse Kuzmitchóv.

Moissei Moisséievitch inclinou a cabeça para o lado, dobrou os joelhos e levantou as palmas das mãos para a frente, como que para se defender de socos, e começou a suplicar com um sorriso meigo e aflito:

— Ivan Ivánitch! Padre Khristofor! Façam a bondade de comer e tomar chá comigo! Será que me tornei um homem tão ruim que não se pode nem mais tomar um chá em minha companhia? Ivan Ivánitch!

— Ora, está bem, podemos tomar um chazinho — suspirou o padre Khristofor com compaixão. — Não vai nos deter muito tempo.

— Muito bem, está certo! — concordou Kuzmitchóv.

Moissei Moisséievitch se animou, gritou de alegria, estremecendo como se tivesse acabado de pular da água gelada para um lugar quente, correu para a porta e gritou com a mesma voz selvagem e estrangulada com que antes havia chamado Solomon:

— Rosa! Rosa! Traga o samovar!

Um minuto depois, abriu-se a porta e Solomon entrou na sala com uma grande bandeja nas mãos. Ao colocá-la sobre a mesa, ele olhou para o lado de maneira irônica e sorriu da mesma forma estranha de antes. Agora, à luz da lamparina, era possível distinguir seu sorriso; era muito complexo e exprimia vários sentimentos, mas nele predominava uma coisa — um evidente desprezo. Ele parecia pensar em algo engraçado e tolo, parecia desprezar alguém a quem não conseguia suportar, parecia divertir-se com algo e estar à espera da hora certa para atacar alguém com sarcasmo e então rolar de rir. O nariz comprido, os lábios gordos e os olhos espertos e saltados estavam impregnados do desejo de cair na gargalhada. Ao observar seu rosto, Kuzmitchóv sorriu com ironia e perguntou:

— Solomon, por que você não veio nos ver em N. nesse verão para fazer suas imitações de judeus na feira?

Uns dois anos antes, e o próprio Iegóruchka se lembrava muito bem, Solomon tinha ido à feira em N. e, numa das barracas, havia representado cenas da vida dos judeus e feito grande sucesso. A lembrança daquilo não despertou nenhuma impressão em Solomon. Sem responder, ele saiu e voltou pouco depois com o samovar.

Tendo cumprido seu dever à mesa, ele se afastou de lado e, com os braços cruzados sobre o peito, apoiou um pé um pouco à frente e fixou os olhos irônicos no padre Khristofor. Na sua postura havia algo de desafiador, arrogante, desdenhoso e ao mesmo tempo cômico e digno de pena, no mais alto grau, porque quanto mais altiva sua pose, mais se sobressaíam em primeiro plano a calça curta, o diminuto paletó, o nariz caricato e toda sua figura de pássaro depenado.

Moissei Moisséievitch trouxe um tamborete de outro cômodo e sentou a certa distância da mesa.

— Bom apetite! Aí estão o chá e o açúcar! — tratando de entreter seus hóspedes. — Comam à vontade. Visitas tão raras, tão raras, e já faz cinco anos que eu não via o padre Khristofor. Mas ninguém quer me dizer quem é esse senhorzinho bonito aqui? — perguntou, olhando com carinho para Iegóruchka.

— É o filho de minha irmã, Olga Ivánovna — respondeu Kuzmitchóv.

— E para onde está indo?

— Vai estudar. Estamos levando-o para o ginásio.

Por cortesia, Moissei Moisséievitch exprimiu no rosto sua admiração e balançou a cabeça de modo expressivo.

— Ah, isso é muito bom! — disse, balançando o dedo apontado para o samovar. — Isso é muito bom! Você vai sair do ginásio um homem tão importante que todos nós vamos tirar o chapéu ao vê-lo. Vai ser inteligente, rico,

com ambição, sua mãe vai ficar muito contente. Ah, que ótimo!

Calou-se por um instante, coçou os joelhos e começou a falar num tom de voz ao mesmo tempo respeitoso e jocoso:

— O senhor me perdoe, padre Khristofor, mas eu tinha intenção de escrever para o bispo dizendo que o senhor está tirando o pão da boca dos comerciantes. Vou pegar um papel timbrado e escrever que o padre Khristofor parece estar com poucos rublos e que por isso passou a se ocupar com o comércio e anda vendendo lã.

— Pois é, imagine só, na minha velhice... — disse o padre Khristofor e deu uma risada. — Larguei a batina, meu caro, e virei comerciante. Na verdade eu deveria estar em casa rezando, mas em vez disso sacolejo pelas estradas como o faraó em sua carruagem... A vaidade!

— Em compensação, virão para o bolso muitas moedinhas!

— Pois sim! Não vou ver nem sombra. Afinal, a mercadoria não é minha, e sim de meu genro Mikhail!

— E por que ele mesmo não veio?

— Porque... O leite materno ainda não secou nos lábios dele. Para comprar lã é com ele mesmo, mas para vender... Não tem cabeça, ainda é jovem. Desperdiçou todo seu dinheiro, quis ter muito lucro para poder ostentar, mas andou por todo lado e ninguém quis pagar o seu preço. O rapaz ficou rodando por aí durante um ano, então me procurou e disse: “Paizinho, venda a lã, faça essa caridade! Não entendo nada desse negócio!”. Pois é isso mesmo. Primeiro o paizinho não serve para nada, depois vem correndo pedir ajuda a ele. Quando comprou, não perguntou nada, mas agora quer o papai. E o que o papai pode fazer? Se não fosse o Ivan Ivánitch, o papai não poderia ter feito nada. Quanta preocupação eles causam!

— Pois é, os filhos dão muita preocupação mesmo, é o que digo! — suspirou Moissei Moisséievitch. — Eu mesmo tive seis filhos. Um a gente ensina, outro a gente cura, outro a gente carrega nos braços... E quando crescem dão mais preocupação ainda. Mas isso não é novidade nenhuma; até nas Escrituras consta que era assim. Quando os filhos de Jacó eram pequenos, ele chorava e, quando cresceram, chorava mais ainda!

— Hmm, é sim... — concordou o padre Khristofor, olhando pensativo para seu copo. — Pessoalmente, não tenho de que me queixar a Deus. Cheguei ao limite da vida e tenho tudo que se pode desejar... Casei as filhas com pessoas boas, os filhos ganham a vida sozinhos e agora estou livre, cuido de meu trabalho, posso ir para onde eu quiser. Vivo sossegado com minha esposa, como, bebo e durmo, me divirto com os netos e rezo. Não preciso de mais nada. Levo uma vida folgada e não peço nada a ninguém. Nunca tive nenhum desgosto e se agora o tsar me perguntasse: “O que gostaria de ter? O que você quer?”, eu diria que não preciso de mais nada! Já tenho tudo, e por tudo eu dou graças a Deus. Não há em toda cidade nenhum homem mais feliz do que eu. Só que meus pecados são muitos; mas, afinal, também se pode dizer que só Deus não tem pecados. Não é verdade?

— Claro, é verdade.

— Bem, é natural, não tenho mais dentes, as costas doem por causa da idade, e ora é uma coisa, ora é outra... Tenho falta de ar e uma porção de coisas... Sinto dores, o corpo está fraco, mas é que eu já vivi muito, julgue você mesmo! Passei dos setenta! Não quero viver para sempre, a gente tem de saber quando é hora de ir embora.

De repente, o padre Khristofor se lembrou de uma coisa, virou a cara para o copo, deu uma gargalhada e,

de tanto rir, acabou tossindo. Por cortesia, Moissei Moisséievitch também riu e tossiu.

— Que comédia! — disse o padre Khristofor e abanou a mão. — Meu filho mais velho, Gavrila, veio me visitar. Trabalha com medicina e está prestando serviço na província de Tchernigov, é um dos médicos do *ziémstvo*[c]... Muito bem... Eu lhe disse: "Escute, tenho falta de ar e mais isso e mais aquilo... Você é médico, cure seu pai!". Ele logo tirou minha roupa, deu batidinhas, auscultou, fez uma porção dessas coisas... apertou minha barriga e depois falou: "Pai, você precisa se tratar com ar comprimido".

Padre Khristofor deu uma gargalhada convulsiva, até as lágrimas.

— Aí eu disse para ele: "Fique com Deus e com esse tal de ar comprimido!" — contou entre risos e abanou os dois braços. — Fique com Deus e com esse tal de ar comprimido!

Moissei Moisséievitch também se levantou e, com as mãos na barriga, desatou uma risada aguda, semelhante ao latido de um cãozinho de colo.

— Fique com Deus, e com esse tal de ar comprimido! — repetiu o padre Khristofor, gargalhando.

Moissei Moisséievitch desatou uma risada duas notas acima e riu de forma tão convulsiva que mal conseguia ficar de pé.

— Ah, meu Deus... — gemia entre os risos. — Deixe-me retomar o fôlego... O senhor me faz rir tanto que... ah! Vou morrer.

Enquanto ria e falava, ele lançava olhares de temor e desconfiança para Solomon. Esse continuava na posição de antes e sorria. A julgar pelos olhos e pelo sorriso, Solomon estava cheio de ódio e desprezo, mas aquilo estava em tamanho desacordo com sua figurazinha depenada, que Iegóruchka tinha a impressão de que ele

adotava uma atitude desafiadora e uma expressão cáustica e desdenhosa de propósito, por brincadeira, só para fazer rir os hóspedes queridos.

Depois de beber calado uns seis copos de chá, Kuzmitchóv limpou o espaço da mesa à sua frente, pegou a bolsa — a mesma que pusera sob a cabeça ao dormir embaixo da charrete —, desamarrou o cordão do fecho e sacudiu-a. Maços de dinheiro caíram sobre a mesa.

— Já que ainda temos tempo, padre Khristofor, vamos contar — disse Kuzmitchóv.

Ao ver o dinheiro, Moissei Moisséievitch sentiu-se embaraçado, levantou-se e, como um homem discreto que não queria saber dos segredos alheios, saiu da sala na ponta dos pés e balançando os braços. Solomon permaneceu onde estava.

— Quantos rublos há em cada maço? — perguntou o padre Khristofor.

— Cinquenta… Nos de notas de três rublos, tem noventa… Nos de notas de vinte e cinco e de cem rublos, tem mil. O senhor conte sete mil e oitocentos para Varlámov e eu vou contar para Gússievitch. Preste atenção para não contar errado…

Iegóruchka nunca na vida tinha visto tamanho monte de dinheiro como o que estava agora sobre a mesa. Devia ser uma quantia alta, pois o maço de sete mil e oitocentos que o padre Khristofor havia separado para Varlámov era muito pequeno em comparação aos demais. Em outro momento, tamanha quantia de dinheiro talvez impressionasse Iegóruchka e despertasse nele conjeturas sobre quantos biscoitos, bolinhos e tortas poderia comprar com aquele monte; mas agora olhava para o dinheiro com ar apático e sentia apenas o cheiro repugnante de maçã podre e querosene que vinha das cédulas. Moído pelos sacolejos da viagem na charrete, ele estava exausto e com sono. Sua cabeça pendia para trás, os olhos não queriam ficar abertos e os

pensamentos se emaranhavam como fios. Se fosse possível, teria prazer em deitar a cabeça sobre a mesa, fechar os olhos para não ver os lampiões e os dedos que se moviam sobre os maços de notas e permitir que os pensamentos entorpecidos e sonolentos se emaranhassem mais ainda. Quando fazia força para não dormir, a chama do lampião, as xícaras e os dedos se duplicavam, o samovar oscilava e o cheiro de maçã podre parecia ainda mais forte e repulsivo.

— Ah, dinheiro, dinheiro! — suspirou o padre Khristofor, sorrindo. — Fonte de desgosto! A esta hora, meu Mikhail na certa está dormindo e sonhando que vou lhe trazer um monte de dinheiro igual a este.

— O seu Mikhail Timofeitch é um homem que não entende dessas coisas — disse Kuzmitchóv à meia-voz. — Ele se mete em assuntos que não conhece, mas o senhor entende e pode avaliar. O senhor devia ter deixado sua lã comigo e voltado para casa. Como havia dito, eu lhe pagaria meio rublo acima do meu preço, e faria isso pela consideração que lhe tenho…

— Não, Ivan Ivánitch — suspirou o padre Khristofor. — Agradeço sua atenção… Naturalmente, se dependesse de mim, nem discutia, mas acontece que, como o senhor sabe, a mercadoria não me pertence…

Moissei Moisséievitch entrou na ponta dos pés. Tentando, por cortesia, não olhar para o monte de dinheiro, andou sorrateiramente na direção de Iegóruchka e puxou-o para trás pela camisa.

— Venha comigo, garoto — disse à meia-voz. — Vou lhe mostrar um ursinho! É bravo, terrível! Uh uh uh!

O sonolento Iegóruchka se levantou e andou a custo atrás de Moissei Moisséievitch para ver o urso. Entrou num quarto pequeno onde, antes mesmo de ver qualquer coisa, ficou sufocado pelo cheiro azedo e bolorento, que ali era muito mais denso do que na sala ampla, e que, sem dúvida, se propagava de lá para a casa toda.

Metade do quarto estava tomada por uma cama grande, coberta por uma manta sebosa, acolchoada, enquanto a outra metade era ocupada por uma cômoda e por pilhas de trapos dos mais variados, desde saias engomadas e duras até calças curtas e suspensórios de criança. Sobre a cômoda, havia uma vela de sebo acesa.

No lugar do urso prometido, Iegóruchka viu uma judia grande, muito gorda e de cabelos desgrenhados, num vestido vermelho de flanela com bolinhas pretas; ela se movia pesadamente na passagem estreita entre a cama e a cômoda e dava suspiros e gemidos prolongados, como se os dentes doessem. Ao ver Iegóruchka, fez cara de choro, deu um suspiro arrastado e, antes que o menino pudesse se dar conta, levou à boca dele um pedaço de pão lambuzado de mel.

— Come, menino, come! — disse ela. — Aqui você está sem a mamãe, não tem ninguém para lhe dar comida. Come.

Iegóruchka começou a comer, embora, acostumado aos bombons e bolos com semente de papoula que comia todo dia em sua casa, não visse nada de bom naquele mel misturado com cera e com asas de abelhas. Enquanto comia, Moissei Moisséievitch e a judia olhavam para ele e suspiravam.

— Para onde está indo, menino? — perguntou a judia.

— Estudar — respondeu Iegóruchka.

— E quantos filhos tem sua mãe?

— Sou o único. Não tem mais nenhum.

— Ah, oh! — suspirou a judia e ergueu os olhos. — Pobre mãezinha, pobre mãezinha! Como deve ficar triste e chorar! Daqui a um ano, também vamos mandar nosso Naum para estudar! Oh!

— Ah, o Naum, o Naum! — suspirou Moissei Moisséievitch, e a pele de seu rosto pálido tremeu nervosa. — Ele anda tão doente.

A manta sebosa se remexeu e, por baixo dela, surgiu a cabeça de cabelos cacheados de uma criança, com pescoço muito fino; dois olhos pretos brilharam e, com curiosidade, cravaram-se em Iegóruchka. Moissei Moisséievitch e a judia, que não parava de suspirar, se aproximaram da cômoda e começaram a conversar em iídiche. Moissei Moisséievitch falava à meia-voz, em tom grave de baixo, e no geral sua fala em língua parecia um ininterrupto "gal-gal-gal-gal…", enquanto a esposa respondia com a vozinha aguda de um peru com algo mais ou menos como um "tu-tu-tu-tu…". Enquanto os dois confabulavam, outra cabecinha de cabelos cacheados e pescoço fino surgiu debaixo da manta sebosa, depois uma terceira, e uma quarta… Se Iegóruchka tivesse a imaginação fértil, pensaria que embaixo da manta havia uma hidra de cem cabeças.

— Gal-gal-gal-gal… — dizia Moissei Moisséievitch.

— Tu-tu-tu-tu… — respondia a judia.

A confabulação terminou, quando a judia, com um suspiro profundo, se arrastou até a cômoda, desenrolou uma espécie de trapo verde e pegou um grande *priánik*[d] de centeio em forma de coração.

— Pegue, menino — disse ela, dando o *priánik* para Iegóruchka. — Agora você está sem sua mãezinha, não tem ninguém para lhe dar guloseimas.

Iegóruchka pôs o *priánik* no bolso e recuou para a porta, pois já não conseguia mais respirar o ar azedo e bolorento em que eles viviam. Voltou para a sala ampla, se acomodou de modo mais confortável no sofá e deixou seus pensamentos vagarem.

Kuzmitchóv tinha acabado de contar o dinheiro e estava colocando as notas de volta na bolsa. Tratava o dinheiro sem qualquer respeito especial e jogava as notas sem a menor cerimônia dentro da bolsa suja, com

tamanha indiferença, como se aquilo nem fosse dinheiro, mas papel velho.

O padre Khristofor conversava com Solomon.

— Ora, e o Solomon, o sábio? — perguntou bocejando e fazendo o sinal da cruz sobre a boca. — Como vão os negócios?

— A que negócios o senhor se refere? — perguntou Solomon e olhou de modo malicioso, como se o padre estivesse insinuando algum crime que ele tivesse cometido.

— Negócios gerais... O que anda fazendo?

— O que ando fazendo? — repetiu a pergunta Solomon e encolheu os ombros. — O mesmo que todo mundo... O senhor está vendo: sou um lacaio. Sou lacaio do meu irmão, meu irmão é lacaio dos viajantes, os viajantes são lacaios de Varlámov e, se eu tivesse dez milhões, Varlámov seria meu lacaio.

— Mas por que ele seria seu lacaio?

— Por quê? Porque não existe um senhor ou um milionário que aceite lamber as mãos de um judeu desprezível para ganhar um copeque a mais. Agora, sou um judeu desprezível e miserável, todo mundo olha para mim como se eu fosse um cachorro, mas se eu tivesse dinheiro, Varlámov faria diante de mim as mesmas palhaçadas que Moissei faz para vocês.

Padre Khristofor e Kuzmitchóv trocaram olhares. Nem um nem outro compreendia Solomon. Kuzmitchóv fitou-o com ar severo e seco e perguntou:

— Como você, um tolo tão grande, pode se comparar a Varlámov?

— Eu ainda não sou tão tolo a ponto de me comparar a Varlámov — respondeu Solomon, olhando com ironia para seus interlocutores. — Embora Varlámov seja russo, no espírito, é um judeu desprezível; passou a vida inteira no meio do dinheiro e do lucro, enquanto eu queimei meu dinheiro no fogo da estufa. Não preciso de dinheiro

nem de terra nem de ovelhas, não preciso que tenham medo de mim nem que tirem o chapéu quando passo. Portanto sou mais inteligente que seu Varlámov e mais parecido com um homem!

Pouco depois, semiadormecido, Iegóruchka ouviu como Solomon falou sobre os judeus, com sua voz surda e rouca por causa do ódio que o sufocava, pronunciando mal as vogais e falando muito depressa; de início, falou direito, em russo, depois adotou o tom dos contadores de caso da vida dos judeus e começou a falar como fazia em outros tempos, numa barraca de feira, com um sotaque judeu exagerado.

— Espere… — interrompeu o padre Khristofor. — Se sua fé não lhe agrada, troque por outra, mas zombar dela já é pecado; quem escarnece da própria fé é o último dos homens.

— Vocês não entendem nada! — retrucou Solomon com voz rouca. — Eu lhes digo uma coisa e vocês entendem outra…

— Agora está bem claro que você é um homem tolo — suspirou o padre Khristofor. — Eu lhe dou o melhor conselho que posso e você se irrita. Eu lhe falo de modo manso, como uma pessoa mais velha, e você parece um peru: blá-blá-blá! Você é muito estranho, francamente…

Moissei Moisséievitch entrou. Lançou um olhar apreensivo para Solomon e para seus hóspedes e, de novo, a pele de seu rosto tremeu de maneira nervosa. Iegóruchka sacudiu a cabeça e olhou à sua volta; viu de relance o rosto de Solomon exatamente no momento em que estava com três quartos virado para ele e a sombra de seu nariz comprido atravessava toda a bochecha esquerda; o sorriso desdenhoso, misturado àquela sombra, os olhos brilhantes e zombeteiros, a expressão arrogante e toda sua figura de ave depenada, se duplicando e vista de relance pelos olhos de Iegóruchka, o deixavam agora parecido não com um bufão, mas sim

com uma dessas figuras que aparecem nos sonhos, talvez um espírito maligno.

— Parece que você tem um endemoniado em sua casa, Moissei Moisséievitch, que Deus o proteja! — disse o padre Khristofor, com um sorriso. — Talvez fosse melhor construir uma casa para ele, ou casá-lo, não sei... Nem parece um homem...

Kuzmitchóv franziu as sobrancelhas com ar zangado. Moissei Moisséievitch lançou de novo um olhar apreensivo para o irmão e para os hóspedes.

— Solomon, saia daqui! — disse em tom severo. — Saia!

E acrescentou mais alguma coisa na língua dos judeus. Solomon deu um riso entrecortado e saiu.

— O que houve? — perguntou assustado Moissei Moisséievitch para o padre Khristofor.

— Ele está perdendo a razão — respondeu Kuzmitchóv. — É grosseiro e presunçoso.

— Eu já sabia! — exclamou Moissei Moisséievitch erguendo os braços. — Ah, meu Deus! Meu Deus! — balbuciou à meia-voz. — Sejam bondosos, por favor, perdoem, não fiquem com raiva. É um homem difícil, muito difícil! Ah, meu Deus! Meu Deus! É meu irmão de sangue, mas só me traz desgraça e mais nada. É que ele, entendem...

Moissei Moisséievitch girou o dedo apontado para a testa e prosseguiu:

— Tem a cabeça virada... é um homem perdido. E não sei mais o que fazer com ele! Não gosta de ninguém, não respeita ninguém, não teme ninguém... Vejam, ele ri de todos, fala bobagens, critica qualquer um. Os senhores não podem acreditar, uma vez Varlámov veio aqui e Solomon lhe falou de tal maneira que ele bateu com o chicote em Solomon e em mim também... Mas por que em mim? Por acaso tenho culpa? Deus tirou a razão dele, portanto é a vontade de Deus, e agora eu sou o culpado?

Passaram-se dez minutos e Moissei Moisséievitch não parava de se lamentar à meia-voz e suspirar.

— De noite ele não dorme e não para de pensar, pensa o tempo todo e só Deus sabe no que pensa. Se alguém chega perto dele de noite, fica irritado e faz zombaria. Ele não gosta nem de mim... E não quer nada! Papai, quando morreu, deixou para ele e para mim seis mil rublos. Comprei para mim esta estalagem, casei e tenho filhinhos, mas ele queimou seu dinheiro no fogo da estufa. Que tristeza, que tristeza! Queimar para quê? Se não precisava, que desse para mim, mas para que queimar?

De repente, a porta rangeu nas dobradiças e o chão tremeu sob os passos de alguém. Iegóruchka sentiu um perfume na brisa leve e lhe pareceu que um grande pássaro preto havia passado voando bem perto dele e batido as asas em seu rosto. Ele abriu os olhos... O tio, com a bolsa nas mãos, pronto para partir, estava de pé ao lado do sofá. O padre Khristofor, segurando a cartola de abas largas, curvava a cabeça e sorria para alguém, mas não de maneira gentil e humilde, como sempre fazia, e sim de forma respeitosa e forçada, o que não combinava com seu rosto. Já Moissei Moisséievitch parecia ter o corpo quebrado em três partes, ele se balançava e tentava de todo jeito não cair. Só Solomon continuava de pé em seu canto, de braços cruzados, como se nada estivesse acontecendo, e sorrindo com desprezo como antes.

— Vossa Excelência, me perdoe, nossa casa não está limpa! — gemeu Moissei Moisséievitch com um sorriso penosamente meloso, já sem reparar nem em Kuzmitchóv nem no padre Khristofor, apenas balançando o corpo para não cair. — Somos gente simples, Vossa Excelência!

Iegóruchka esfregou os olhos. No meio da sala havia, de fato, uma excelência na forma de uma jovem mulher

muito bonita e rechonchuda, de vestido preto e chapéu de palha. Antes que Iegóruchka tivesse tempo de distinguir suas feições, por algum motivo lhe veio à memória o choupo solitário e gracioso que avistara numa colina durante o dia.

— Varlámov passou por aqui hoje? — perguntou uma voz de mulher.

— Não, Vossa Excelência! — respondeu Moissei Moisséievitch.

— Se o senhor o vir amanhã, peça que vá à minha casa por um momento.

De repente, de modo totalmente inesperado, a meio *verchok*[e] dos olhos, Iegóruchka viu sobrancelhas pretas e aveludadas, olhos grandes e castanhos e bochechas femininas bem cuidadas e com covinhas, das quais um sorriso se derramava por todo o rosto como raios de sol. Algo exalava um perfume maravilhoso.

— Que menino mais bonitinho! — disse a dama. — É filho de quem? Kazimir Mikháilovitch, veja só que encanto! Meu Deus, ele está dormindo! Meu pimpolho querido...

E a dama beijou com força as duas bochechas de Iegóruchka, que sorriu e, pensando estar sonhando, fechou os olhos. As dobradiças da porta rangeram e se ouviram passos apressados: alguém entrou e saiu.

— Iegóruchka! Iegóruchka! — irrompeu o sussurro grave de duas vozes. — Levante, vamos embora!

Alguém, aparentemente Deniska, pôs Iegóruchka de pé e levou-o pelo braço; no caminho, o menino entreabriu os olhos e viu de novo a mulher bonita de vestido preto que o beijara. Ela estava no meio da sala e, olhando enquanto ele saía, sorriu e moveu a cabeça de um jeito simpático. Ao passar pela porta, Iegóruchka viu um homem moreno, bonito e gorducho, de chapéu coco e polainas. Devia ser o acompanhante da bela dama.

— Tprrr! — ressoou lá fora.

Na soleira da porta, Iegóruchka viu uma carruagem nova e luxuosa, e uma parelha de cavalos pretos. Na boleia, um lacaio de libré com um chicote comprido nas mãos. Apenas Solomon saiu para acompanhar os viajantes. Seu rosto estava tenso, por causa da vontade de gargalhar; olhava como se aguardasse com enorme impaciência a saída dos hóspedes, para poder rir deles à vontade.

— A condessa Dranitskaia — sussurrou o padre Khristofor, enquanto subia na charrete.

— Sim, a condessa Dranitskaia — repetiu Kuzmitchóv também num sussurro.

A impressão produzida pela chegada da condessa foi, sem dúvida, muito forte, porque até Deniska falava em tom de sussurro e só se decidiu a chicotear os cavalos baios e gritar, quando a charrete havia percorrido quatro verstas e, ao longe, lá atrás, em lugar da estalagem, só se via apenas uma luzinha turva.

---

a A águia bicéfala era o emblema da Rússia imperial. (N. E.)

b Os *molokane* (singular, *molokan*) são uma seita fundada no século XVI (ou antes, segundo outras fontes). Recusam-se a pegar em armas e derramar sangue. Por isso são vegetarianos. Como tomam leite (*molokó,* em russo), são chamados de *molokane*. Não têm sacerdotes nem sacramentos. Não admitiam ver no tsar o "ungido por Deus". (N. T.)

c Unidade administrativa rural, com uma assembleia eleita entre os senhores de terra. Foi criada pelo tsar Alexandre II em 1864. (N. T.)

d Pãozinho de gengibre confeitado. (N. T.)

e Meio *verchok* equivale a 2,2 centímetros. (N. T.)

IV

Afinal quem é esse misterioso e esquivo Varlámov, sobre o qual tanto falam, que Solomon despreza e por quem até a bela condessa procura? Sentado na boleia ao lado de Deniska, o quase adormecido Iegóruchka pensava justamente naquele homem. Nunca o tinha visto, mas ouvira falar dele muitas vezes e, não raro, desenhava sua figura na imaginação. Sabia que Varlámov tinha dezenas de milhares de deciatinas* de terras, perto de cem mil ovelhas e muito dinheiro; quanto à sua forma de vida e suas atividades, Iegóruchka só sabia que ele sempre "rodava por aquela região" e que os outros viviam atrás dele.

Em casa, Iegóruchka ouvia falar muito da condessa Dranitskaia. Ela também possuía algumas dezenas de milhares de deciatinas de terra, muitas ovelhas, um haras e bastante dinheiro, mas não "vivia rodando", morava em sua casa, numa rica propriedade rural, da qual seus conhecidos diziam maravilhas, bem como Ivan Ivánitch, que estivera lá várias vezes para tratar de negócios; contavam que no salão da condessa, onde retratos de todos os reis poloneses pendiam nas paredes, tinha um grande relógio de mesa em forma de penhasco, em cujo topo havia um cavalo de ouro empinado, com olhos de diamante; sobre o cavalo estava montado um cavaleiro de ouro que, toda vez que o relógio dava as horas, brandia sua espada para a direita e para a esquerda. Contavam também que, duas vezes por ano, a condessa dava um baile para o qual convidava nobres e funcionários de toda a província, e ao qual até Varlámov

comparecia; todos os convidados tomavam chá servido de samovares de prata, comiam as coisas mais extraordinárias (por exemplo, no inverno, no Natal, ela servia framboesas e morangos) e dançavam ao som de música, que tocava dia e noite...

"E como ela é bonita!", pensava Iegóruchka, enquanto lembrava seu rosto e seu sorriso.

Kuzmitchóv também devia estar pensando na condessa, pois, após a charrete ter percorrido cerca de duas verstas, ele disse:

— Mas como aquele Kazimir Mikháilitch rouba a condessa a torto e a direito! Lembra quando estive na casa dela dois anos atrás para comprar lã? Ele embolsou uns três mil só na minha compra.

— Não se pode mesmo esperar outra coisa de um polaco — disse o padre Khristofor.

— E ela nem liga. Dizem que é jovem e tola. Uma cabeça de vento!

Por algum motivo, Iegóruchka só queria pensar em Varlámov e na condessa, sobretudo nela. Seu cérebro sonolento renunciava totalmente aos pensamentos habituais, turvava-se e retinha apenas imagens fantásticas, feéricas, que têm a vantagem de brotarem por si mesmas, sem nenhum esforço da parte de quem pensa, e desaparecerem sozinhas, por completo — basta uma boa sacudida da cabeça; de resto, tudo o que Iegóruchka via à sua volta não pertencia aos pensamentos habituais. À direita, as colinas se erguiam sombrias e pareciam esconder algo misterioso e terrível; à esquerda, todo o céu acima do horizonte estava banhado por um clarão avermelhado e era difícil entender se em algum lugar havia um incêndio ou se a lua já se preparava para subir. Ao longe, se enxergava como se fosse de dia, mas a suave coloração lilás havia desaparecido, desbotada pela neblina do anoitecer, e

toda a estepe se ocultava nela, como os filhos de Moissei Moisséievitch embaixo da manta.

Nas tardes e noites de julho, as codornas e os sisões já não piam, os rouxinóis já não cantam nas ravinas cobertas de florestas, as flores não exalam perfume, mas toda a estepe continua linda e cheia de vida. Mal o sol vai embora, a neblina envolve a terra e a tristeza do dia é esquecida, tudo é perdoado e a estepe suspira de leve, com seu peito largo. Como se no escuro o capim não visse o próprio envelhecimento, dele se levanta um chiado jovial e alegre, como não ocorre durante o dia; estalos, assovios, rangidos, os baixos, os tenores e os sopranos da estepe — tudo se mistura num rumor monótono e ininterrupto, sob o qual é agradável entregar-se às lembranças e à melancolia. Esse zumbido monótono acalma como uma canção de ninar; a gente avança e sente o sono chegando, mas de algum lugar surge o grito cortante e perturbador de um pássaro que não dorme, ou irrompe um som indeterminado, semelhante à voz de alguém, como um “ah ah!” admirado, e a sonolência abandona as pálpebras. Ou então a gente passa por uma ravina onde há arbustos e escuta um pássaro que os habitantes da estepe chamam de *spliuk* e que grita assim: “Spliu! Spliu! Spliu!”. E outro que ri às gargalhadas ou que se esgoela num choro histérico — é a coruja. Para quem gritam e quem os escuta naquela ravina, só Deus sabe, mas no grito deles há muita tristeza e lamento... Sente-se um cheiro de feno, de capim ressecado e de flores tardias, mas é um aroma denso, adocicado e ameno.

Através da neblina, se enxerga tudo, mas é difícil distinguir as cores e o contorno dos objetos. Tudo se apresenta de forma diferente do que é. A gente anda e de repente avista, no meio da estrada, uma silhueta parecida com a de um monge; não se mexe, espera e segura algo nas mãos... Não será um bandoleiro? A

figura se aproxima, cresce, chega onde está a charrete e então você vê que não é uma pessoa, mas só um arbusto ou uma rocha. Figuras assim, imóveis, à espera de não se sabe quem, se erguem nas colinas, se escondem atrás dos *kurgan*, espiam de trás das ervas daninhas e sempre se parecem com pessoas e inspiram desconfiança.

Mas quando a lua sobe, a noite fica pálida e lânguida. A neblina parece que nunca existiu. O ar transparente, fresco e morno permite que se veja bem por toda parte e é possível até distinguir, junto à estrada, os diversos caules das ervas daninhas. Na vastidão distante, se veem os crânios e as pedras. Figuras suspeitas, semelhantes a monges, parecem mais negras contra o fundo claro da noite, adquirindo um aspecto mais sinistro. Em meio aos chiados monótonos, perturbando o ar imóvel, irrompe cada vez mais frequente o mesmo “ah ah!” de espanto e se ouve o grito de um pássaro que não dorme ou delira. Sombras largas se deslocam pela planície como nuvens pelo céu, e na distância impenetrável, se contemplarmos demoradamente, vultos sombrios e fantásticos se levantam e se amontoam... Dá um pouco de medo. E ao olharmos para o céu verde-pálido, coalhado de estrelas, onde não há nenhuma nuvem ou mancha, entendemos por que o ar morno está imóvel, por que a natureza está totalmente desperta, mas teme se mexer: ela tem medo e pena de desperdiçar um só momento da vida. A profundeza insondável e a imensidão do céu só podem ser apreciadas no mar e na noite da estepe, quando a lua brilha. Terrível, belo e afável, o céu observa lânguido e sedutor, e sua brandura nos faz virar a cabeça.

A gente viaja mais uma hora, e outra... Surgem no caminho um *kurgan* antigo e soturno, ou um ídolo de pedra, posto ali Deus sabe quando e por quem; uma ave noturna voa sem fazer ruído por cima da terra e, pouco a pouco, vêm à memória as lendas da estepe, os relatos

dos viajantes, as histórias contadas por uma babá nascida na estepe, e tudo aquilo nós mesmos conseguimos ver e apreender na alma. E então, nos chiados dos insetos, nas figuras suspeitas e nos *kurgan*, no céu profundo, na luz da lua, no voo dos pássaros noturnos, em tudo que vemos e ouvimos, começa a aparecer o triunfo da beleza, a juventude, o florescimento das forças e a apaixonada vontade de viver; o espírito responde à bela e áspera terra natal e quer sobrevoar a estepe junto com os pássaros noturnos. E no triunfo da beleza, na abundância da felicidade, sente-se a tensão e a melancolia, como se a estepe tivesse consciência de que está sozinha, de que sua riqueza e inspiração se extinguem sem proveito para o mundo, não são cantadas por ninguém, ninguém precisa delas, e no meio do rumor alegre, se ouve seu apelo desolado, sem esperança: Um cantor! Um cantor!

— Eita! Salve, Pantelei! Vai tudo bem?

— Graças a Deus, Ivan Ivánitch!

— Pessoal, vocês não viram o Varlámov, não?

— Não vimos, não.

Iegóruchka acordou e abriu os olhos. A charrete parou. À direita, bem adiante na estrada, se arrastava o comboio, em torno do qual corriam algumas pessoas. Como levavam grandes fardos de lã, as carroças pareciam muito altas e inchadas, e os cavalos, pequenos e de pernas curtas.

— Então, agora vamos para a propriedade do *molokan*! — falou Kuzmitchóv bem alto. — O judeu disse que Varlámov foi pernoitar ali. Nesse caso, até logo, irmãos! Deus os acompanhe!

— Até logo, Ivan Ivánitch — responderam algumas vozes.

— Ei, pessoal — disse Kuzmitchóv, animado. — Vocês poderiam levar o meu garoto! Para que ele vai se sacudir com a gente à toa até lá? Pantelei, acomode o menino

com você em cima de um fardo de lã e siga viagem tranquilamente, que depois nós o alcançamos. Mexa-se, Iegor! Vá, está tudo bem!…

Iegóruchka desceu da boleia. Alguns braços o seguraram, o levantaram bem alto, e ele se viu em cima de alguma coisa grande, macia e ligeiramente úmida de orvalho. Agora lhe parecia que o céu estava perto e a terra, longe.

— Ei, pegue seu paletozinho! — gritou Deniska em algum lugar lá embaixo.

O paletó e a bolsa, jogados lá de baixo, caíram ao lado de Iegóruchka. Sem querer pensar em nada, ele pegou a bolsa depressa e colocou sob a cabeça, cobriu-se com o paletó e, depois de estender totalmente as pernas, encolheu-se por causa do orvalho e começou a rir de prazer.

“Dormir, dormir, dormir…”, pensou.

— E vocês, seus demônios, tratem de não incomodar o menino! — ouviu-se a voz de Deniska, lá embaixo.

— Adeus, pessoal! Deus os acompanhe! — gritou Kuzmitchóv. — Confio em vocês.

— Fique sossegado, Ivan Ivánitch!

Deniska berrou para os cavalos, a charrete rangeu e rolou, mas já não foi pela estrada e sim para algum lugar na lateral. Uns dois minutos passaram em silêncio, o comboio parecia adormecido e só se ouvia o retinir do balde pendurado na traseira da charrete, que aos poucos se extinguia ao longe. Então alguém à frente do comboio gritou:

— Kiriukha, em frente!

A primeira carroça começou a guinchar, atrás dela, outra, e a terceira… Iegóruchka sentiu que a carroça em que estava deitado se sacudiu e também começou a guinchar. O comboio se pôs em movimento. Iegóruchka se agarrou com mais força na corda que amarrava o fardo, ainda riu de prazer, ajeitou dentro do bolso o

priánik e começou a pegar no sono, como costumava fazer em casa, na sua cama...

Quando acordou, o sol já havia levantado; estava encoberto por um *kurgan* e, tentando lançar sua luz sobre o mundo, espirrava seus raios intensamente para todos os lados, inundando o horizonte de ouro. Iegóruchka teve a impressão de que o sol não estava no lugar, pois na véspera tinha nascido atrás, nas suas costas, e hoje estava muito mais para a esquerda... Sim, e toda a paisagem não parecia a da véspera. Já não havia colinas; em toda parte que ele olhasse se estendia uma planície marrom, triste, sem fim; aqui e ali, despontavam pequenos *kurgan* e voavam as gralhas da véspera. Longe, à frente, sinos brilhavam e também as isbás de alguma aldeia; por ser domingo, os habitantes estavam em casa, assando e cozinhando — via-se pela fumaça que saía de todas as chaminés e pairava acima da aldeia, como um véu transparente e azulado. Entre as isbás e atrás da igreja, um rio brilhava azul e, para além, a distância era coberta pela névoa. Mas nada parecia tão diferente do dia anterior quanto a estrada. Em vez dela, algo extraordinariamente largo, amplo e colossal se estendia pela estepe; era uma faixa cinzenta, bem demarcada e coberta de poeira, como todas as estradas, mas com dezenas de *sajen* de largura. Com sua amplitude, causava perplexidade em Iegóruchka e o levava a pensamentos fantasiosos. Quem viajava por ela? Quem precisaria de tanta largura? Era estranho e incompreensível. De fato, se podia imaginar que ainda não tinham desaparecido da Rússia os homens enormes e de passos muito largos, como Iliá de Múron e o Bandoleiro Soloviei,[**] e que tampouco haviam se extinguido os cavalos gigantes. Olhando para a estrada, Iegóruchka imaginou seis carruagens altas correndo lado a lado, do tipo das que via nos desenhos do livro da

História Sagrada; as carruagens estavam atreladas a seis cavalos selvagens, furiosos e, com suas rodas grandes, faziam nuvens de poeira subir ao céu e eram conduzidas por homens que só existem em sonhos ou nos devaneios dos contos de fadas. E como essas figuras ficariam bem na estepe e na estrada, se elas existissem!

No lado direito do caminho, em toda sua extensão, havia postes telegráficos com dois fios. Iam diminuindo pouco a pouco até sumirem perto da aldeia, atrás das isbás e do mato, para depois aparecerem de novo na vastidão lilás, na forma de palitinhos finos, parecidos com lápis, espetados na terra. Falcões, gaviões e corvos estavam pousados nos fios e olhavam com ar indiferente para o comboio que passava.

Iegóruchka estava deitado na última carroça e por isso podia ver o comboio inteiro. Havia ao todo cerca de vinte carroças e para cada três delas era necessário um cocheiro. Junto à última, onde estava Iegóruchka, ia um velho de barba grisalha, tão magro e raquítico quanto o padre Khristofor, mas com um rosto severo e pensativo, bronzeado de sol. É muito provável que o velho não fosse nem severo nem pensativo, mas suas pálpebras vermelhas e seu nariz comprido e pontudo davam ao seu rosto uma expressão austera e seca, como acontece em pessoas habituadas a pensar em coisas sérias, sempre sozinhas. Como o padre Khristofor, ele usava uma cartola de aba larga, mas não era de luxo, e sim de feltro marrom, mais parecida com um cone cortado do que com um cilindro. Tinha os pés descalços. Provavelmente, por um costume adquirido nos invernos gelados, quando muitas vezes era obrigado a quase congelar caminhando ao lado da carroça, ele dava tapas nas coxas e batia com os pés no chão enquanto andava. Ao notar que Iegóruchka estava acordado, olhou para ele e disse, abraçando a si mesmo como se estivesse morrendo de frio:

— Ah, acordou, meu rapaz! Então você é filho de Ivan Ivánovitch, não é?

— Não, sobrinho…

— De Ivan Ivánitch? Pois eu, olhe só, tirei as botas e estou pulando de pés descalços. Tenho os pezinhos doentes, gelados, e sem botas fico mais à vontade... Mais à vontade, meu rapaz... Quer dizer, sem botas... Então você é sobrinho dele, é? Ele é um bom homem, correto... Deus lhe dê saúde... É correto... Estou falando do Ivan Ivánitch... Ele foi à casa do *molokan*... Ah, meu Deus, meu Deus!

O velho falava como se estivesse fazendo muito frio, com pausas e sem abrir devidamente a boca; pronunciava mal as consoantes labiais, gaguejando como se os lábios estivessem congelados. Enquanto falava com Iegóruchka, não sorriu nenhuma vez e se mostrou severo.

Duas carroças à frente, caminhava um homem com um chicote na mão, de casaco avermelhado e comprido, quepe e botas de cano folgado. Não era velho, devia ter uns quarenta anos. Quando se virou para trás, Iegóruchka viu um rosto comprido e vermelho com uma rala barbicha de bode e um caroço esponjoso embaixo do olho direito. Além do caroço muito feioso, ele tinha mais um traço particular que chamava imediatamente a atenção: na mão esquerda, segurava um chicote, enquanto abanava a direita no ar como se regesse um coral invisível; de vez em quando, prendia o chicote embaixo do braço e então regia com as duas mãos e cantarolava baixinho para si mesmo.

O carroceiro seguinte exibia uma silhueta comprida e retilínea, com ombros muito inclinados e costas planas que nem uma tábua. Ele se mantinha ereto como se marchasse ou tivesse engolido uma régua; seus braços não ficavam balançando, mas pendiam como sarrafos, e caminhava de maneira dura, igual a um soldadinho de

brinquedo, quase sem dobrar os joelhos e tentando dar os passos mais largos possíveis; enquanto o velho ou o dono do caroço esponjoso davam dois passos, ele se esforçava para dar um só e por isso parecia andar mais devagar do que todos, dando a impressão de que ia ficar para trás. Tinha o rosto enrolado num trapo e, na cabeça, sobressaía uma espécie de gorro de monge; vestia um casaco curto ucraniano todo remendado, calça azul-escura folgada e sapatos de palha nos pés.

Os que iam mais à frente, Iegóruchka não conseguia enxergar. Deitado de barriga para baixo, ele abriu um buraquinho na trouxa e, por não ter nada para fazer, começou a torcer um fio de lã. O velho que andava lá embaixo não se mostrava tão severo e sério como seu rosto fazia parecer. Depois que começou a conversar, não parou mais.

— Para onde você vai? — perguntou, batendo os pés no chão.

— Vou estudar — respondeu Iegóruchka.

— Estudar? Arrá… Que a Rainha do Céu o ajude. Pois é. Uma inteligência é bom, duas é ainda melhor. Para algumas pessoas, Deus dá uma inteligência; para outros, dá duas; e ainda tem gente com três… Com três, sim senhor… Uma inteligência é aquela que a mãe dá à luz, a outra vem do estudo, a terceira vem da vida boa. Então, meu rapaz, é bom quando alguém tem três inteligências. Não só para viver, mas até para morrer é mais fácil. Morrer, sim… E todos vamos morrer, não tenha dúvida.

O velho coçou a testa, virou os olhos vermelhos para cima, na direção de Iegóruchka, e continuou:

— Maksim Nikoláievitch, um senhor de terra de Slavianoserbsk, no ano passado, também mandou seu garoto para longe, para estudar. Não sei como é que ele está se dando lá com os estudos, mas é um bom garoto, bom mesmo… Deus lhe dê saúde, são senhores excelentes. Pois é, ele também mandou seu garoto

estudar... Em Slavianoserbsk não tem uma instituição assim, sabe, para transmitir a ciência. Não tem nenhuma... A cidade até que é boa, bonita... Tem uma escola comum, para um nível simples, mas para começar grandes estudos, isso não tem... Não tem mesmo, acredite. E como você se chama?

— Iegóruchka.

— Portanto, Iegóri... O santo mártir Iegóri, o Vitorioso, dia vinte e três de abril. O meu nome vem do santo Pantelei... Pantelei Zakhárov Khólodov... Nós somos Khólodov... Nasci em Tim, você talvez tenha ouvido falar, na província de Kursk. Meus irmãos trabalham na cidade e são artesãos; já eu sou mujique... Acabei ficando mujique. Faz sete anos que vim para cá... para minha casa. Estive no campo e na cidade... Em Tim, quero dizer. Na época, graças a Deus, todos estavam vivos e saudáveis, agora não sei mais... Talvez alguém tenha morrido... Já está na hora de morrer, porque são todos velhos, tem uns mais velhos do que eu. Morrer não é nada demais, é uma coisa boa, desde que a pessoa, é claro, não morra sem fazer penitência. Não tem mal pior do que uma morte impenitente. Uma morte impenitente é a alegria do diabo. E se você quer morrer com penitência, para que Deus não feche as portas de seu palácio para você, então reze para a grande mártir Santa Bárbara. Ela é a intercessora. Ela mesma... Porque Deus deu a ela uma posição no céu assim, sabe, de modo que cada um tem todo direito de rezar para ela e pedir penitência.

Pantelei balbuciava e, pelo visto, não se preocupava em saber se Iegóruchka estava ouvindo. Falava arrastado, murmurando para si mesmo, não alteava nem diminuía a voz, mas conseguia falar de muita coisa em pouco tempo. Tudo o que proferia eram fragmentos, que tinham muito pouca relação entre si e absolutamente nenhum interesse para Iegóruchka. Depois de uma noite

inteira em silêncio, talvez falasse de manhã só para conferir seus pensamentos em voz alta: será que ainda estavam todos ali consigo? Quando terminou o assunto da penitência, voltou a falar do tal Maksim Nikoláievitch, de Slavianoserbsk:

— Sim, ele mandou o garoto estudar… Mandou, sim…

Um dos cocheiros que caminhava bem mais à frente se desviou de repente, correu para o lado e começou a bater com o chicote na terra. Era um homem vigoroso, de ombros largos, de mais ou menos trinta anos, louro, cabelo cacheado e certamente muito forte e saudável. A julgar pelos movimentos dos ombros e do chicote, e pelo ímpeto que sua atitude expressava, ele estava batendo em alguma coisa viva. Em sua direção correu outro carroceiro, baixo e robusto, de barba preta e grossa, vestido de colete e camisa para fora da calça. Deu uma risada rouca, em tom grave, e começou a gritar:

— Irmãos, Dímov matou uma serpente! Juro!

Há pessoas que é possível julgar pela voz e pela risada. O homem de barba preta pertencia justamente a tais felizardos: tanto em uma quanto em outra se percebia uma tolice impenetrável. Ao fim das açoitadas, o louro Dímov, com a ponta do chicote, ergueu da terra algo parecido com uma corda e, com uma risada, o jogou na direção da carroça.

— Não é uma serpente, é só uma cobra sem veneno — gritou alguém.

O homem que andava como um boneco de pau e com o rosto enrolado deu passos rápidos na direção da serpente morta, olhou para ela e ergueu os braços semelhantes a sarrafos.

— Seu condenado! — gritou com voz surda e chorosa. — Por que você matou uma cobrinha limpa-campo? O que foi que ela fez de mal a você, seu desgraçado? Ai, matou uma cobrinha. E se fizessem a mesma coisa com você?

— Não precisa matar essas cobras, é verdade... — murmurou Pantelei com voz calma. — Não precisa... Não é uma víbora. Apesar de ter o jeito de uma víbora, é uma criatura mansa, inofensiva... Gosta de gente... Uma cobra limpa-campo...

Na certa Dímov e o homem de barba preta ficaram com vergonha, porque riram alto e, sem responder às queixas, moveram-se preguiçosamente, arrastando os pés, na direção de suas carroças. Quando a carroça de trás passou no lugar onde estava a cobra morta, o homem com o pano no rosto, que tinha ficado ali perto da cobra, se virou para Pantelei e perguntou com voz chorosa:

— Vovô, para que ele matou uma cobra limpa-campo?

Os olhos dele, agora Iegóruchka estava vendo, eram miúdos, opacos, o rosto cinzento, doente, também parecia opaco e o queixo era vermelho e dava a impressão de estar muito inchado.

— Vovô, para que ele matou? — repetiu, enquanto andava ao lado de Pantelei.

— É um homem tolo, as mãos coçaram, e por isso matou — respondeu o velho. — Não se deve matar uma cobra sem veneno... Isso é verdade... Dímov é um encrenqueiro, todo mundo sabe, ele bate em tudo o que aparece na sua frente, e Kiriukha não o impediu. Tinha de impedir, mas ele, só “rá rá rá” e “rô rô rô”... E você, Vássia, não fique com raiva... Para que ter raiva? Mataram, pronto, que Deus os ajude... Dímov é um encrenqueiro e Kiriukha tem a cabeça oca... Tudo bem... As pessoas tolas não entendem, que Deus ajude essa gente. Olhe, o Emelian nunca vai mexer no que não precisa. Nunca, isso é verdade... Porque é um homem educado, e já eles são tolos... O Emelian... Ele não vai mexer.

O carroceiro de casaco avermelhado e com um caroço esponjoso na cara, que regia um coral invisível, ouviu seu

nome, parou, esperou que Pantelei e Vássia chegassem aonde estava e andou ao lado deles.

— Sobre o que estão conversando? — perguntou com voz áspera e sufocada.

— É que o Vássia ficou com raiva — disse Pantelei. — Eu disse umas palavrinhas para ele não ficar assim, entende?... Ah, meus pezinhos estão doentes, estão inchados! Ah! Estão doendo muito porque é domingo, o dia do Senhor!

— É de tanto andar — opinou Vássia.

— Não, meu amigo, não... Não é de andar. Quando ando, parece que dá um alívio, quando deito é que queima, é de matar. Andar me faz bem.

Emelian, em seu casaco avermelhado, se pôs entre Pantelei e Vássia e começou a mover o braço, marcando o ritmo, como se eles fossem cantar. Depois de se mexer um pouco, baixou o braço e gritou desolado.

— Não tenho mais voz! — disse. — Uma verdadeira desgraça! Durante a noite toda e a manhã inteira parecia que eu estava ouvindo o trio “Deus, tende piedade”, que nós cantamos no casamento de Marinóvski; ficou aqui dentro da cabeça e da garganta... mas parece que não consigo cantar! Fiquei sem voz!

Calou-se um momento, pensando em alguma coisa e depois prosseguiu:

— Fiz parte do coral quinze anos e talvez não houvesse outra voz como a minha em toda a usina de Lugansk, mas então faz dois anos que fui tomar banho no rio Donets para me tratar, e de lá para cá não consigo cantar nenhuma nota direito. Peguei um resfriado na garganta. Para mim, ficar sem voz é a mesma coisa que um trabalhador ficar sem mãos.

— É verdade — concordou Pantelei.

— Eu me considero um homem acabado e mais nada.

Nesse momento, por acaso, Vássia viu Iegóruchka. Seus olhos cintilaram e ficaram ainda menores.

— Tem um senhorzinho viajando com a gente! — disse e escondeu o nariz com a manga, como se tivesse vergonha. — Que cocheiro importante! Fique com a gente; você vai viajar no comboio, transportar lã.

A ideia de um cocheiro e um senhorzinho estarem juntos num mesmo corpo na certa lhe pareceu muito curiosa e divertida, pois riu alto e continuou desenvolvendo aquela ideia. Emelian também olhou para Iegóruchka, em cima, porém de modo frio e de relance. Ele estava ocupado com os próprios pensamentos e, se não fosse Vássia, nem teria notado a presença de Iegóruchka. Não passaram nem cinco minutos quando começou a gesticular com a mão outra vez e depois, para descrever a seus acompanhantes a beleza da canção nupcial “Deus, tende piedade”, que de noite lhe veio à memória, ele prendeu o chicote embaixo do braço e passou a reger com as duas mãos.

O comboio parou a uma versta da aldeia, junto a um poço com um cegonho. Para baixar seu balde no poço, Kiriukha, o homem de barba preta, se deitou de barriga para baixo na amurada e enfiou a cabeça cabeluda, os ombros e parte do peito no buraco escuro, de modo que Iegóruchka só conseguia ver suas pernas curtas, que mal tocavam o chão; ao ver no fundo do poço o reflexo da própria cabeça, Kiriukha se alegrou e deu uma risada tola e rouca, que o eco do poço respondeu da mesma forma; quando subiu de novo, seu rosto e pescoço estavam muito vermelhos. Dímov foi correndo beber antes dos outros. Bebia enquanto ria; muitas vezes afastava o balde e contava para Kiriukha algo engraçado, depois engasgou e, em voz alta, para toda estepe ouvir, pronunciou de enfiada cinco palavrões. Iegóruchka não entendia o significado daquelas palavras, mas sabia muito bem que eram nomes feios. Conhecia a repulsa que, em silêncio, seus parentes e amigos sentiam por elas e, sem saber por que, ele também compartilhava o

mesmo sentimento e estava habituado a pensar que só bêbados e bagunceiros tinham o privilégio de pronunciá-las em voz alta. Lembrou-se da morte da cobra, escutou com atenção a risada de Dímov e sentiu por aquele homem algo semelhante ao ódio. E, como se fosse de propósito, naquele instante, Dímov viu Iegóruchka, que tinha descido da carroça e caminhava na direção do poço; ele deu uma risada bem alta e berrou:

— Irmãos, de noite o velho deu à luz um menino!

Kiriukha, com sua risada grave, acabou tendo um acesso de tosse. Outra pessoa também desatou a rir e Iegóruchka ficou vermelho, chegando à conclusão que Dímov era um homem muito cruel.

Louro, de cabelos cacheados, sem gorro e com a camisa desabotoada no peito, Dímov parecia bonito e extraordinariamente forte; em todos seus movimentos, se percebia um valentão e um verdadeiro Hércules, consciente de seu valor. Ele mexia os ombros, punha as mãos na cintura, falava e ria mais alto que todos e tinha o jeito de quem estava pronto para levantar com uma só mão algo muito pesado e deixar todo mundo admirado. Seu olhar louco e zombeteiro deslizava pela estrada, pelo comboio e pelo céu, não se detinha em nada e, por não ter nada para fazer, parecia procurar mais alguma criatura para matar ou um pretexto para zombar das pessoas. Pelo visto, não tinha medo de ninguém, não se constrangia com nada e, provavelmente, não tinha o menor interesse na opinião de Iegóruchka... Já Iegóruchka, com toda a alma, odiava sua cabeça loura, seu rosto limpo e sua força, escutava seu riso com repulsa e medo, e imaginava que palavra injuriosa poderia lhe dizer em represália.

Pantelei também se aproximou do balde. Tirou do bolso um copinho verde de uma lamparina de oratório, esfregou-o com um trapo, apanhou água do balde com

ele e bebeu; depois pegou mais água, enrolou o copinho no trapo e o pôs de volta no bolso.

— Vovô, por que você bebe numa lamparina? — se admirou Iegóruchka.

— Tem gente que bebe do balde e gente que bebe num copinho de lamparina — respondeu o velho, de modo evasivo. — Cada um tem seu jeito… Você bebe do balde, então muito bem, boa sorte…

— Minha queridinha, minha belezura — começou a falar Vássia, de repente, com voz carinhosa e chorosa. — Minha queridinha!

Tinha os olhos apontados para a distância, brilhando e sorrindo, e seu rosto carregava a expressão que havia mostrado mais cedo, quando olhara para Iegóruchka.

— Com quem você está falando? — perguntou Kiriukha.

— Uma raposinha bonita… está deitada de costas, brincando igual a um cachorro…

Todos começaram a olhar para longe e procurar a raposa com os olhos, mas não acharam nada. Só Vássia viu algo com seus olhinhos cinzentos e ficou admirado. Sua visão era de uma agudeza impressionante, como Iegóruchka se convenceria mais tarde. Enxergava tão bem que, para ele, a estepe deserta e parda estava sempre cheia de vida e interesse. Bastava pôr os olhos na vastidão para avistar uma raposa, uma lebre, uma abetarda ou outro animal qualquer que se mantinha afastado das pessoas. Não há nada demais em ver uma lebre correndo ou uma abetarda voando — qualquer um que percorra a estepe encontra isso —, mas não é todo mundo que pode ver animais selvagens em sua vida comum, quando não estão correndo ou se escondendo ou olhando assustados para os lados. E Vássia via raposas que brincavam, lebres que lavavam as patas, abetardas que estendiam as asas para secar, tetrazes que saíam de suas tocas. Graças à agudeza da visão, além do mundo que todos veem, Vássia tinha outro

mundo, próprio dele, a que ninguém mais tinha acesso e, certamente, muito bonito, porque, quando ele o contemplava e se encantava, era difícil não sentir inveja dele.

No momento em que o comboio seguiu em frente, os sinos da igreja tocaram para a missa.

---

* Antiga medida agrária russa, equivalente a 1,09 hectare. (N. T.)

** Personagens de lendas populares russas. Iliá era bondoso e Soloviei, malvado. (N. T.)

V

O comboio estacionou ao lado da aldeia, na beira do rio. O sol ardia como na véspera, o ar estava parado e triste. Na margem, havia alguns salgueiros, mas suas sombras não batiam na terra e sim na água, onde não tinham nenhuma utilidade, enquanto nas sombras embaixo das carroças era abafado e maçante. Azul com o reflexo do céu, a água atraía de um modo tremendo.

O carroceiro Stiopka, em quem só agora Iegóruchka havia reparado, um menino ucraniano de dezoito anos, de camisa comprida, sem cinto e calças largas, que sacudiam como bandeiras quando ele andava, se despiu rapidamente, desceu correndo a margem íngreme e se atirou na água. Mergulhou duas ou três vezes, depois boiou de costas e fechou os olhos de prazer. O rosto sorria e se enrugava, como se ele sentisse cócegas, dor e vontade de rir.

Nos dias quentes, quando não há como fugir do calor e do abafamento, o barulho da água e a respiração ofegante de um banhista produzem no ouvido o efeito de uma bela música. Dímov e Kiriukha, olhando para Stiopka, rapidamente se despiram e se jogaram na água um atrás do outro, rindo alto e antecipando o prazer que iam sentir. E o riacho tranquilo, modesto, se encheu de gritos, de bufos e do barulho de água espirrada. Kiriukha tossia, ria e gritava como se alguém quisesse afogá-lo, enquanto Dímov o perseguia e tentava segurá-lo pela perna.

— He, he, he! — gritava. — Pega, segura ele!

Kiriukha gargalhava e se divertia, mas a expressão de seu rosto era a mesma de quando estava no seco: tola,

desnorteada, como se alguém tivesse se aproximado sorrateiro pelas costas e dado uma paulada em sua cabeça. Iegóruchka também se despiu, mas, em vez de descer pela margem, correu para tomar impulso e pulou de uns três metros de altura. Traçou um arco no ar, caiu na água, submergiu, mas não tocou o fundo; uma espécie de força fria e agradável ao tato o agarrou e o levou de volta à superfície. Ele emergiu e, bufando e soltando bolhas, abriu os olhos; mas o sol refletia na água do rio bem pertinho de seu rosto. Primeiro, fagulhas ofuscantes e, depois, cores de um arco-íris e manchas escuras encheram seus olhos; tratou logo de afundar outra vez, abriu os olhos embaixo da água e viu algo verde e turvo, semelhante ao céu em noite de luar. De novo, a mesma força que não o deixava tocar o fundo nem permanecer no ambiente fresco o levou para a superfície, ele emergiu e respirou tão fundo que o peito e até mesmo a barriga se encheram de amplidão e frescor. Depois, para extrair da água tudo o que podia, ele se permitiu todos os luxos: boiou deitado de costas e relaxou, respingou água, deu cambalhotas, nadou de barriga para baixo, de lado, de costas, ficou de pé — fez tudo que teve vontade, até cansar. A outra margem, dourada pelo sol, estava coberta por densas touceiras de juncos, cujas flores pendiam bonitas sobre a água, como pincéis. Num ponto, os juncos tremeram, curvaram-se com suas flores e estalaram — eram Stiopka e Kiriukha que brincavam com os camarões de água doce.

— Veja o camarão! Pessoal, vejam só! Camarão! — começou a gritar Kiriukha em triunfo, mostrando de fato um camarão.

Iegóruchka boiou na direção dos juncos, mergulhou e começou a tatear perto das raízes deles. Escavando o barro encharcado, topou com algo pontudo e meio nojento, um camarão, talvez, e de fato era um camarão, mas naquele instante alguém segurou sua perna e puxou

para cima. Engasgado e tossindo, Iegóruchka abriu os olhos e viu à sua frente o rosto molhado e risonho do valentão Dímov. Ele respirava ofegante e, a julgar pelos olhos, queria continuar dando cambalhotas. Segurou Iegóruchka pela perna com força, já levantava a outra mão a fim de agarrá-lo pelo pescoço, mas Iegóruchka, com repulsa e temor, como que com nojo e medo de que aquele valentão o afogasse, desvencilhou-se e exclamou:

— Seu palerma! Vou bater na sua cabeça!

Sentindo que isso não bastava para exprimir seu ódio, pensou um pouco e acrescentou:

— Canalha! Filho de uma cadela!

E Dímov, como se não estivesse acontecendo nada, não deu mais atenção a Iegóruchka, nadou na direção de Kiriukha e gritou:

— He, he, hei! Vamos pegar uns peixes! Ei, pessoal, vamos pegar uns peixes!

— É para já! — concordou Kiriukha. — Aqui deve ter muito peixe...

— Stiopka, corra lá na aldeia e peça aos mujiques uma rede de arrasto!

— Não vão nos dar!

— Vão dar, sim! Peça! Diga que é em nome de Cristo, porque nós somos que nem peregrinos.

— Isso mesmo!

Stiopka saiu da água, vestiu-se depressa e, sem gorro e com suas largas calças sacudindo ao vento, correu para a aldeia. Depois do episódio com Dímov, a água tinha perdido todo encanto para Iegóruchka. Ele saltou para fora da água e começou a se vestir. Pantelei e Vássia estavam sentados na outra margem, balançando as pernas e olhando os banhistas. Nu, Emelian estava com a água nos joelhos, perto da margem, se segurando no capim com uma mão para não cair e esfregando o corpo com a outra. Com as escápulas ossudas, o caroço embaixo do olho, curvado e obviamente com medo da

água, ele apresentava uma imagem cômica. Tinha o rosto sério e severo, olhando para a água com ar zangado, como se fosse repreendê-la por ter, um dia, provocado um resfriado nele, no rio Donets, e tirado sua voz.

— Por que não se banha? — perguntou Iegóruchka para Vássia.

— É porque... não gosto... — respondeu Vássia.

— Por que você tem o queixo inchado?

— Dói... Eu trabalhava na fábrica de fósforos, senhorzinho. O médico dizia que era por isso que inchava. O ar lá é ruim. Além de mim, outros três rapazes ficaram com o queixo inchado e, num deles, ainda por cima ficou todo podre.

Stiopka voltou logo com a rede. Dímov e Kiriukha, por terem permanecido muito tempo na água, estavam roxos e roucos, mas se atiraram à pescaria com entusiasmo. No início, andaram por um lugar fundo, perto dos juncos; ali, Dímov tinha a água no pescoço e Kiriukha, que era mais baixo, na cabeça; Kiriukha sufocava e soltava bolhas, enquanto Dímov, esbarrando nas raízes pontudas, caía e se emaranhava na rede, os dois se debatiam e faziam barulho e sua pescaria redundou numa brincadeira.

— Está fundo — ofegava Kiriukha. — Você não vai pegar nada!

— Não puxe, diabo! — gritou Dímov, tentando colocar a rede na posição correta. — Segure com as mãos!

— Aí vocês não vão pegar nada! — gritou Pantelei, da margem. — Só estão assustando os peixes, seus burros! Tragam para a esquerda! É mais raso!

A certa altura, um peixe mais grandinho brilhou na frente da rede; todos soltaram uma exclamação, mas Dímov golpeou aquele lugar com o punho cerrado, o peixe sumiu e o rosto de Dímov mostrou toda sua irritação.

— Ei! — gritou Pantelei e bateu com os pés no chão. — Deixou a perca fugir! Foi embora!

Recuando para a esquerda, Dímov e Kiriukha saíram lentamente para uma parte rasa e ali a pescaria correu melhor. Tinham se afastado das carroças uns trezentos passos; era visível que eles, calados e com esforço, tentavam voltar para o mais fundo possível e para mais perto dos juncos, estendiam a rede e batiam com os punhos cerrados na água e farfalhavam os juncos, para assustar os peixes e capturá-los com a rede. Dos juncos, se deslocaram para a outra margem, arrastaram a rede ali e depois, com ar desapontado, erguendo bem alto os joelhos, voltaram na direção dos juncos. Conversavam sobre alguma coisa, mas não dava para ouvir o que era. O sol queimava suas costas, as moscas os picavam, seus corpos passaram do roxo para o vermelho. Atrás deles, caminhava Stiopka com um balde nas mãos, a camisa arregaçada até as axilas e presa pela barra entre os dentes. Após cada captura bem-sucedida, ele erguia o peixe, qualquer que fosse e, fazendo-o brilhar no sol, gritava:

— Olhem só que perca! Feito esta já temos cinco!

Toda vez que puxavam a rede, via-se que Dímov, Kiriukha e Stiopka se demoravam escavando a lama que vinha junto, punham alguma coisa no balde e jogavam outra fora; de vez em quando, passavam de mão em mão algo que tinha caído na rede, observavam com curiosidade, depois também o descartavam…

— O que é isso? — gritaram da margem.

Stiopka deu alguma resposta, mas era difícil distinguir suas palavras. Então ele escapuliu da água e, segurando o balde com as mãos, esquecendo-se de soltar a camisa, correu para as carroças.

— Já está cheio! — gritou, ofegante. — Me dê outro!

Iegóruchka deu uma olhada dentro do balde: estava cheio; na água, saltava um jovem lúcio com seu focinho

feioso e, em volta, enxameavam camarões e uns peixinhos miúdos. Iegóruchka enfiou a mão até o fundo e remexeu a água; o lúcio desapareceu embaixo dos camarões e, no lugar dele, nadaram para cima uma perca e uma tenca. Vássia também deu uma olhada no balde. Seus olhos brilharam e, quando viu o lúcio, o rosto ficou carinhoso, como antes. Ele tirou alguma coisa do balde, levou à boca e começou a mastigar. Ouviu-se um estalo.

— Irmãos — admirou-se Stiopka —, o Vaska comeu um gobio vivo! Argh!

— Não é um gobio, e sim um vairão — retrucou Vássia, com calma, enquanto continuava a mastigar.

Tirou da boca o rabinho do peixe, olhou para ele com carinho e o enfiou de novo na boca. Enquanto mastigava e triturava com os dentes, Iegóruchka teve a impressão de que, à sua frente, não via um homem. O queixo inchado de Vássia, seus olhos turvos, a visão extraordinariamente aguçada, o rabo do peixe dentro da boca e o carinho com que mastigava o gobio o deixavam parecido com um bicho.

Iegóruchka já estava cansado de ficar perto dele. Além disso, a pescaria já havia acabado. Ele caminhou junto à fila de carroças, pensou um pouco e, por tédio, foi andando devagar na direção da aldeia.

Pouco depois, já estava na igreja e, com a testa apoiada nas costas de alguém com cheiro de cânhamo, escutava o coro cantar. A missa já se aproximava do fim. Iegóruchka não entendia nada do cântico da igreja e era indiferente a ele. Escutou um pouco, bocejou e começou a observar as nucas e as costas diante de si. Numa das nucas, vermelha e molhada de um banho recente, reconheceu Emelian. O cabelo tinha formato de cuia e havia sido cortado mais alto do que convinha; as costeletas também eram mais altas do que o comum; suas orelhas vermelhas se sobressaíam como duas

bardanas e davam a impressão de que se sentiam deslocadas. Enquanto olhava para a nuca e as orelhas, por algum motivo Iegóruchka imaginou que Emelian devia ser muito infeliz. Lembrou-se de sua voz áspera, de seus gestos de maestro, de seu aspecto tímido na hora do banho de rio e sentiu uma profunda pena dele. Teve vontade de lhe dizer alguma coisa afetuosa.

— Ei, estou aqui! — disse, puxando-o pela manga.

As pessoas que cantam no coro em vozes de tenor e de baixo, sobretudo aquelas que pelo menos uma vez na vida tiveram a chance de reger, adquirem o costume de olhar para os meninos com ar severo e distante. Esse hábito não as abandona, mesmo quando deixam de cantar no coro. Ao se virar para Iegóruchka, Emelian franziu os olhos para ele e disse:

— Não faça bagunça na igreja!

Depois disso, Iegóruchka foi para a frente, mais para perto do iconostásio.[a] Ali, viu pessoas interessantes. Na frente de todos, no lado direito, sobre um tapete, estavam de pé um senhor nobre e uma dama. Atrás de cada um deles havia uma cadeira. O senhor vestia calças de seda recém-passadas, estava imóvel, como um soldado em posição de sentido, e mantinha muito empinado o queixo azul, de barba raspada. No colarinho reto, no queixo azulado, na pequena careca e na bengala se percebia uma dignidade muito grande. Devido ao excesso de dignidade, o pescoço estava tenso e o queixo se esticava para cima com tanta força que a cabeça parecia prestes a se separar do corpo e voar para o alto a qualquer momento. Já a dama, gorducha e idosa, de xale de seda branco, inclinava a cabeça para o lado, olhando como se tivesse acabado de fazer um favor a alguém e quisesse dizer: “Ah, não precisa me agradecer! Não gosto disso…”. De pé, ucranianos formavam um muro cerrado em volta do tapete.

Iegóruchka se aproximou do iconostásio e começou a beijar os ícones dos santos locais. Diante de cada imagem, se curvava até o chão sem nenhuma pressa e, ainda abaixado, olhava para as pessoas atrás de si; depois levantava e beijava um ícone. O contato da testa com o chão frio lhe deu um grande prazer. Quando o sacristão saiu de trás do altar com um bastão comprido para apagar as velas, Iegóruchka se ergueu de um salto e correu em sua direção.

— Já distribuíram o pão ázimo?[b] — perguntou.

— Não tem, não tem... — resmungou o sacristão com mau humor. — Não tem nada para você aqui...

A missa terminou. Sem pressa, Iegóruchka saiu da igreja e foi andar pela praça. Na sua idade, já tinha visto muitas aldeias, praças e mujiques e tudo o que tinha agora diante dos olhos não lhe despertava nenhum interesse. Por não ter o que fazer, para matar o tempo com alguma coisa, foi a um armazém em cuja porta pendia, no alto, uma faixa de pano larga e vermelha. O armazém consistia de duas partes amplas e mal iluminadas: numa, vendiam-se tecidos e comestíveis e, na outra, havia barris com piche e arreios pendurados no teto; dali vinha o cheiro gostoso de couro e de piche. O chão do armazém tinha sido pintado; na certa, quem tinha feito aquilo era um livre-pensador com muita imaginação, pois ele estava todo pintado com ornamentos e sinais cabalísticos. De pé, atrás do balcão, com a barriga apoiada na mesinha do caixa, estava o dono do armazém; um homem gordo, pelo visto um pequeno-russo,[c] de cara larga e barba arredondada. Estava tomando chá e mordendo um torrão de açúcar e, a cada gole, dava um suspiro profundo. Seu rosto exprimia total indiferença, mas em cada suspiro se ouvia: “Já vou, espere um pouquinho, já atendo você!”.

— Pode me dar um copeque em sementes de girassol? — pediu Iegóruchka.

O dono do armazém ergueu as sobrancelhas, saiu de trás do balcão e enfiou no bolso de Iegóruchka um copeque em sementes de girassol, medidas num pote de pomada vazio. Iegóruchka não tinha vontade de ir embora. Demorou-se observando as caixas com *priánik*; pensou um pouco e perguntou, apontando para uns *priánik* miúdos de Viazma[d] que, de tão velhos, tinham criado mofo:

— Quanto custam esses *priánik*?

— Um copeque, o par.

Iegóruchka tirou do bolso o *priánik* que o judeu lhe dera na véspera e perguntou:

— E um desse tipo, quanto custa?

O dono do armazém pegou o *priánik* da mão dele, observou-o de todos os lados e ergueu uma sobrancelha.

— Desse tipo? — perguntou ele.

Depois ergueu a outra sobrancelha, pensou um pouco e respondeu:

— Três copeques, o par…

Ficaram em silêncio.

— Quem é você? — perguntou o dono do armazém, servindo chá para si, de uma chaleira de cobre vermelha.

— Sou sobrinho de Ivan Ivánitch.

— Existem muitos Ivans Ivánitch — suspirou o dono do armazém; olhou para a porta, por cima da cabeça de Iegóruchka, ficou calado um instante e perguntou: — Não gostaria de tomar um chazinho?

— Pode ser… — Iegóruchka concordou com alguma cerimônia, embora sentisse muita falta do chá da manhã.

O dono do armazém encheu um copo e lhe serviu, junto com um torrãozinho de açúcar já roído. Iegóruchka sentou numa cadeira dobrável e começou a beber. Também queria perguntar quanto custava uma libra de

amêndoa açucarada, mas, na hora em que ia fazer isso, entrou um freguês e o dono pôs seu copo de lado e tratou de atender o comprador. Ele levou o cliente para a parte do armazém que cheirava a piche e ficou um bom tempo conversando com ele. O freguês, pelo visto um homem muito determinado e sagaz, passou o tempo todo balançando a cabeça em sinal de discordância e tentando recuar na direção da porta. Por fim, o dono do armazém o convenceu de alguma coisa e começou a peneirar aveia para ele dentro de um saco grande.

— Chama isso de aveia? — disse o comprador, em tom de queixa. — Não é aveia, é palha; até as galinhas zombariam disso... Não, pode deixar, vou comprar com o Bondarenko!

Quando Iegóruchka voltou para o rio, uma fogueira pequena fumegava na margem. Os carroceiros faziam seu almoço. Stiopka estava no meio da fumaça, mexendo numa panela com uma colher grande e lascada. Um pouco mais para o lado, com os olhos vermelhos de fumaça, Kiriukha e Vássia estavam sentados, limpando os peixes. Na frente deles, coberta de lama e de algas, estava a rede, na qual os peixes brilhavam e os camarões rastejavam.

Emelian, que tinha voltado da igreja não fazia muito tempo, estava sentado junto a Pantelei, movendo a mão no ar e com voz rouca, quase inaudível, cantarolava: “Cantamos a ti...”. Dímov vagava perto dos cavalos.

Quando terminaram de limpar os peixes, Kiriukha e Vássia os juntaram aos camarões vivos dentro de um balde, enxaguaram e despejaram todo o conteúdo do balde na água fervente.

— Vamos pôr banha de porco? — perguntou Stiopka, tirando a espuma com a colher.

— Para quê? O peixe vai soltar seu caldinho — respondeu Kiriukha.

Antes de tirar a panela do fogo, Stiopka despejou na água três punhados de painço e uma colher de sal; por fim, provou, estalou os lábios, lambeu a colher e deu um grunhido de satisfação — aquilo queria dizer que a papa já estava pronta.

Todos, exceto Pantelei, estavam sentados em volta da panela e começaram a trabalhar com as colheres.

— Ei, vocês! Deem uma colher para o senhorzinho! — falou Pantelei em tom severo. — Ora, aposto que ele também quer comer!

— Nossa comida é de mujique!… — suspirou Kiriukha.

— De mujique também serve, se a gente tem vontade de comer.

Deram uma colher para Iegóruchka. Ele começou a comer, mas, em vez de sentar, ficou de pé ao lado da panela e olhava para dentro dela, como para um buraco. Da papa vinha um cheiro de peixe e, no meio do painço, se viam escamas; era impossível apanhar os camarões com a colher, por isso os convivas tiravam os bichos direto da panela com as mãos; Vássia, em especial, não hesitava em agir assim e molhava na papa não só as mãos como também as mangas. No entanto, Iegóruchka achou a papa muito gostosa e lembrou-se de uma sopa de caranguejo que sua mãe fazia em casa, na época da quaresma. Pantelei estava sentado um pouco à parte, mastigando um pão.

— Ei, vovô, por que não come? — perguntou-lhe Emelian.

— Não como camarão… Bicho feio! — disse o velho e virou-se com nojo.

Enquanto comiam, todos conversavam. Daquela conversa, Iegóruchka entendeu que seus novos conhecidos, apesar das diferenças de idade e personalidade, tinham uma coisa em comum que os tornava parecidos: todos tinham um passado maravilhoso e um presente ruim; sobre o passado, todos,

sem exceção, falavam com entusiasmo; já, sobre o presente, se exprimiam quase com desprezo. O russo ama recordar, mas não ama viver; Iegóruchka ainda não sabia disso e, antes de toda papa ser devorada, ele já estava profundamente convencido de que, em redor da panela, estavam pessoas ultrajadas e maltratadas pelo destino. Pantelei contou que, em tempos passados, quando ainda não existiam as estradas de ferro, ele conduzia carroças para Moscou e Níjni Novgorod, e ganhava tão bem que nem tinha onde guardar tanto dinheiro. E que comerciantes havia naquele tempo, que peixes, e como tudo era barato! Agora, as estradas eram mais curtas, os comerciantes eram mais sovinas, o povo havia ficado mais pobre, o pão custava mais caro, tudo havia encolhido e diminuído ao extremo. Emelian disse que, antigamente, ele cantava no coro da usina de Lugansk, tinha uma voz notável e lia as partituras muito bem, mas agora não passava de um mujique e conseguia se sustentar graças ao irmão, que o mandava conduzir seus cavalos e, em troca, ficava com metade de seu salário. Vássia, antigamente, trabalhava numa fábrica de fósforos; Kiriukha fora cocheiro de uma família rica e era considerado o melhor condutor de troicas das redondezas. Dímov, filho de um mujique próspero, levava uma vida folgada, passeava e não sabia o que era desgosto; porém, mal fez vinte anos, o pai, severo e intransigente, no intuito de ensinar seu negócio ao filho e com medo de que ele virasse um preguiçoso em casa, o mandou trabalhar de carroceiro em comboios, como se fosse qualquer peão pé-rapado. Só Stiopka ficou em silêncio, mas pelo rosto imberbe se via que, antes, também tinha vivido imensamente melhor do que agora.

Ao recordar o pai, Dímov parou de comer e fechou a cara. Olhou para os camaradas com o canto dos olhos e deteve o olhar em Iegóruchka.

— Você, seu mal-educado, tire o chapéu! — disse de modo bruto. — Onde já se viu comer de chapéu? Ainda por cima, um nobre!

Iegóruchka tirou o chapéu e não disse nenhuma palavra, mas já não sentiu mais o gosto da papa nem ouviu quando Pantelei e Vássia tomaram sua defesa. Em seu peito, começou a se revolver uma raiva surda contra o valentão e Iegóruchka decidiu fazer, a qualquer preço, alguma maldade contra ele.

Depois do almoço, todos caminharam lentamente para as carroças e se estiraram na sombra.

— Vovô, vamos partir logo? — perguntou Iegóruchka para Pantelei.

— Quando Deus quiser, a gente vai... Agora não dá para ir, está muito calor... Ah, é a vontade de Deus, de Nossa Senhora... Deite, senhorzinho!

Logo ressoou um ronco embaixo das carroças. Iegóruchka queria ir de novo à aldeia, mas pensou melhor, bocejou e deitou ao lado do velho.

---

a Divisória decorada com ícones, que separa o santuário da nave da igreja ortodoxa. (N. T.)

b Pão distribuído no fim da missa ou na comunhão. (N. T.)

c Modo de se referir a um ucraniano. (N. T.)

d Cidade na província de Smolensk. (N. T.)

VI

O comboio permaneceu o dia inteiro junto ao rio e só seguiu em frente quando o sol se pôs.

Iegóruchka deitou de novo no alto, em cima do fardo; a carroça guinchava de leve e balançava; lá embaixo, Pantelei ia a pé, batendo os pés no chão, dando tapinhas nas coxas e murmurando sozinho; no ar, crepitava a mesma música da estepe do dia anterior.

Iegóruchka estava deitado de costas e, com as mãos cruzadas embaixo da cabeça, mirava o céu. Via o crepúsculo do anoitecer se arder em chamas e depois se apagar; os anjos da guarda, toldando o horizonte com suas asas douradas, se preparavam para dormir; o dia tinha sido ótimo, a noite começava tranquila e sem problemas, e eles podiam ficar sossegados em sua casa, no céu... Iegóruchka viu o céu escurecer pouco a pouco, a escuridão baixar sobre a terra e as estrelas se acenderem uma a uma.

Quando contemplamos o céu profundo por muito tempo sem desviar os olhos, não se sabe por que, os pensamentos e a alma se fundem na consciência da solidão. Começamos a nos sentir irremediavelmente sós e tudo que antes achávamos próximo e familiar se torna infinitamente distante e sem valor. As estrelas, que miram do céu há milhares de anos, o próprio céu insondável e a escuridão se mostram indiferentes à vida breve dos homens e oprimem nossa alma com seu silêncio, quando acontece de ficarmos cara a cara com eles e tentamos alcançar seu sentido; então, nos vem ao pensamento a solidão que aguarda cada um de nós na

sepultura e a essência da vida parece misteriosa, assustadora...

Iegóruchka pensou na avó, que estava dormindo no cemitério, embaixo das cerejeiras; lembrou-se dela deitada no caixão, com moedas de cobre de cinco copeques sobre os olhos; depois se lembrou de como a cobriram com a tampa e a baixaram na cova; lembrou-se também do baque surdo das pazadas de terra sobre a tampa do caixão... Visualizou a avó dentro do caixão escuro e apertado, indefesa e abandonada por todos. Imaginou como ela acordava de repente e, sem entender onde estava, batia na tampa do caixão, pedindo socorro e, no fim de tudo, sucumbindo ao horror, morria outra vez. Imaginou mortos sua mãe, o padre Khristofor, a condessa Dranitskaia, Solomon. No entanto, por mais que tentasse imaginar a si mesmo no túmulo escuro, longe de casa, abandonado, indefeso e morto, não conseguia; pessoalmente, para si mesmo, ele não admitia a possibilidade da própria morte e sentia que nunca ia morrer...

Enquanto isso, Pantelei, que já estava na idade de morrer, andava lá embaixo e passava em revista os próprios pensamentos.

— Tudo certo... Patrões bons... — murmurava. — Mandaram o senhorzinho estudar, mas o que será dele naquelas bandas, isso ninguém sabe... Em Slavianoserbsk, isso eu garanto, não tem escola assim, para ensinar grandes conhecimentos... É verdade, nenhuma... E o senhorzinho é bom, pois é... Vai crescer, vai ajudar o pai. Você, Iegóri, agora é miudinho, mas vai ficar grande, vai dar de comer ao pai e à mãe. É o que Deus mandou fazer... Honre seu pai e sua mãe... Eu também tive filhos, mas morreram num incêndio... Os filhos e a esposa também... É verdade, a isbá pegou fogo na noite da Epifania...[a] Eu não estava em casa, tinha ido

a Oriol. A Oriol... A Mária pulou logo para a rua, mas lembrou que as crianças estavam dormindo dentro da isbá, voltou correndo e acabou morrendo no incêndio junto com os filhos... É... No dia seguinte, só acharam os ossinhos.

Por volta da meia-noite, os carroceiros e Iegóruchka sentaram de novo em volta de uma fogueira. Enquanto o fogo pegava no capim, Kiriukha e Vássia foram buscar água em algum canto de uma ravina; os dois sumiram na escuridão, mas o tempo todo se ouvia o tilintar dos baldes que eles levavam e a conversa entre os dois; portanto, a ravina não ficava longe. A luz da fogueira se estendia na terra como uma grande mancha cintilante; apesar do brilho da lua, para além da mancha vermelha, tudo parecia um negror impenetrável. A luz batia nos olhos dos carroceiros e eles só viam uma parte da estrada; no escuro, mal dava para distinguir as montanhas de formato indeterminado que os cavalos e as carroças carregadas de fardos delineavam. A vinte passos da fogueira, na fronteira entre a estrada e o campo, havia a cruz de madeira de uma sepultura meio tombada. Enquanto o fogo ainda não tinha pegado com força e se podia avistar mais ao longe, Iegóruchka notou que do outro lado da estrada havia uma cruz igualzinha àquela, também velha e meio tombada.

Quando voltaram com a água, Kiriukha e Vássia encheram a panela e a colocaram no fogo. Stiopka, com a colher lascada na mão, tomou seu posto no meio da fumaça, junto à panela, e olhou pensativo para a água, enquanto esperava a espuma se formar. Pantelei e Emelian estavam sentados juntos, calados, pensando em alguma coisa. Dímov estava deitado de bruços, a cabeça apoiada sobre os punhos cerrados, olhando para o fogo; a sombra de Stiopka dançava sobre ele e por isso seu rosto bonito ora ficava coberto pela treva, ora chamejava de repente... Kiriukha e Vássia vagavam um pouco mais

longe e catavam cascas de bétula e capim para alimentar a fogueira. Iegóruchka, com as mãos no bolso, estava em pé ao lado de Pantelei e observava o fogo devorar o capim.

Todos repousavam, pensavam em alguma coisa e olhavam de relance para a cruz, na qual dançavam manchas vermelhas. Naquela sepultura solitária, havia algo de melancólico, sonhador e extremamente poético… Podia-se ouvi-la silenciosa e, naquele silêncio, se sentia a presença do espírito do desconhecido que jazia embaixo da cruz. Será que aquela alma se sentia bem na estepe? Não sentiria saudades numa noite enluarada? E a estepe em redor do túmulo parecia melancólica, tristonha e pensativa; o capim, mais desolado; tinha-se até a impressão de que os grilos cricrilavam de modo mais contido… E não havia passante que deixasse de rezar por aquela alma solitária e parar de olhar para trás, na direção da sepultura, até que ela já estivesse muito distante, encoberta pela escuridão…

— Vovô, por que puseram aquela cruz ali? — perguntou Iegóruchka.

Pantelei olhou para a cruz, depois para Dímov e perguntou:

— Mikola, diga lá, não foi aqui o lugar onde os ceifadores mataram os mercadores?

Deitado, Dímov ergueu o tronco de má vontade, apoiando-se no cotovelo, deu uma olhada na estrada e respondeu:

— Isso mesmo…

Caiu um silêncio. Kiriukha amassou um bolo de capim seco, que estalou em suas mãos, e enfiou embaixo da panela. O fogo chamejou com mais força; Stiopka foi envolvido por uma fumaça preta e a sombra da cruz percorreu a parte escura da estrada, junto às carroças.

— Pois é, mataram… — disse Dímov, com desgosto. — Os mercadores, o pai e o filho, estavam vendendo

imagens de santos. Pararam perto daqui, numa estalagem, que agora é do Ignat Fomin. O velho bebeu demais e começou a se gabar, dizendo que tinha muito dinheiro. Os mercadores gostam de contar vantagem, todo mundo sabe, Deus me livre... Não conseguem resistir à vontade de se mostrar para a gente, povo comum. Pois naquela ocasião, uns ceifadores estavam pernoitando ali na estalagem. Pois bem, eles ouviram como o mercador se gabava e aquilo chamou sua atenção.

— Ah, meu Deus... Nossa Senhora! — exclamou Pantelei.

— No dia seguinte, assim que amanheceu — prosseguiu Dímov —, os mercadores se preparavam para pegar a estrada, quando os ceifadores se juntaram a eles. “Vamos juntos, Vossa Excelência. É mais animado e o perigo é menor, porque aqui é tudo muito deserto...” Para as imagens de santos não quebrarem, os mercadores viajavam devagar e, para os ceifadores, aquilo veio bem a calhar...

Dímov ficou de joelhos e se espreguiçou.

— Pois é — prosseguiu, bocejando. — Tudo correu bem, mas assim que os mercadores chegaram a este lugar, os ceifadores deram cabo deles a golpes de foice. O filho era um rapagão valente, agarrou a foice de um deles e também deu uns golpes... Bom, naturalmente os outros ganharam, porque eram oito homens. Cortaram os mercadores em tantos pedaços que não sobrou nada inteiro do corpo deles; terminaram seu trabalho e arrastaram os dois para fora da estrada, o pai para um lado e o filho para o outro. Bem em frente a essa cruz, tem outra do lado de lá... Se ainda está inteira, não sei... Daqui não dá para enxergar.

— Está lá, sim — disse Kiriukha.

— Depois, dizem que acharam pouco dinheiro.

— Pouco — confirmou Pantelei. — Acharam cem rublos.

— Pois é, e depois três deles morreram, porque também ficaram muito feridos com os golpes de foice do mercador... Perderam todo o sangue. Um deles teve a mão decepada pelo mercador e dizem que correu assim, sem a mão, por quatro verstas e que depois foi encontrado num barranco, pertinho de Kurikovo. Estava de cócoras, a cabeça enfiada entre os joelhos, como se estivesse ali pensando, mas foram ver... e sua alma tinha ido embora, estava morto...

— Foi encontrado por causa da trilha de sangue... — disse Pantelei.

Todos olharam para a cruz e de novo veio um silêncio. De algum lugar, na certa da ravina, vieram os gritos tristes de um pássaro: “Spliu! Spliu! Spliu!...”.

— Tem muita gente ruim neste mundo — disse Emelian.

— Muita, muita! — repetiu Pantelei e chegou mais perto do fogo, com a expressão de quem tem medo. — Muita — prosseguiu à meia-voz. — Na vida, já vi muita gente assim, e só vendo para acreditar... Gente malvada... Vi muita gente santa e correta, mas os pecadores nem dá para calcular... Rainha e Mãe do Céu, tenha piedade e nos salve... Lembro uma vez, faz uns trinta anos, talvez até mais, eu levava na carroça um mercador de Morchansk. Um sujeito muito arrumado, distinto e com bastante dinheiro... o tal mercador... Um homem bom, não tem dúvida... Pois aconteceu que paramos para pernoitar numa estalagem. E na Rússia as estalagens não são como nestas bandas de cá. Lá, as estalagens são cobertas como telheiros, ou então, vamos dizer, são assim que nem silos em fazendas boas. Só que os silos são mais altos. Bem, paramos ali e tudo certo. Meu mercador ficou no quarto e eu, junto dos cavalos, tudo como deve ser. Então, meus irmãos, rezei antes de dormir e fui dar uma volta pelo pátio da estalagem. Era uma noite escura, não se enxergava nada, por mais que

a gente olhasse. Andei assim um pouco, como daqui até as carroças, e então vi... uma luz acesa. O que era aquilo? O patrão já tinha se deitado fazia tempo e não tinha mais hóspedes na estalagem, além de mim e do mercador... De onde vinha a luz? Fiquei desconfiado... Cheguei mais perto... daquela luz... Meu Deus, que a Rainha e Mãe do Céu nos perdoe e nos salve! Quando olhei, bem junto à terra, tinha uma janelinha com grades... na tal casa, quero dizer... Deitei na terra e espiei lá dentro; quando olhei, um calafrio atravessou meu corpo inteiro...

Tentando não fazer barulho, Kiriukha enfiou um bolo de capim seco na fogueira. O velho esperou que o capim parasse de crepitar e estalar, e prosseguiu:

— Olhei lá dentro, era um porão, bem grande, escuro demais... Um lampião aceso em cima de um barril. No meio do porão, estavam uns dez homens de camisa vermelha, mangas arregaçadas, amolando suas facas compridas... Ei! Pronto; quer dizer, a gente tinha ido parar no meio de um bando de assaltantes... O que fazer? Corri até o mercador, acordei o homem falando baixinho e disse: “Mercador, o senhor não precisa ter medo, mas nossa situação é ruim... A gente veio parar num ninho de bandoleiros”. Ele ficou branco e perguntou: “O que vamos fazer agora, Pantelei? Tenho comigo muito dinheiro dos órfãos... Quanto à minha alma, Deus há de cuidar, não tenho medo de morrer, mas me apavora a ideia de perder o dinheiro dos órfãos...”. O que eu ia fazer? O portão estava trancado, não tinha como sair nem entrar... Havia uma cerca, era possível pular a cerca, mas depois vinha um portão trancado!... “Bem, mercador”, falei, “não tenha medo, reze para Deus nos ajudar. Talvez o Senhor não queira prejudicar os órfãos. Deixe estar, vou fingir que não sei de nada e com o tempo talvez eu invente alguma coisa...” Muito bem... Rezei e Deus me deu uma ideia... Subi na minha carroça

e, sem fazer barulho... muito quietinho para ninguém escutar, comecei a arrancar a palha do telhado, abri um buraco e saltei para fora. Para fora, sim... Depois pulei do telhado e corri pela estrada, o mais que pude, e corri até ficar esgotado.... Devo ter corrido umas cinco verstas sem parar, de um fôlego só, e toca a correr.... Graças a Deus, avistei uma aldeia lá adiante. Cheguei perto de uma isbá, bati na janela. “Cristãos ortodoxos”, falei, “aconteceu isso assim e assim, não deixem que matem um cristão...” Acordei todo mundo... Os mujiques se juntaram e foram comigo... Uns com cordas, outros com porretes, outros com forcados... Arrebentamos os portões da estalagem e logo depois entramos no porão... Os bandoleiros já tinham amolado suas facas compridas e se preparavam para cortar o mercador. Os mujiques pegaram todos eles ali na hora, amarraram e levaram para a polícia. O mercador ficou tão contente que deu trezentos rublos para eles e, para mim, deu cinco moedas de ouro, além de anotar meu nome para mandar rezar missas. Dizem que depois encontraram ossos de gente enterrados no porão; só vendo para crer... Ossos de gente... Quer dizer, eles roubavam as pessoas e depois enterravam para não deixar vestígios... Pois é, depois foram castigados pelos carrascos de Morchansk.

Pantelei terminou a história e observou seus ouvintes. Estavam calados, olhando para ele. A água já fervia e Stiopka retirava a espuma dela.

— E a banha, está pronta? — perguntou Kiriukha, num sussurro.

— Espere mais um pouquinho... Já, já.

Sem tirar os olhos de Pantelei e como que temendo que começasse a contar outra história na sua ausência, Stiopka correu na direção das carroças; voltou logo depois com um pequeno copo de madeira e, dentro dele, começou a esfarelar a banha de porco.

— De outra vez, eu também estava viajando com um mercador... — prosseguiu Pantelei à meia-voz, como antes, e sem piscar os olhos. — Ele se chamava, agora me lembro, Piotr Grigóritch. Era um bom homem... o tal mercador... Do mesmo jeito, igualzinho, nós paramos numa estalagem na estrada... Ele, no quarto, e eu, junto aos cavalos... Os donos, o marido e a esposa, eram pessoas boas demais, muito gentis, e os empregados também, ninguém podia reclamar; só que, irmãos, eu não conseguia dormir... meu coração farejou alguma coisa! Farejou alguma coisa e não tinha jeito! O portão estava aberto, havia muita gente em volta, mesmo assim eu sentia medo, não dava para controlar. Fazia tempo que todo mundo tinha ido dormir, já era noite alta, dali a pouco eu teria de levantar, e eu estava sozinho, deitado na carroça, os olhos não queriam ficar fechados, que nem uma coruja. Pois então, irmãos, foi aí que ouvi assim: Tup! Tup! Tup! Alguém se aproximava da carroça. Levantei a cabeça, espiei: uma camponesa só de camisa, descalça... “O que você quer, menina?”, perguntei. E ela tremeu toda, a cara branca... “Levante, bom homem! Uma desgraça... Os patrões estão querendo fazer maldade... Querem matar seu mercador. Eu mesmo ouvi quando o patrão e a patroa falavam baixinho...” Pois é, não foi à toa que meu coração estava sofrendo! “E quem é você?”, perguntei. “Sou a cozinheira deles...” Ótimo... Desci da carroça e fui falar com o mercador. Acordei o homem e disse: “Aconteceu isso e isso, Piotr Grigóritch, o negócio aqui não é muito honesto... Depois Vossa Excelência vai ter tempo de dormir, mas agora, enquanto há tempo de salvar nossa pele, troque de roupa e vamos para longe dos pecadores...”. Assim que ele começou a trocar de roupa, a porta abriu e quem é que eu vejo ali?... Rainha e Mãe de Deus!... O dono e a dona da estalagem entram no quarto com três empregados... Quer dizer, os empregados também estavam

mancomunados... O dono disse para eles: “O mercador tem muito dinheiro, vamos dividir...”. Todos cinco tinham uma faca comprida na mão... Cada um, uma faca... O dono da estalagem fechou a tranca da porta e disse: “Rezem a Deus, viajantes... Mas se gritarem, não vamos deixar que rezem antes de morrer...”. Mas gritar como? A garganta da gente estava entalada de tanto medo, não tinha jeito de gritar... O mercador começou a chorar e disse: “Cristãos ortodoxos! Vocês resolveram me matar porque estão tentados pelo meu dinheiro. Pois que assim seja. Não sou o primeiro nem serei o último; muitos de meus irmãos mercadores já foram mortos em estalagens de estrada. Mas para que, irmãos ortodoxos, matar meu cocheiro? Qual a necessidade de fazer o homem sofrer por causa do meu dinheiro?”. E falou isso de um jeito que dava pena! Mas o dono da estalagem respondeu: “Se a gente deixar que ele saia vivo daqui, vai ser o primeiro a nos denunciar. Matar um ou matar dois, dá tudo na mesma. Por sete crimes, só se responde uma vez... Pode rezar e pronto, isso é tudo, não tem mais conversa!”. Eu e o mercador nos ajoelhamos lado a lado, começamos a chorar e a rezar. Ele recordou seus filhinhos, já eu, naquele tempo, ainda era jovem e queria viver... Olhamos para um ícone, rezamos e dava tanta pena que ainda agora me vêm lágrimas nos olhos... E a dona da estalagem, a tal mulher, olhou para nós e disse: “Vocês são pessoas boas, quando forem para o outro mundo, não nos queiram mal e não peçam para Deus nos castigar, fazemos isso por causa da pobreza”. Rezamos, rezamos, choramos, choramos e Deus acabou nos ouvindo. Quer dizer, teve piedade de nós... Na hora em que o dono da estalagem segurou o mercador pela barba para passar a faca no seu pescoço, de repente alguém bateu com força na janela, do lado de fora! Todos nós ficamos espantados e as mãos do dono da estalagem baixaram... Alguém bateu na janelinha e gritou: “Piotr

Grigóritch, você está aí? Se arrume logo, vamos embora!”. Vendo que tinham vindo buscar o mercador, os donos da estalagem se assustaram e fugiram correndo... Saímos logo dali, atrelamos os cavalos e fomos embora sem piscar o olho...

— Mas quem foi que bateu na janelinha? — perguntou Dímov.

— Na janelinha? Deve ter sido um santo de Deus ou um anjo. Porque além de nós não tinha ninguém... Quando fomos para o lado de fora, na rua, não tinha ninguém... Coisas de Deus!

Pantelei contou mais algumas histórias. Em todas elas apareciam as mesmas “facas compridas” e tudo parecia inventado. Será que ele tinha ouvido aqueles causos de alguém ou ele mesmo os havia inventado no passado remoto, e depois, quando sua memória começou a enfraquecer, acabou por misturar o real com o inventado e não conseguiu mais distinguir uma coisa da outra? Tudo pode acontecer, mas o estranho é que agora e durante toda a viagem, quando começava a contar uma história, ele tinha uma evidente preferência pelas coisas imaginadas e nunca falava do que tinha de fato vivido. Já Iegóruchka tomava tudo como a mais pura verdade e acreditava em todas as palavras; se bem que depois lhe pareceu estranho que um homem que percorrera a Rússia inteira, que vira e conhecera tanta coisa, um homem que perdera a esposa e os filhos num incêndio, depreciasse assim sua vida tão rica, de modo que, sempre que sentava junto à fogueira, ele ficava calado ou só falava de coisas que nunca tinham acontecido.

Enquanto comiam a papa, todos ficavam em silêncio e só pensavam no que tinham acabado de ouvir. A vida é terrível e maravilhosa, e por isso qualquer história horripilante que contarem na Rússia, por mais enfeitada que seja com esconderijos de bandoleiros, facas compridas e prodígios, sempre será apreciada pela alma

do ouvinte, como se fosse um fato real; talvez só um homem bastante experimentado nos estudos se mostre mais cético, no entanto, ainda assim, não vai falar nada. A cruz na beira da estrada, os fardos escuros nas carroças, a vastidão e o destino das pessoas reunidas em torno da fogueira — tudo isso já era, em si mesmo, tão terrível e maravilhoso que a fantasia das histórias ou dos contos empalidecia e se misturava com a vida.

Todos comiam direto da panela, mas Pantelei estava sentado à parte, sozinho, e comia a papa numa tigelinha de madeira. A colher dele não era como a dos outros, mas de madeira de cipreste e com uma cruz. Olhando para ele, Iegóruchka se lembrou do copinho de lamparina de oratório e perguntou para Stiopka em voz baixa:

— Por que o vovô fica separado?

— Ele é um Velho Crente[b] — responderam Stiopka e Vássia, num sussurro; em seguida os dois se entreolharam, como se tivessem falado de uma fraqueza ou de um defeito misterioso.

Todos ficaram calados e pensativos. Depois daquelas histórias terríveis, já não tinham vontade de falar de coisas cotidianas. De repente, no meio do silêncio, Vássia se endireitou e, cravando os olhos turvos num determinado ponto, aguçou os ouvidos.

— O que foi? — perguntou Dímov.

— Está vindo alguém — respondeu Vássia.

— Onde você está vendo isso?

— Ele está lá, olhe! Um pontinho branco…

No lugar para onde Vássia estava olhando não se via nada, só escuridão; todos escutaram com atenção, mas não ouviram passos.

— Ele vem pela estrada? — perguntou Dímov.

— Não, pelo campo… Vem por aqui.

Passou um minuto de silêncio.

— Talvez seja o mercador enterrado aqui que está andando pelo campo — disse Dímov.

Todos olharam de esguelha para a cruz, se entreolharam e de repente riram; tiveram vergonha do próprio medo.

— E para que ele ia dar uma volta pelo campo? — perguntou Pantelei. — Só aqueles que a terra rejeita andam de noite. E os mercadores não fizeram mal nenhum… Os mercadores ganharam a coroa dos mártires…

Mas então ouviram passos. Alguém caminhava apressado.

— Está levando alguma coisa — disse Vássia.

Ouviram-se os estalos do capim e da erva sob os pés do caminhante, mas não se via ninguém à luz da fogueira. Por fim, os passos soaram mais próximos, alguém tossiu; a luz vacilante pareceu se dissipar, uma cortina se levantou na frente dos olhos, e de repente os carroceiros viram um homem à sua frente.

Ou porque a luz piscava muito, ou porque todos queriam ver antes de tudo o rosto daquele homem, o estranho foi que todos, ao primeiro olhar, viram antes de tudo não o rosto nem a roupa, mas o sorriso. Era um sorriso extraordinariamente bondoso, largo e manso, como de um bebê quando acorda, um desses sorrisos contagiantes a que é difícil deixar de responder com um sorriso também. O desconhecido, quando o observaram, pareceu ter uns trinta anos de idade, sem beleza nem nada de especial. Era um ucraniano alto, de nariz comprido, braços compridos e pernas compridas; no geral, tudo nele parecia comprido e só o pescoço era tão curto que lhe dava um aspecto atarracado. Vestia uma camisa branca e limpa, de colarinho bordado, calça branca, botas novas e, em comparação com os carroceiros, parecia um homem elegante. Nas mãos, trazia algo volumoso, branco e estranho à primeira vista,

enquanto, por trás do ombro, despontava o cano de uma espingarda, também comprido.

Quando saiu do escuro e entrou no círculo de luz, ele parou, como que pregado no chão, e por meio minuto encarou os carroceiros, como se quisesse dizer: “Vejam que sorriso eu tenho!”. Depois avançou na direção da fogueira, sorriu ainda mais radiante e disse:

— Bom apetite, irmãos![c]

— Seja bem-vindo! — respondeu Pantelei, por todos.

O desconhecido colocou junto à fogueira o que trazia nas mãos — era uma abetarda morta — e cumprimentou-os mais uma vez.

Todos chegaram perto da abetarda e observaram a ave.

— Bela ave! Como você matou? — perguntou Dímov.

— Com um cartucho… Com chumbo não ia dar, ela não deixa chegar perto… Comprem, irmãos! Vendo para vocês por vinte copeques.

— Mas o que a gente vai fazer com ela? Assada se aproveita, mas cozida deve ficar dura, nem dá para cravar os dentes…

— Ah, que pena! Era melhor eu levar para os nobres da fazenda, eles bem que me dariam meio rublo, mas fica muito longe… quinze verstas!

O desconhecido sentou, tirou a espingarda do ombro e colocou a seu lado. Parecia com sono, mole; sorria, contraía as pálpebras e, pelo visto, pensava em alguma coisa muito agradável. Deram-lhe uma colher. Começou a comer.

— Quem é você? — perguntou Dímov.

O desconhecido não deu atenção à pergunta; não respondeu, nem mesmo olhou para Dímov. Provavelmente aquele homem sorridente nem sentia o gosto da papa, porque mastigava de maneira mecânica, preguiçosa, e levava a colher à boca ora muito cheia, ora

totalmente vazia. Bêbado, ele não estava, mas tinha algo de louco dentro de sua cabeça.

— Fiz uma pergunta: quem é você? — repetiu Dímov.

— Eu? — sobressaltou-se o desconhecido. — Sou Konstantin Zvonik, de Róvnoie. Umas quatro verstas daqui.

E querendo mostrar logo de uma vez que não era um mujique como os outros, mas sim melhor, Konstantin se apressou em acrescentar:

— Temos colmeias e criamos porcos.

— Mora com o pai ou sozinho mesmo?

— Não, agora moro sozinho. Me separei dele. Neste mês, depois do dia de São Pedro,[d] me casei. Agora, sou casado!... Hoje faz oitenta dias que me casei.

— Coisa boa! — disse Pantelei. — Ter esposa não é ruim... Deus te abençoou...

— Tem uma mulher novinha dormindo em casa e ele fica andando pela estepe à noite — riu Kiriukha. — Sujeito gozado!

Como se tivessem tocado seu ponto mais sensível, Konstantin estremeceu, riu, se exaltou...

— Pois é, senhores, mas ela não está em casa, não! — disse ele, tirando depressa a colher da boca e olhando para todos, com alegria e surpresa. — Não está! Foi para a casa da mãe faz dois dias! Juro, ela foi embora e eu fiquei que nem solteiro...

Konstantin abanou a mão e virou a cabeça; queria continuar pensando, mas a alegria que iluminava seu rosto o impedia. Como se não estivesse confortável sentado daquele jeito, tomou outra posição, riu e abanou a mão no ar outra vez. Tinha vergonha de revelar a pessoas estranhas seus pensamentos agradáveis, mas ao mesmo tempo sentia uma vontade incontrolável de compartilhar sua alegria.

— Ela foi para Demídovo, para a casa da mãe! — disse ele, se ruborizando e pondo a espingarda em outro lugar. — Vai voltar amanhã... Disse que vai chegar antes do almoço.

— E você não sente saudade? — perguntou Dímov.

— Sinto, sim, meu Deus, é claro! Casei há tão pouco tempo e ela foi embora... Hã? Ela é valente, Deus me castigue! É tão bonita e fofinha, sempre rindo e cantando, ela é pura pólvora! Quando está comigo, minha cabeça fica rodando, mas sem ela parece que perdi alguma coisa e fico andando pela estepe feito um bobo. Estou caminhando desde a hora do almoço; é de dar pena.

Konstantin esfregou os olhos, contemplou o fogo e riu.

— Então você está amando... — disse Pantelei.

— Ela é tão bonita e fofinha — repetiu Konstantin, sem escutar —, tão boa dona de casa, tão inteligente e tão equilibrada como não se encontra outra igual entre a gente do povo em toda a província. Foi embora... Mas está com saudade, eu sei, eu sei! Eu te conheço, minha andorinha! Ela disse que volta amanhã na hora do almoço... Mas que história! — quase gritou Konstantin, de repente elevando o tom da voz e mudando de posição. — Agora me ama e sente saudade, mas antes não queria casar comigo!

— Come aí, vai! — disse Kiriukha.

— Não queria casar comigo! — prosseguiu Konstantin, sem ouvir. — Fiquei três anos brigando com ela! Foi na feira em Kalatchik que eu a vi, fiquei morto de paixão, por pouco não enlouqueci... Eu morava em Róvnoie e ela em Demídovo, a vinte e cinco verstas um do outro, não tinha nada que eu pudesse fazer. Mandei os casamenteiros falarem com ela, e ela: “Não quero!”. Ah, minha andorinha! E aí mandei para ela isso e mais aquilo e brinquinhos e *priánik* e meio *pud*[e] de mel, e ela: “Não

quero!”. Mas também, a gente tem de admitir. Pensando bem, será que sou um bom partido para ela? É bonita, jovem, cheia de vida, e eu sou velho, daqui a pouco vou ter trinta anos, e vejam se sou bonito: a barba em leque, que nem uns espetos, o rosto sem graça, cheio de calombos. Como é que posso me comparar com ela? Talvez a única coisa boa é que a gente vive na riqueza, mas eles também, os Vakhrámienki, vivem bem. Têm três parelhas de bois e dois empregados. Eu me apaixonei, irmãos, e perdi a cabeça... Não dormia, não comia, a cabeça cheia, não parava de pensar e uma tonteira assim, ó, que Deus me livre! Tinha vontade de ver a moça e ela longe, em Demídovo... Pois o que vocês acham? Que Deus me castigue se estou mentindo: três vezes por semana eu ia até lá a pé, só para olhar para ela. Larguei o trabalho! A loucura chegou a tal ponto que eu quis até virar empregado de alguém em Demídovo, só para poder ficar mais perto dela. Eu não me aguentava mais! Mamãe chamou uma feiticeira, papai me bateu dez vezes. Pois bem, passei três anos desse jeito e tomei uma decisão: Que eu seja três vezes amaldiçoado; vou lá para a cidade dela trabalhar de carroceiro... Quer dizer, era o destino! Na Semana Santa, lá fui eu para Demídovo olhar para ela uma última vezinha...

Konstantin inclinou a cabeça para trás e desatou um riso tão satisfeito e alegre, como se tivesse, com grande esperteza, acabado de enganar alguém.

— Olhei e lá estava ela com uns rapazes na beira do rio — prosseguiu ele. — Aí, me deu uma raiva... Fui com ela para um canto mais afastado e devo ter ficado uma hora inteira falando umas palavras para ela... Aí, ela se apaixonou! Por três anos, não teve amor, mas com as palavras, se apaixonou!

— E que palavras foram essas? — perguntou Dímov.

— As palavras? Não lembro... Como é que vou lembrar? Na hora, foi que nem água saindo da torneira, sem pausa

para respirar: tá-tá-tá-tá! Mas agora, não sei falar nenhuma palavra daquelas... Pois bem, ela casou comigo... E agora minha andorinha foi para a casa da mãe e eu fiquei sem ela, andando no meio da estepe. Não consigo ficar em casa. Não aguento!

Desengonçado, Konstantin estendeu as pernas sobre as quais estava sentado, estirou-se na terra e apoiou a cabeça sobre os punhos fechados, depois se levantou e sentou outra vez. Agora, todos tinham entendido que se tratava de um homem apaixonado e feliz, feliz até a aflição; o sorriso, os olhos e todos os gestos expressavam uma felicidade angustiante. Não encontrava um lugar para si, não sabia que posição tomar nem o que fazer para não sucumbir sob o peso da abundância de pensamentos agradáveis. Tendo desabafado a alma diante de estranhos, ele afinal conseguiu sentar quieto e ficou olhando para o fogo, pensativo.

Diante do homem feliz, todos se sentiram melancólicos e também quiseram a felicidade. Todos ficaram pensativos. Dímov levantou-se, andou devagar em volta da fogueira e, pelo jeito de andar, pelos movimentos dos ombros, via-se que sofria e se angustiava. Parou, olhou para Konstantin e sentou.

A fogueira já estava apagando. A luz já não piscava e a mancha vermelha se estreitou, se extinguiu... E à medida que o fogo se apagava, mais visível ficava a noite de luar. Agora, já se via a estrada em toda sua largura, os fardos da carga, os varais das carroças, os cavalos que mastigavam; do lado oposto, se distinguia vagamente a outra cruz...

Dímov apoiou a bochecha na mão e cantarolou baixinho uma canção triste. Konstantin sorriu sonolento e cantou junto, com voz aguda. Os dois cantaram por meio minuto e depois se calaram... Emelian se sacudiu, abriu os cotovelos e mexeu os dedos.

— Irmãos — disse, em tom de súplica. — Vamos cantar uma música de igreja!

Lágrimas encheram seus olhos.

— Irmãos! — repetiu, apertando a mão no coração. — Vamos cantar uma música de igreja!

— Eu não sei — disse Konstantin.

Todos se recusaram; então Emelian começou a cantar sozinho. Moveu as mãos no ar, fez um sinal com a cabeça, abriu a boca, mas de sua garganta só escapou um sopro áspero e abafado. Ele cantava com as mãos, com a cabeça, com os olhos e até com o caroço na cara; cantava com paixão, com dor, e quanto mais forçava o peito para extrair dele pelo menos uma nota, mais abafado seu sopro saía…

Como todos os outros, a melancolia também tomou conta de Iegóruchka. Ele foi para sua carroça, escalou o fardo e deitou lá em cima. Olhou para o céu e pensou no feliz Konstantin e na esposa dele. Para que as pessoas casam? Para que servem as mulheres, neste mundo? Iegóruchka se fazia perguntas obscuras e pensava que, de fato, para o homem, era bom ter sempre por perto uma mulher carinhosa, alegre e bonita. Por algum motivo, lhe veio a lembrança da condessa Dranitskaia e pensou que, com uma mulher assim, sem dúvida, a vida seria muito agradável; provavelmente, ele ficaria muito satisfeito de casar com ela, se não sentisse tanta vergonha. Lembrou-se das sobrancelhas da condessa, das pupilas, da carruagem, do relógio com um cavaleiro em cima… A noite silenciosa e morna baixava sobre ele, sussurrava em seu ouvido e Iegóruchka sentiu como se aquela mulher bonita se curvasse sobre ele, o olhasse com um sorriso e quisesse beijá-lo…

Da fogueira, só haviam sobrado dois olhinhos vermelhos, que ficavam cada vez menores. Os carroceiros e Konstantin estavam sentados em redor, escuros, imóveis, e agora pareciam muito maiores do

que antes. As duas cruzes estavam igualmente visíveis e longe, longe, em algum ponto na estrada, brilhava uma luzinha vermelha — na certa, alguém também cozinhava uma papa.

“Nossa mãezinha Rússia, glória de todo mundo!”,[f] começou a cantar Kiriukha de repente, com voz desvairada, engasgou-se e calou-se. O eco da estepe agarrou sua voz, levou-a para longe e pareceu que a estupidez em pessoa rolava pela planície com rodas pesadas.

— Hora de ir embora! — disse Pantelei. — Levantem, minha gente!

Enquanto atrelavam os cavalos, Konstantin andava perto das carroças, dizendo maravilhas sobre sua esposa.

— Adeus, irmãos! — gritou, quando as carroças se puseram em movimento. — Obrigado pela hospitalidade! Vou de novo para aquela luz. Não consigo resistir!

Logo sumiu na escuridão e por muito tempo ainda se ouviram seus passos que seguiam na direção de onde vinha a luz, a fim de contar outra vez sua felicidade para estranhos.

No dia seguinte, quando Iegóruchka acordou, era de manhã; o sol já não estava subindo mais. A carroça estava parada. Um homem de quepe e roupa cinzenta barata, montado num cavalinho cossaco, junto à primeira carroça do comboio, conversava com Dímov e Kiriukha. Lá na frente, a umas duas verstas das carroças, reluziam celeiros brancos, baixos, compridos e casinhas cobertas de telhas; perto das casinhas, não se viam nem árvores nem quintais.

— Vovô, que aldeia é aquela? — perguntou Iegóruchka.

— Aquilo, meu rapaz, são sítios dos armênios — respondeu Pantelei. — Ali moram os armênios. Gente boa… os armênios.

O homem de roupa cinzenta terminou a conversa com Dímov e Kiriukha, desceu do cavalo e olhou para a aldeia.

— Veja só que história! — suspirou Pantelei, também olhando para ali e se encolhendo com o frescor matinal. — Ele mandou um homem para a aldeia pegar um documento e ele não voltou… Devia mandar o Stiopka!

— Vovô, quem é ele? — perguntou Iegóruchka.

— Varlámov.

Meu Deus! Iegóruchka se levantou de um pulo, ficou de joelhos e olhou bem para o quepe branco. No homem baixo e cinzento, de botas grandes, montado num cavalinho feioso, que conversava com mujiques àquela hora do dia, quando todas as pessoas respeitáveis ainda estavam dormindo, era difícil reconhecer o misterioso e esquivo Varlámov, que todo mundo procurava, que sempre “estava rodando” e que possuía muito mais dinheiro do que a condessa Dranitskaia.

— É um bom homem… — disse Pantelei, olhando para a aldeia. — Que Deus o proteja, é um senhor excelente… Esse Varlámov, Semion Aleksándritch… São pessoas assim que fazem o mundo girar. É verdade… Os galos ainda não cantaram e ele já está de pé… Outro qualquer estaria em casa dormindo ou jogando conversa fora com seus convidados e patati-patatá, mas ele passa o dia todo na estepe… Roda… Esse daí não deixa nada escapar… Nãão! A gente tem de reconhecer…

Varlámov não desviava os olhos da aldeia e dizia alguma coisa; o cavalinho mexia as patas impaciente.

— Semion Aleksándritch — gritou Pantelei, tirando o chapéu. — Permita que eu mande o Stiopka! Emelian, diga para mandarem o Stiopka!

Mas então, afinal, um homem a cavalo saiu da aldeia. Muito inclinado para o lado e brandindo a *nagaika*[g] bem alto acima da cabeça, como um *djiguite*,[h] querendo

deixar todos admirados com sua maneira atrevida de cavalgar; ele veio voando como um pássaro na direção do comboio.

— Deve ser um homem da patrulha montada de Varlámov — disse Pantelei. — Ele tem esses patrulheiros, talvez uns cem, ou até mais.

Ao alcançar a carroça da frente do comboio, o cavaleiro desmontou, tirou o chapéu e entregou para Varlámov um caderno. Ele tirou uns papéis de dentro do caderno, os leu e gritou:

— Mas onde está o bilhete de Ivánutchka?

O cavaleiro pegou de volta o caderno, olhou para os papéis e encolheu os ombros; começou a falar alguma coisa, na certa para se justificar, e pediu permissão para voltar à aldeia. De repente, o cavalinho se agitou, como se Varlámov tivesse ficado mais pesado. Varlámov também se agitou.

— Passa fora! — gritou irritado e ergueu a *nagaika* para o cavaleiro.

Em seguida, fez seu cavalo virar para trás e, enquanto examinava os papéis no caderno, percorreu o comboio a passo lento. Quando ele se aproximou da última carroça, Iegóruchka forçou a visão para observá-lo melhor. Varlámov já era velho. O rosto tinha barba grisalha e curta, o rosto russo comum, queimado de sol, estava vermelho, molhado de orvalho e coberto por veiazinhas azuladas; exprimia a mesma secura de negócios que o rosto de Ivan Ivánitch, o mesmo fanatismo pelos negócios. No entanto como era grande a diferença que se percebia entre ele e Ivan Ivánitch! No rosto do tio Kuzmitchóv, junto à secura dos negócios, havia sempre a preocupação e o temor de não encontrar Varlámov, de se atrasar, de perder a chance de obter um bom preço; coisas próprias de gente pequena e dependente, nada de parecido se percebia no rosto e na figura de Varlámov. Era ele mesmo quem dava o preço, não procurava nem

dependia de ninguém; por mais banal que fosse sua aparência, em todo ele, até na maneira de segurar a *nagaika*, sentia-se a consciência da força e do poder habitual que exercia sobre a estepe.

Ao passar por Iegóruchka, Varlámov nem olhou para ele; só o cavalinho se dignou a dar atenção ao menino, o fitando com os olhos grandes e obtusos, e mesmo assim de modo indiferente. Pantelei cumprimentou Varlámov com uma reverência; ele percebeu e, sem desviar os olhos dos papéis, falou com voz gutural:

— Dia, véio!

A conversa de Varlámov com o cavaleiro e o gesto com a *nagaika* produziram, visivelmente, em todo o comboio uma impressão desoladora. Todos estavam com o rosto sério. Desalentado com a raiva do poderoso homem, o cavaleiro, com as rédeas abaixadas e sem chapéu, deixou-se ficar junto à carroça da frente, calado, parecendo não acreditar que o dia tivesse começado tão mal para ele.

— É um velho bruto... — murmurou Pantelei. — Bruto que é uma desgraça! Mas é um bom homem, correto... Não ofende ninguém sem motivo... Correto...

Depois de examinar os papéis, Varlámov enfiou o caderno no bolso; como se tivesse entendido seus pensamentos, o cavalinho se sacudiu e, sem nem esperar o comando, arrancou pela estrada.

---

a Na Igreja Ortodoxa, a festa da Epifania celebra o batismo de Jesus Cristo no rio Jordão. O evento é comemorado no dia 19 de janeiro, no calendário gregoriano. (N. E.)

b Os seguidores da Fé Antiga, chamados *raskólniki* ou *staroviéri,* eram remanescentes do cisma ocorrido na Igreja Ortodoxa no século XVII, devido às reformas do patriarca Nikon. Eles evitavam contato com os adeptos da Igreja oficial. (N. T.)

c Servir pão e sal é um gesto tradicional de boas-vindas, na Rússia. (N. T.)

d Ou seja, depois de 29 de junho. (N. T.)

e Um *pud* equivale a 16,3 quilos. (N. T.)

f Refrão de uma canção de soldados. (N. T.)

g Chicote usado pelos cossacos, feito com três tiras de couro trançadas e, não raro, com peças de metal cortante na ponta. Foi introduzido pelos nogais, povo do Cáucaso que sofreu muita influência dos invasores mongóis. (N. T.)

h Cavaleiro cossaco, de habilidades acrobáticas. (N. T.)

VII

E na noite seguinte, os carroceiros também fizeram uma parada e cozinharam uma papa. Dessa vez, desde o início, sentia-se em todos uma espécie de melancolia vaga. Estava abafado; todos tinham bebido muito, embora não tivessem conseguido saciar a sede de jeito nenhum. A lua estava alta, muito vermelha e soturna, parecia doente; as estrelas também estavam soturnas; a escuridão estava mais densa; a distância, mais turva. A natureza parecia pressentir alguma coisa e se afligia.

Junto à fogueira, já não havia a mesma animação nem a mesma conversa. Todos estavam tristes e falavam desanimados e sem vontade. Pantelei só suspirava, se queixava das pernas e toda hora falava sobre a morte sem penitência.

Dímov estava deitado de barriga para baixo, calado, mastigando uma haste de palha; a expressão de seu rosto era de cansaço, raiva e repulsa, como se a palha tivesse um cheiro ruim... Vássia reclamava que a mandíbula estava doendo e vaticinava que o tempo ia piorar; Emelian não movia as mãos no ar; estava sentado imóvel e olhava para o fogo com ar tristonho. Iegóruchka também sofria. A viagem a passo lento o deixara cansado e o calor do dia lhe dera dor de cabeça.

Quando a papa ficou pronta, Dímov, para matar o tédio, começou a provocar os camaradas.

— O cara de caroço não brinca em serviço: é o primeiro a meter a colher! — disse, olhando para Emelian com maldade. — Que gula! Sempre se esforça para ser o primeiro junto à panela. Foi cantor de igreja e por isso

pensa que é um fidalgo! Tem muito cantor que nem ele pedindo esmola pela estrada!

— Que bicho te mordeu agora? — perguntou Emelian, também olhando para ele com maldade.

— Isso é para você aprender a não querer ser sempre o primeiro na fila da panela. Não se julgue tão importante assim!

— Você é um idiota mesmo — bufou Emelian.

Sabendo pela experiência como costumavam terminar as discussões daquele tipo, Pantelei e Vássia intervieram e começaram a convencer Dímov a não arranjar briga à toa.

— Cantor de igreja... — O valentão não sossegava, ria com desdém. — Qualquer um pode cantar assim. É só ficar na porta da igreja e cantar: “Dê uma esmola pelo amor de Cristo!”. Ora, essa!

Emelian se mantinha calado. Mas seu silêncio deixava Dímov irritado. Com ódio maior ainda, olhou para o ex-cantor de igreja e disse:

— É que não quero me misturar com você, senão eu te mostrava como se comportar!

— Mas por que está me provocando, seu Mazepa?* — exclamou Emelian. — Por acaso mexi com você?

— Como é que me chamou? — perguntou Dímov, se aprumando e com os olhos injetados de sangue. — Como foi? Eu, Mazepa? Ah, é? Pois vou te mostrar! Pronto, agora vai lá pegar!

Dímov tomou a colher da mão de Emelian e jogou-a longe. Kiriukha, Vássia e Stiopka se levantaram correndo e foram procurar a colher, enquanto Emelian fitava Pantelei com olhos suplicantes e interrogativos. De repente, seu rosto encolheu, enrugou, começou a piscar e o ex-cantor de igreja chorou como um bebê.

Iegóruchka, que sentia ódio de Dímov fazia tempo, de repente teve a sensação de que o ar ficou

insuportavelmente abafado e de que as chamas da fogueira queimavam em seu rosto; teve vontade de correr depressa para a carroça, no escuro, mas os olhos cruéis e enfastiados do valentão o atraíam. Sentindo uma vontade tremenda de falar alguma coisa extremamente ofensiva, andou na direção de Dímov e exclamou, ofegante:

— Você é o pior de todos! Não consigo suportar você! — Depois disso, era preciso fugir para o comboio, mas ele não conseguia sair do lugar de jeito nenhum, e continuou: — No outro mundo, você vai queimar no inferno! Vou me queixar com Ivan Ivánitch! Não se atreva a ofender o Emelian!

— Ora, onde já se viu? — escarneceu Dímov. — Um leitãozinho desse... O leite ainda nem secou nos beiços e já quer cantar de galo! Quer levar um puxão de orelha?

Iegóruchka sentiu que não conseguia respirar; aquilo nunca tinha acontecido antes e, de repente, todo seu corpo começou a tremer, ele começou a bater com os pés no chão e a gritar com voz estridente:

— Batam nele! Batam nele!

Lágrimas romperam de seus olhos; Iegóruchka sentiu vergonha e, cambaleando, correu para o comboio. A impressão causada por seu grito, ele não viu. Deitado sobre o fardo na carroça e chorando, ele sacudia as pernas e os braços, e sussurrava:

— Mamãe! Mamãe!

Aquelas pessoas, as sombras em volta da fogueira, os fardos escuros nas carroças, os relâmpagos distantes que faiscavam a cada minuto, tudo agora lhe parecia terrível e desumano. Iegóruchka tinha medo e se perguntava, em desespero, como e para que ele tinha ido parar numa terra desconhecida, em companhia de mujiques assustadores? Onde estavam agora o titio, o padre Khristofor e Deniska? Por que demoravam tanto a chegar? Será que tinham se esquecido dele? Em face da

ideia de que estava esquecido e abandonado ao sabor do destino, sentiu frio e um medo tão grande que várias vezes teve o impulso de descer da carroça e, às pressas, sem olhar para trás, voltar correndo pela estrada, mas a lembrança das cruzes escuras e sinistras, que certamente ele encontraria no caminho, e os relâmpagos que faiscavam ao longe o detiveram... E só quando sussurrava “Mamãe! Mamãe!” parecia sentir-se mais aliviado...

Os carroceiros também pareciam assustados. Depois que Iegóruchka se afastou correndo da fogueira, eles ficaram muito tempo calados; depois começaram a falar em voz baixa e abafada sobre alguma coisa, diziam que ela estava vindo e logo seria preciso arrumar as coisas e fugir... Terminaram de comer rapidamente, apagaram o fogo e atrelaram os cavalos em silêncio. Pela agitação e pelas frases entrecortadas, percebia-se que previam algum desastre.

Antes de seguirem caminho, Dímov se aproximou de Pantelei e perguntou:

— Como ele se chama?

— Iegóri... — respondeu Pantelei.

Dímov apoiou um pé na roda, segurou-se na corda que amarrava o fardo e suspendeu o corpo. Iegóruchka viu seu rosto e a cabeça de cabelos crespos. O rosto estava pálido, abatido e sério, já não exprimia raiva.

— Iora! — disse ele, baixinho. — Vai, bate!

Iegóruchka fitou-o com surpresa; naquele instante, faiscou um relâmpago.

— Tudo bem, bate! — repetiu Dímov.

E, sem esperar que Iegóruchka batesse ou falasse, pulou para baixo e exclamou:

— Que chatice!

Depois, balançando o corpo de um pé para o outro e abrindo os cotovelos, percorreu toda a extensão do

comboio, enquanto repetia, com voz ora chorosa, ora aborrecida:

— Que chatice! Meu Deus! Não fique aborrecido, Emelian — disse, ao passar por ele. — É por causa dessa nossa vida de bicho, sem destino!

Um relâmpago irrompeu no lado direito e, como um reflexo no espelho, outro relâmpago faiscou ao longe.

— Iegóri, tome! — gritou Pantelei, lá embaixo, e entregou algo grande e escuro.

— O que é isso? — perguntou Iegóruchka.

— Uma esteirazinha! Vai cair uma chuvinha, então se cubra com isso.

Iegóruchka levantou-se e olhou em volta. Ao longe, se percebia um negror e, em intervalos cada vez menores, piscava uma luz branca, como se fossem pálpebras abrindo e fechando. O negror se inclinava para a direita, como que puxado pelo próprio peso.

— Vovô, vai ter tempestade? — perguntou Iegóruchka.

— Ah, meus pezinhos estão doendo, inchados! — disse Pantelei com voz cantada, sem ouvir Iegóruchka, enquanto batia os pés no chão.

À esquerda, como se alguém riscasse um fósforo no céu, uma faixa pálida e fosforescente se acendeu e apagou. Ouviu-se um barulho, como se em algum lugar muito distante uma pessoa caminhasse em cima de um telhado de ferro. Na certa andava descalça, porque o ferro roncava com um som surdo.

— Está armando uma chuvarada! — gritou Kiriukha.

Entre a vastidão e o horizonte da direita, faiscou um relâmpago tão brilhante que iluminou uma parte da estepe e a área onde o céu claro fazia divisa com a escuridão. Uma nuvem assustadora se aproximava sem pressa, como uma massa compacta; nas bordas, pendiam grandes farrapos pretos; farrapos semelhantes se espremiam uns nos outros e se avolumavam no horizonte da direita e da esquerda. O aspecto rasgado e

esfarrapado da nuvem lhe dava uma feição de bêbada e de baderneira. Roncou um trovão com um som claro, e não surdo. Iegóruchka se benzeu e tratou de vestir o paletó depressa.

— Que chatice! — o grito de Dímov veio lá das primeiras carroças e, pelo som da voz, dava para perceber que ele já começava a ficar com raiva outra vez. — Que chatice!

De repente, bateu um vento e com tanta força que por pouco não levou a esteira e a trouxa de Iegóruchka; repuxada, a esteira se sacudiu para todos os lados e ficou batendo no fardo de lã e no rosto de Iegóruchka. Com um assovio, o vento atravessou a estepe, pôs-se a girar sem direção, fazendo subir do capim um barulho tão alto que, ao fundo dele, não se podia ouvir nem o trovão nem o ganido das rodas das carroças. O vento soprava da nuvem negra e trazia consigo uma nuvem de poeira, o cheiro de chuva e de terra molhada. A luz da lua ficou nublada, como que mais suja, as estrelas pareceram ainda mais soturnas e as nuvens de poeira e suas sombras podiam ser vistas correndo pela beira da estrada, não se sabia a que destino. Agora os turbilhões rodopiavam e arrebatavam da terra poeira, capim seco, penas e, muito provavelmente, levantava tudo até o céu; sem dúvida, grandes bolas de erva seca emaranhada voavam em volta da nuvem negra e, como era de esperar, aquilo dava muito medo! Mas, através da poeira que se enfiava nos olhos, não se enxergava nada, senão o brilho dos relâmpagos.

Achando que a chuva ia cair naquele minuto, Iegóruchka se pôs de joelhos e se cobriu com a esteira.

— Panteleeei! — gritou alguém lá na frente. — A... a... va!

— Não estou ouviiindo! — respondeu Pantelei, em voz alta e cantada.

— A... a... va! Aria... a!

A trovoada rugiu feroz, rolou pelo céu da direita para a esquerda, depois voltou e se extinguiu perto das carroças da frente.

— Santo, santo, santo, Senhor de Sabaoth — balbuciou Iegóruchka, fazendo o sinal da cruz. — O céu e a terra estão cheios de sua glória…

O negror do céu abriu a boca e soprou um fogo branco; logo depois, um trovão roncou de novo; mal se calou, um raio brilhou tão largo que Iegóruchka, de repente, através dos furos da esteira, viu a estrada inteirinha, até o horizonte, todos os carroceiros e até mesmo o colete de Kiriukha. Os farrapos negros da esquerda já se levantavam e um deles, mais bruto, mais tosco, semelhante à pata de um animal com garras, se esticou na direção da lua. Iegóruchka resolveu fechar os olhos com força, não prestar atenção e esperar que tudo terminasse.

Por algum motivo, a chuva demorou muito a começar. Iegóruchka, à espera de que, talvez, a nuvem passasse, espiou por trás da esteira. Era uma escuridão de dar medo. Iegóruchka não viu nem Pantelei, nem o fardo de lã nem a si mesmo; cravou os olhos no lugar onde pouco antes estava a lua, mas ali a escuridão era tão grande quanto na carroça. No negror, os raios pareciam mais brancos e ofuscantes, como se os olhos estivessem doentes.

— Pantelei! — chamou Iegóruchka.

Não veio resposta. Mas então, afinal, o vento pela última vez sacudiu a esteira e fugiu para algum lugar. Ouviu-se um barulho calmo, contínuo. Uma gota grande e gelada bateu no joelho de Iegóruchka, outra escorreu pelo braço. Ele notou que os joelhos não estavam cobertos e quis ajeitar melhor a esteira, mas naquele instante algo caiu e começou a bater na estrada, depois nos varais da carroça, depois nos fardos. Era a chuva. A esteira e a chuva, como se compreendessem uma à

outra, começaram a falar depressa, alegres, e de modo desagradável, como dois corvos.

Iegóruchka ficou de joelhos, ou melhor, sentado sobre as botas. Quando a chuva começou a bater com força na esteira, ele inclinou o torso para a frente a fim de proteger os joelhos, que de repente ficaram molhados; os joelhos estavam cobertos, mas em compensação, logo depois, ele sentiu uma umidade incômoda e cortante na parte de trás do corpo, na parte baixa das costas e nas panturrilhas. Ele retomou a posição anterior, pôs os joelhos para fora, sob a chuva, e começou a pensar no que fazer, como ajeitar melhor a esteira, invisível no escuro. Mas seus braços já estavam molhados, a água escorria nas mangas e no colarinho, as costas gelavam. Então decidiu não fazer nada, apenas ficar sentado, imóvel, e esperar que tudo terminasse.

— Santo, santo, santo… — sussurrava.

De repente, bem acima de sua cabeça, com um estouro aterrador e ofuscante, o céu se rompeu; Iegóruchka se dobrou para a frente e prendeu a respiração, à espera do momento em que os escombros desabassem em sua nuca e suas costas. Abriu os olhos sem querer e, nos dedos, nas mangas molhadas, nos fios de água que escorriam pela esteira, no fardo da carroça e na terra, abaixo, viu que uma luz ardente e ofuscante explodiu e piscou umas cinco vezes. Irrompeu um novo estrondo, também forte e apavorante. O céu já não trovejava, não retumbava, mas propagava sons secos, estridentes, parecidos com estalos de uma árvore ressequida.

“Trar! Tar, tar, tar!”, escandiu o trovão com clareza, rolando pelo céu, tropeçando e, em algum lugar, perto das carroças da frente ou mais além, desabando com um repentino e sinistro “trrraa!…”

Até então, os relâmpagos apenas davam medo, mas com aquele trovão eles se tornaram sinistros. Sua luz

enfeitiçada penetrava entre as pálpebras fechadas e fazia um frio correr por todo o corpo. O que fazer para não vê-los? Iegóruchka resolveu virar o rosto para o outro lado. Com cuidado, como se temesse que o observassem de trás, ficou de quatro e, com as palmas das mãos escorregando pelo fardo molhado, deu meia-volta.

“Trar! Tar! Tar!”, disparou acima de sua cabeça, caiu embaixo da carroça e explodiu. “Rrrra!”

De novo, os olhos se abriram sem querer e Iegóruchka viu um novo perigo: atrás da carroça, caminhavam três gigantes enormes com lanças compridas. Um raio faiscou nas pontas das lanças e iluminou seus vultos com muita clareza. Eram pessoas de estatura colossal, rosto coberto, cabeça abaixada e passo pesado. Pareciam tristes e abatidos, imersos em pensamentos. Talvez andassem atrás da carroça não para fazer algum mal, mesmo assim sua proximidade tinha algo de ameaçador.

Iegóruchka virou-se depressa e, com o corpo todo trêmulo, começou a gritar:

— Pantelei! Vovô!

“Trar! Tar! Tar!”, respondeu o céu.

Ele abriu os olhos para ver se os carroceiros estavam ali. Um raio brilhou em dois lugares e iluminou a estrada até o horizonte e todo o comboio, todos os carroceiros. Riachos corriam pela estrada e bolhas saltavam. Pantelei andava perto da carroça, de chapéu alto e ombros cobertos por uma esteira pequena; a figura não exprimia medo nem inquietação, como se tivesse ficado surdo com os trovões e cego com os relâmpagos.

— Vovô, os gigantes! — gritou Iegóruchka, chorando.

Mas o vovô não ouviu. Mais adiante, caminhava Emelian. Estava coberto por uma esteira grande, da cabeça aos pés, e agora tinha o formato de um triângulo. Vássia, sem nada que o cobrisse, andava como um boneco de pau, como sempre, erguendo os pés bem alto, sem dobrar os joelhos. À luz dos relâmpagos, parecia que

o comboio não se movia e que os carroceiros estavam congelados, que a perna erguida de Vássia estava paralisada...

Iegóruchka chamou o vovô outra vez. Sem obter resposta, sentou-se e ficou imóvel e já não esperava mais que tudo terminasse. Estava convencido de que, a qualquer minuto, um trovão iria matá-lo, que os olhos iriam se abrir sem querer e ele ia ver os terríveis gigantes. E Iegóruchka já não fazia mais o sinal da cruz, não chamava o vovô, não pensava na mãe, apenas se deixava ficar enrijecido pelo frio e pela certeza de que a tempestade nunca iria terminar.

Mas de repente soou uma voz.

— Iegóri, está dormindo, é? — gritou Pantelei lá embaixo. — Desce daí! Ficou surdo, o palerma!...

— Olhe, isto é que é tempestade! — disse um desconhecido com voz de baixo e fez um barulho com a garganta, como se tivesse acabado de beber um bom copo de vodca.

Iegóruchka abriu os olhos. Lá embaixo, perto da carroça, estavam Pantelei, o triangular Emelian e os gigantes. Estes, agora, estavam muito mais baixos e, quando Iegóruchka observou melhor, pareceram mujiques comuns, que traziam nos ombros não lanças, mas forcados de ferro. No espaço entre Pantelei e o triângulo, estava acesa a janela de uma isbá muito baixa. Portanto, o comboio estava numa aldeia. Iegóruchka se desfez da esteira, pegou a trouxa e desceu depressa da carroça. Agora, vendo pessoas que falavam em volta e a janela acesa, ele já não sentia mais medo, embora os trovões roncassem como antes e os relâmpagos riscassem o céu inteiro.

— Uma boa tempestade, não se pode negar... — resmungou Pantelei. — Glória a Deus... Os pezinhos melhoraram um pouco por causa da chuva, nada mal...

Desceu, Iegóruchka? Muito bem, vá para dentro da isbá… Está tudo bem…

— Santo, santo, santo… — arquejou Emelian. — É certo que desabou em algum lugar… Vocês são daqui? — perguntou para os gigantes.

— Não, de Glínovo… Somos nascidos em Glínovo. Trabalhamos para os senhores Pláterov.

— São debulhadores, é?

— Várias coisas. Agora a gente ainda está colhendo o trigo. Mas que raios, que raios! Faz tempo que não tem uma tempestade assim…

Iegóruchka entrou na isbá. Veio a seu encontro uma velha magrela, corcunda, de queixo pontudo. Trazia nas mãos uma vela de sebo, piscava os olhos e dava suspiros compridos.

— Que tempestade foi essa que Deus mandou! — disse ela. — E nossa gente está passando a noite na estepe. Eles vão penar um bocado, pobrezinhos! Troque de roupa, meu querido, troque de roupa…

Tremendo de frio e se encolhendo de nojo, Iegóruchka desvencilhou-se do paletó, depois abriu bastante os braços e as pernas, e ficou muito tempo sem se mexer. Qualquer pequeno movimento provocava nele uma sensação desagradável de umidade e frio. As mangas e as costas da camisa estavam molhadas, a calça estava grudada às pernas, escorria água da cabeça…

— De que adianta ficar assim de pernas abertas, garoto? — falou a velha. — Entre, sente!

Abrindo bem as pernas, Iegóruchka foi até a mesa e sentou-se num banco, perto da cabeça de alguém. A cabeça se mexeu, soltou um jato de ar pelo nariz, mastigou um pouco e se aquietou. Ao longo do banco, a partir da cabeça, estendia-se um pequeno monte coberto por uma pele de ovelha. Era uma camponesa que dormia.

A velha, suspirando, saiu e voltou em seguida, com uma melancia e um melão.

— Coma, querido! É o que tenho para oferecer... — disse ela, bocejando, enquanto remexia sobre a mesa e pegava uma faca comprida e pontuda, muito parecida com as que os bandoleiros de estrada usavam para atacar os comerciantes nas estalagens. — Coma, querido!

Iegóruchka, tremendo como se tivesse febre, comeu uma fatia de melão com pão preto, depois uma fatia de melancia e com isso sentiu mais frio ainda.

— Nossa gente está passando a noite na estepe... — suspirou a velha, enquanto comia. — Paixão de Cristo... Tinha de acender uma velinha na frente do ícone, mas não sei onde o Stiepánida colocou. Coma, querido, coma...

A velha bocejou, inclinou para trás o braço direito e coçou o ombro esquerdo.

— Agora devem ser duas horas — disse ela. — Daqui a pouco está na hora de levantar. Nossa gente está passando a noite na estepe... Na certa, estão todos ensopados...

— Vovó — disse Iegóruchka. — Quero dormir.

— Deite, querido, deite... — suspirou a velha, bocejando. — Senhor Jesus Cristo! Eu também estava dormindo, quando ouvi o barulho de alguém batendo na porta. Acordei, fui olhar e era a tempestade que Deus mandou... Tinha de acender uma velinha, mas não achei nenhuma.

Enquanto falava sozinha, pegou uns trapos no banco, na certa sua própria cama, tirou duas peles de carneiro de um gancho perto da estufa e começou a fazer a cama de Iegóruchka.

— Essa tempestade não sossega — balbuciou ela. — Sabe lá se alguma coisa queimou? Nossa gente está passando a noite na estepe... Deite, querido, durma...

Cristo te proteja, netinho... Vou deixar o melão aqui para você, pode querer comer um pouco, quando levantar.

Os suspiros e bocejos da velha, a respiração ritmada das mulheres adormecidas, a penumbra na isbá e o barulho da chuva na janela eram um convite para o sono. Iegóruchka teve vergonha de trocar de roupa na frente da velha. Tirou só as botas, deitou e cobriu-se com a pele de ovelha.

— O rapazinho deitou? — ouviu-se o sussurro de Pantelei, um minuto depois.

— Deitou! — respondeu a velha, num sussurro. — Paixão, Paixão do Senhor! Troveja, troveja, parece que não vai parar nunca...

— Logo, logo vai parar... — sussurrou Pantelei, enquanto sentava. — Já amansou... Os rapazes foram para as isbás e dois ficaram com os cavalos... Os rapazes... Não tem jeito... Senão roubam os cavalos... Vou ficar aqui um pouquinho e depois vou pegar meu turno de vigia... Não tem jeito, senão roubam...

Pantelei e a velha estavam sentados junto aos pés de Iegóruchka e falavam num sussurro sibilante, interrompendo a conversa com suspiros e bocejos. Iegóruchka não conseguia se aquecer de jeito nenhum. Sobre ele, havia uma pele de ovelha quente e pesada, mas seu corpo todo tremia, as mãos e os pés se contraíam em convulsões, as entranhas estremeciam... Ele se cobria com a pele de ovelha, mas nem aquilo ajudava. Os calafrios ficavam cada vez mais fortes.

Pantelei saiu para cumprir seu turno de vigia e depois voltou, mas Iegóruchka não conseguia dormir e todo seu corpo tremia. Algo pesava na cabeça e no peito, o esmagava, e ele não sabia o que era: seria o sussurro dos velhos ou o cheiro forte de ovelha? A melancia e o melão que havia comido deixaram um gosto desagradável e metálico na boca. Além disso, pulgas o estavam picando.

— Vovô, estou com frio! — disse e nem reconheceu a própria voz.

— Durma, netinho, durma… — suspirou o velho.

Na ponta dos pés, Tit foi para perto da cama e abanou os braços, depois cresceu até o teto e se transformou num moinho. Padre Khristofor, não do jeito como viajava sentado na charrete, mas com a indumentária eclesiástica completa e com o aspersório na mão, caminhava em redor do moinho, borrifava água benta e o moinho parava de girar. Sabendo que era um delírio, Iegóruchka abriu os olhos.

— Vovô! — chamou. — Me dê água!

Ninguém respondeu. Iegóruchka sentia um abafamento insuportável, ficar deitado incomodava. Levantou-se, vestiu-se e saiu da isbá. Começava a amanhecer. O céu estava cinzento, mas já não chovia. Tremendo e embrulhando-se no paletó molhado, Iegóruchka andou pelo pátio enlameado, escutou o silêncio com atenção; diante dos olhos, surgiu um estábulo pequeno, com uma portinha de bambu, aberta pela metade. Espiou dentro da baia, entrou e sentou num canto escuro, sobre um saco de estrume seco.

Na cabeça pesada, os pensamentos se embrulhavam; na boca seca havia um gosto metálico repugnante. Ele examinou o gorro, ajeitou a pena de pavão e se lembrou do dia em que foi comprar aquele gorro com a mãe. Enfiou a mão no bolso e pegou uma bola de resina pegajosa e marrom. Como aquilo foi parar no seu bolso? Pensou, cheirou: tinha cheiro de mel. Ah, é o *priánik* do judeu! Como ficou molenga, coitado!

Iegóruchka examinou seu paletó. Era um paletó acinzentado, com grandes botões de osso, costurado à maneira de um redingote. Como era algo novo e caro, em casa, ficava pendurado não no vestíbulo, mas no quarto de dormir, junto com os vestidos da mãe; só podia vesti-lo em dias de festa. Olhando para o paletó,

Iegóruchka sentiu pena dele, pensou que tanto o paletó quanto ele mesmo tinham sido abandonados ao sabor do destino, que os dois nunca mais voltariam para casa e começou a soluçar com tanta força que por pouco não caiu do saco de estrume.

Um cachorro grande e branco, ensopado de chuva, com fiapos de lã no focinho, parecidos com papelotes de cabelo, entrou na baia e fitou Iegóruchka com curiosidade. Pelo visto, estava pensando: vou latir ou não vou? Tendo decidido que não precisava latir, se aproximou de Iegóruchka com cuidado, comeu a bolinha pegajosa e saiu.

— Lá vem o pessoal do Varlámov! — gritou alguém, na rua.

Tendo chorado tudo o que tinha para chorar, Iegóruchka saiu da baia contornando a poça e arrastou os pés pela rua. As carroças estavam na estrada, bem na frente do portão. Os carroceiros molhados, de pés enlameados, apáticos e sonolentos como moscas de outono, vagavam por perto ou se deixavam ficar sentados nas boleias. Iegóruchka olhou para eles e pensou: “Como é maçante e desagradável ser mujique!”. Aproximou-se de Pantelei e sentou ao seu lado na boleia.

— Vovô, estou com frio! — disse, tremendo e enfiando as mãos nas mangas.

— Tudo bem. Logo, logo vamos chegar — bocejou Pantelei. — Não há de ser nada, você vai se aquecer.

O comboio partiu bem cedo, pois ainda não estava quente. Iegóruchka estava deitado sobre o fardo de lã e tremia de frio, apesar de o sol ter logo surgido no céu e secado sua roupa, o fardo de lã e a terra. Assim que fechou os olhos, Iegóruchka viu de novo Tit e o moinho. Sentindo náusea e um peso em todo o corpo, ele se esforçou para expulsar aquelas imagens, porém, mal desapareciam, era o valentão Dímov que se jogava sobre Iegóruchka com um urro, os olhos vermelhos, de punhos

cerrados e erguidos, ou então se ouvia seu lamento: “Que chatice!”. Varlámov passava em seu cavalinho cossaco, Konstantin surgia a pé, com seu sorriso, feliz e uma abetarda na mão. E como todas aquelas pessoas eram maçantes, incômodas e detestáveis!

A certa altura — já era pouco antes do entardecer —, Iegóruchka levantou a cabeça para pedir água. A carroça estava numa ponte grande que se estendia sobre um rio largo. Embaixo, sobre o rio, havia uma fumaça escura e, através dela, se via um navio a vapor que rebocava uma balsa. À frente, depois do rio, assomava uma montanha imensa, semeada de casas e igrejas; na base da montanha, uma locomotiva corria puxando vagões de carga...

Iegóruchka nunca tinha visto navios a vapor, locomotivas ou rios largos. E agora, ao vê-los, não se assustou, não se admirou; seu rosto sequer exprimiu algo parecido com curiosidade. Apenas sentiu tontura e logo tratou de apoiar o peito na beira do fardo de lã. Vomitou. Pantelei, vendo aquilo, gritou e balançou a cabeça.

— Está doente o nosso rapazinho! — disse. — Na certa resfriou a barriga... o rapazinho... Tão longe de casa... Não é moleza!

---

* Ivan Stepánovitch Mazepa (1639-1709), chefe dos cossacos ucranianos. Seu nome era sinônimo de bandoleiro e traidor. (N. T.)

VIII

O comboio parou perto do cais, num grande albergue para mercadores. Descendo da carroça, Iegóruchka ouviu uma voz muito conhecida. Alguém o ajudou a descer e disse:

— Nós chegamos ontem à tarde mesmo... Ficamos esperando você hoje, o dia inteiro. Queríamos alcançar vocês ontem, mas não havia jeito, viemos por outro caminho. Puxa, seu paletozinho está todo amarfanhado! Seu tio vai dar uma bronca!

Iegóruchka voltou os olhos para o rosto de mármore que lhe falava e se deu conta de que era Deniska.

— Seu tio e o padre Khristofor estão agora no quarto — prosseguiu Deniska. — Estão tomando chá. Vamos.

Ele levou Iegóruchka para um casarão de dois andares, escuro e soturno, parecido com o asilo de pobres de N. Depois de passarem pelo vestíbulo, pela escada escura e pelo corredor comprido e estreito, Iegóruchka e Deniska entraram num quartinho em que, de fato, Ivan Ivánitch e o padre Khristofor estavam sentados diante de uma mesa de chá. Ao ver o menino, os dois velhos estamparam no rosto surpresa e alegria.

— Ah-ah, Iegor Nikola-a-a-aitch! — exclamou padre Khristofor, com voz cantada. — Senhor Lomonóssov!

— Ah, o senhor fidalgo! — disse Kuzmitchóv. — Saudações.

Iegóruchka tirou o paletó, beijou a mão do tio e do padre Khristofor e sentou-se à mesa.

— Muito bem, como foi a viagem, *puer bone*?[a] — Padre Khristofor cobriu-o de perguntas, enquanto lhe servia chá

e, como de costume, sorria radiante. — Está farto de viajar, eu aposto. Deus nos livre de viajar de carroça ou de carro de boi! A gente anda, anda, reza, olha para a frente e a estepe está sempre igual, comprida, imutável, exatamente como era: não se vê o fim! Não é uma viagem, é puro suplício. Mas então, não vai beber o chá? Tome! Enquanto você se arrastava com o comboio, nós ficamos por aqui e todos os negócios foram fechados. Graças a Deus! Vendemos a lã para Tcherepákhin e, graças a Deus, foi muito bem vendida... Aproveitamos bem.

Desde que pôs os olhos em sua gente, Iegóruchka sentiu uma vontade irresistível de se queixar. Não ouviu o que padre Khristofor dizia e pensava como ia começar a se queixar e de que ia reclamar, em especial. Porém a voz do padre Khristofor, que parecia desagradável e cortante, o impedia de se concentrar e fazia seus pensamentos se embaralharem. Depois de menos de cinco minutos sentado, levantou-se da mesa, foi para o sofá e sentou.

— E essa agora! — admirou-se o padre Khristofor. — E o chá?

Pensando de que iria se queixar, Iegóruchka encostou a testa nas costas do sofá e de repente desatou a soluçar.

— E essa agora! — repetiu o padre Khristofor, levantando-se e indo até o sofá. — Geórgi, o que você tem? Por que está chorando?

— Eu... estou doente! — exclamou Iegóruchka.

— Doente? — confundiu-se o padre Khristofor. — Ora, isso já não é bom, irmão... Será que adoeceu na viagem? Ai, ai, o que você tem, irmão... hein?

Pôs a mão na cabeça de Iegóruchka, apalpou o rosto e disse:

— Sim, a cabeça está quente... Na certa, se resfriou ou comeu alguma coisa... Reze para Deus ajudar.

— Vamos dar quinino para ele... — disse Ivan Ivánitch, também confuso.

— Não, era melhor ele comer alguma coisa quentinha... Geórgi, quer uma sopinha? Hein?

— Não. Não quero... — respondeu Iegóruchka.

— Tem calafrios, tem?

— Antes tinha calafrios, mas agora... agora estou com calor. Meu corpo todo está doendo...

Ivan Ivánitch chegou perto do sofá, tocou na cabeça de Iegóruchka, deu um grunhido confuso e voltou para a mesa.

— Olhe, troque de roupa e vá dormir — disse o padre Khristofor. — Você tem de dormir bastante.

Ajudou Iegóruchka a trocar de roupa, lhe deu um travesseiro, cobriu-o com uma manta e, por cima dela, estendeu o paletó de Ivan Ivánitch; depois se afastou na ponta dos pés e sentou-se à mesa. Iegóruchka fechou os olhos e, no mesmo instante, lhe pareceu que não estava no quarto, mas sim na estrada principal, perto da fogueira; Emelian mexia a mão, enquanto Dímov, de olhos vermelhos, estava deitado de barriga para baixo e olhava para Iegóruchka com ar de zombaria.

— Batam nele! Batam nele! — gritou Iegóruchka.

— Está delirando... — falou o padre Khristofor.

— Que problema! — suspirou Ivan Ivánitch.

— Vai ser preciso esfregá-lo com óleo e vinagre. Se Deus quiser, amanhã vai ficar bom.

Para se desvencilhar das visões penosas, Iegóruchka abriu os olhos e ficou olhando para a luz. Padre Khristofor e Ivan Ivánitch já tinham terminado de tomar chá e conversavam em sussurros. O primeiro sorria feliz e, pelo visto, não conseguia esquecer que tinha obtido um grande lucro com a lã; se alegrava não só com o lucro, mas também com a ideia de que, ao chegar em casa, ia reunir toda a família numerosa, piscar o olho com ar malandro e dar uma gargalhada; de início, enganaria a

todos, dizendo ter vendido a lã por um preço abaixo de seu valor, mas depois ia entregar ao cunhado Mikhail um caderno grosso e diria: “Tome aqui! Veja como se deve fazer negócios!”. Já Kuzmitchóv não parecia satisfeito. Seu rosto, como antes, exprimia a preocupação e a secura do homem de negócios.

— É, se eu soubesse que Tcherepákhin pagaria esse preço — falou, à meia-voz —, não teria vendido em casa aqueles trezentos *pud* para Makárov! Que decepção! Mas, também, quem é que poderia saber que aqui pagariam mais?

Um homem de camisa branca retirou o samovar e acendeu uma lamparina na frente de um ícone. Padre Khristofor sussurrou alguma coisa no ouvido dele; o homem fez uma cara de mistério, como um conspirador — entendi, pareceu dizer —, saiu e, voltando um pouco depois, colocou um pinico embaixo do sofá. Ivan Ivánitch fez sua cama no chão, bocejou algumas vezes, rezou preguiçosamente e deitou.

— Amanhã, estou pensando em ir à catedral… — disse o padre Khristofor. — Tenho lá um conhecido, um sacristão. Eu deveria visitar o monsenhor depois da missa, mas disseram que está doente.

Bocejou e apagou o lampião. Agora, só a lamparina continuava acesa.

— Disseram que ele não recebe visitas — prosseguiu o padre Khristofor, tirando o agasalho. — Então irei embora sem falar com ele.

Tirou o cafetã e Iegóruchka viu na sua frente o Robinson Crusoé. O Robinson misturou alguma coisa num pires, se aproximou de Iegóruchka e sussurrou:

— Lomonóssov, está dormindo? Levante, vamos! Vou esfregar você com óleo e vinagre. Faz bem, é só você rezar e pedir a ajuda de Deus.

Iegóruchka levantou-se depressa e sentou. Padre Khristofor tirou a camisa do menino e, se encolhendo,

com a respiração entrecortada, como se ele mesmo sentisse o atrito, começou a esfregar o peito de Iegóruchka.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... — sussurrava. — Deite de barriga para baixo!... Assim. Amanhã você vai estar bom, é só não cometer nenhum pecado... Está queimando como fogo! Aposto que estavam na estrada quando caiu a tempestade, não foi?

— Foi, na estrada.

— Como é que não ia ficar doente? Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... Como é que não ia ficar doente?

Depois de esfregar Iegóruchka, o padre Khristofor vestiu nele a camisa, cobriu-o, fez o sinal da cruz e se afastou. Em seguida, Iegóruchka viu que ele rezava. Sem dúvida, o velho sabia muitas preces de cor, porque ficou muito tempo de pé na frente do ícone, sussurrando. Depois de rezar, fez o sinal da cruz para as janelas, para a porta, para Iegóruchka, para Ivan Ivánitch, deitou-se num sofazinho sem travesseiro e cobriu-se com o próprio casaco. No corredor, o relógio bateu dez horas. Iegóruchka lembrou que faltava muito tempo para amanhecer e, desanimado, apertou a testa nas costas do sofá e não tentou mais rechaçar as visões nebulosas e opressivas. No entanto a manhã chegou muito antes do que ele imaginava.

Parecia que estava deitado havia pouco tempo, com a testa apertada nas costas do sofá, mas, quando abriu os olhos, raios de sol diagonais se estiravam pelo chão, de ambos os lados do quarto. O padre Khristofor e Ivan Ivánitch não estavam ali. O quarto estava arrumado, claro, confortável e com o cheiro do padre Khristofor, que sempre exalava um aroma de cipreste e de centáureas secas (em casa, ele sempre usava as centáureas para fazer aspersórios e enfeites para os ícones, por isso tinha sempre o cheiro delas). Iegóruchka deu uma olhada no

travesseiro, nos raios de sol diagonais, em suas botas, que agora estavam limpas e arrumadas lado a lado junto ao sofá, e riu. Achou estranho que não estivesse em cima do fardo de lã, que em volta tudo estivesse seco e que, no teto, não houvesse raios e trovões.

Pulou do sofá e começou a vestir-se. Sua saúde estava excelente; da doença da véspera, restava apenas uma pequena fraqueza nas pernas e no pescoço. Ou seja, o óleo e o vinagre ajudaram. Lembrou-se do navio a vapor, da locomotiva e do rio largo, que vira na véspera de maneira confusa, e agora tinha pressa em se vestir para correr ao cais e ver tudo aquilo. Lavou-se e, quando estava vestindo a camisa vermelha de algodão, de repente a fechadura da porta estalou e, na soleira, surgiu o padre Khristofor de cartola, bengalinha, sotaina marrom de seda por cima do cafetã. Sorrindo radiante (os velhos estão sempre radiantes, quando chegam da igreja), ele pôs na mesa o pão ázimo e um pacote, fez uma prece e disse:

— Deus nos deu sua bênção! E então, como está a saúde?

— Agora, estou bem — respondeu Iegóruchka, beijando sua mão.

— Graças a Deus... Estou vindo da missa... Estive com o sacristão, meu conhecido. Ele me convidou para tomar chá em sua casa, mas não fui. Não gosto de fazer visitas tão cedo. Que fique com Deus!

Tirou a sotaina, alisou o peito e, sem pressa, desembrulhou o pacote. Iegóruchka viu uma latinha de caviar granulado, um pedaço de *balik*[b] e pão francês.

— Olhe, passei numa peixaria e comprei — disse o padre Khristofor. — Não há motivo para esses luxos num dia de semana comum, como hoje, mas pensei: tenho um doente lá em casa, então isso é perdoável. E o caviar é bom, de esturjão...

Um homem de camisa branca trouxe um samovar e uma bandeja com talheres e pratos.

— Coma — disse padre Khristofor, enquanto passava caviar numa fatia de pão e servia Iegóruchka. — Coma e passeie, que logo vai chegar a hora de estudar. Cuidado, estude com atenção e diligência para ter proveito. O que tiver de saber de cor, aprenda de cor, e quando for necessário explicar o significado de algo com suas próprias palavras, sem se preocupar com a forma exterior, use suas próprias palavras. E se esforce para aprender todos os ramos do conhecimento. Alguns sabem muito bem a matemática, mas nunca ouviram falar de Piotr Moguila,[c] e outros conhecem Piotr Moguila, mas não conseguem explicar o que é a lua. Não, você tem de estudar de modo que aprenda tudo! Estude latim, francês, alemão... geografia, naturalmente, história, teologia, filosofia, matemática... E quando tiver aprendido tudo, não com pressa, mas com fervor e prece, então entre para o serviço público. Quando souber tudo, todas as portas vão se abrir para você. Estude apenas para acumular bênçãos e Deus mostrará quem você deve ser. Se vai ser médico, juiz, engenheiro...

O padre Khristofor passou um pouco de caviar num pedacinho de pão, pôs na boca e disse:

— O apóstolo Paulo diz: “Não desperdice o tempo estudando ciências estranhas e exóticas”. Naturalmente, se estudar magia negra, verborragia ou como chamar espíritos do outro mundo, como fez Saul, ou se estudar ciências que não tragam nenhum proveito nem para você nem para os outros, então é melhor não estudar. É preciso aprender apenas aquilo que Deus abençoou. Reflita... Os santos apóstolos falavam todas as línguas... então você também deve estudar línguas; Basílio de Cesareia[d] estudou matemática e filosofia, então você também deve estudar; são Nestor[e] escreveu história,

então você também deve estudar e escrever história. Siga o exemplo dos santos...

O padre Khristofor tomou um golinho do pires, enxugou o bigode e balançou a cabeça.

— Muito bem! — disse. — Fui educado à moda antiga, já esqueci muita coisa, e na verdade vivo de um jeito diferente dos outros. É até impossível comparar. Por exemplo, num lugar em sociedade, num jantar ou numa reunião, falo alguma coisa em latim, ou falo de história ou filosofia, as pessoas acham agradável, e até eu mesmo acho agradável... Ou então vem o tribunal do distrito e é preciso submeter alguém a juramento; todos os outros sacerdotes se esquivam, intimidados, mas eu trato como iguais os juízes, os promotores e os advogados: tenho conversas intelectuais, tomo chá com eles, rio, pergunto o que não sei... E eles gostam. Então é isso, irmão... O saber é a luz, a ignorância são as trevas. Estude! Naturalmente, não é fácil: hoje em dia, o estudo custa caro. Sua mãe é viúva, vive de uma pensão, mas afinal...

Padre Khristofor olhou assustado para a porta e prosseguiu, num sussurro:

— Ivan Ivánitch vai ajudar. Ele não vai desamparar você. Não tem filhos e vai ajudar você. Não se preocupe.

Fez uma cara muito séria e sussurrou mais baixo ainda:

— Preste atenção, Geórgi, Deus o guarde de esquecer sua mãe e Ivan Ivánitch. Os mandamentos dizem para respeitar a mãe e, quanto a Ivan Ivánitch, é seu benfeitor e substituto do pai. Se você tiver êxito nos estudos e, Deus nos livre, passar a não suportar e desdenhar as outras pessoas sob o pretexto de que são mais tolas do que você, então a desgraça, a desgraça cairá sobre você!

Padre Khristofor ergueu a mão e repetiu com voz aguda:

— Desgraça! Desgraça!

Padre Khristofor tinha se empolgado e, como dizem, soltado a língua; continuaria falando assim até o almoço, mas a porta abriu e Ivan Ivánitch entrou. O tio deu um bom-dia afobado, sentou-se à mesa e começou a sorver o chá às pressas.

— Bem, encerrei todos os negócios — disse ele. — Iria hoje mesmo para casa, mas ainda temos de resolver o problema do Iegor. Temos de alojá-lo. Minha irmã me disse que uma amiga dela, Nastássia Petrovna, mora em algum lugar aqui perto, então talvez ela possa ceder um quarto para Iegor.

Remexeu em sua carteira, tirou uma carta amarrotada e leu:

— “Rua Málaia Níjnaia, Nastássia Petrovna Toskunova, casa própria.” Tenho de procurá-la agora mesmo. Que aborrecimento!

Logo depois do chá, Ivan Ivánitch e Iegóruchka saíram da hospedaria.

— Que aborrecimento! — resmungou o tio. — Você se grudou em mim como um carrapato, que o diabo o carregue! Vocês só pensam nos estudos e em serem refinados, mas para mim isso só traz preocupação...

Quando atravessaram o largo, o comboio e os carroceiros já não estavam ali, tinham ido para o cais de manhã bem cedo. No canto mais afastado, se via a forma escura de uma charrete conhecida; perto, estavam cavalos baios que comiam aveia.

“Adeus, charrete!”, pensou Iegóruchka.

De início, tiveram de subir o morro por um bulevar, depois atravessaram a grande praça de uma feira; ali, Ivan Ivánitch perguntou a um policial onde ficava a rua Málaia Níjnaia.

— Puxa! — riu o policial. — Fica longe daqui, para lá do pasto comum!

No caminho, passaram por coches de aluguel, mas o tio só se permitia tais luxos, como viajar de coche de

praça, em casos excepcionais e dias de festas importantes. Ele e Iegóruchka caminharam muito tempo por ruas pavimentadas, depois por ruas sem calçamento e só com passeios de pedestre e, no fim de tudo, foram dar em ruas onde não havia nem calçamento nem passeio de pedestres. Quando os pés e a língua os levaram à rua Málaia Níjnaia, ambos estavam vermelhos. Eles tiraram o chapéu e enxugaram o suor.

— Diga, por favor — voltou-se Ivan Ivánitch para um velhinho, sentado num banco, junto a um portão. — Onde fica a casa de Nastássia Petrovna Toskunova?

— Aqui não tem nenhuma Toskunova — respondeu o velhinho, depois de pensar um pouco. — Não seria Timochenko?

— Não, Toskunova…

— Desculpe, Toskunova não tem…

Ivan Ivánitch encolheu os ombros e seguiu adiante.

— Não adianta procurar! — gritou o velho atrás dele. — Estou dizendo que não tem, então não tem!

— Escute, titia — Ivan Ivánitch dirigiu-se a uma velha que vendia peras e sementes de girassol num tabuleiro na esquina. — Onde fica a casa de Nastássia Petrovna Toskunova?

A velha olhou para ele com surpresa e riu.

— Ora, não sabem que Nastássia Petrovna agora está morando na sua própria casa? — perguntou ela. — Meu Deus, já faz oito anos que casou a filha e deixou a casa para o genro! Agora é o genro que mora lá.

E os olhos dela diziam: “Como é que vocês, seus tolos, não sabem de uma besteira como essa?”.

— E onde ela está morando, agora? — perguntou Ivan Ivánitch.

— Meu Deus! — admirou-se a velha, abrindo os braços. — Já faz muito tempo que está morando sozinha. Já tem oito anos que deixou a casa para o genro. Ora essa!

Na certa, esperava que Ivan Ivánitch se admirasse e exclamasse: “Mas não pode ser!”. Porém ele perguntou, muito calmo:

— Onde fica a casa dela?

A vendedora arregaçou as mangas e, apontando com a mão nua, começou a gritar com voz aguda e cortante:

— Vai sempre reto, reto a vida toda… Vai dar numa casinha vermelha e então, do lado esquerdo, vai ver uma travessinha. Vai seguir por essa travessinha e então é o terceiro portão à direita…

Ivan Ivánitch e Iegóruchka foram até a casinha vermelha, viraram à esquerda na travessinha e se dirigiram ao terceiro portão à direita. De ambos os lados daquele portão cinzento, muito velho, estendia-se uma cerca cinzenta com grandes brechas; a parte da cerca do lado direito estava muito inclinada para a frente e ameaçava tombar; a cerca do lado esquerdo se inclinava para trás, para o lado de dentro do pátio, os portões já não estavam retos e pareciam até escolher o lado para o qual mais lhes agradava pender, para a frente ou para trás. Ivan Ivánitch abriu a porteira e, junto com Iegóruchka, viu um pátio grande, coberto de ervas daninhas e bardanas. A cem passos do portão, ficava uma casinha com varanda vermelha e venezianas verdes. Uma mulher gorda, de mangas arregaçadas e avental erguido, estava parada no meio do pátio, despejava alguma coisa na terra e gritava com voz tão aguda e cortante quanto a da vendedora:

— Tsip!… Tsip! Tsip!

A seu lado, estava sentado um cachorro ruivo, de orelhas pontudas. Ao ver os visitantes, o cachorro correu para a porteira e começou a latir com voz de tenor (todos os cachorros ruivos latem com voz de tenor).

— O que querem? — gritou a mulher, usando a mão para proteger os olhos do sol.

— Bom dia! — gritou Ivan Ivánitch para ela, enquanto brandia um pedaço de pau para afastar o cachorro ruivo. — Por favor, é aqui que mora Nastássia Petrovna Toskunova?

— É sim! E o que querem com ela?

Ivan Ivánitch e Iegóruchka se aproximaram dela. A mulher observou os dois com desconfiança e repetiu:

— O que querem com ela?

— Por acaso, a senhora é Nastássia Petrovna?

— Claro, sou eu mesma!

— Muito prazer... Veja, sua velha amiga Olga Ivánovna Kniázeva lhe manda seus cumprimentos. Este é seu filhinho. E eu, talvez se lembre de mim, sou o irmão dela, Ivan Ivánitch... Então a senhora é nossa conterrânea, de N... A senhora nasceu e casou lá...

Sobreveio um silêncio. A mulher gorda fitou Ivan Ivánitch com ar perplexo, como se não acreditasse ou não entendesse, depois se inflamou toda e abriu os braços; a aveia tombou do avental, as lágrimas saltaram dos olhos.

— Olga Ivánovna! — deu um grito esganiçado, respirando ofegante de emoção. — A minha querida do coração! Ah, meus amigos, como sou burra de ficar aqui parada desse jeito! E você, meu anjinho bonito...

Abraçou Iegóruchka, molhou seu rosto de lágrimas e chorou mais ainda.

— Meu Deus! — disse, esfregando as mãos. — O filhinho de Olga! Que alegria! Igualzinho à mãe! Um retrato da mãe! Mas para que ficam parados aqui fora? Por favor, vamos entrar!

Chorando, arfante, falando enquanto andava, seguiu apressada para a casa; as visitas se arrastaram atrás dela.

— Está tudo desarrumado! — disse ela, enquanto conduzia as visitas para a sala pequena e abafada, toda cheia de imagens de santos e potes com flores. — Ah,

Mãe de Deus! Vassilissa, venha pelo menos abrir as venezianas! Meu anjinho! Minha belezura indescritível! E eu que nem sabia que a Ólitchka havia tido um filhinho assim!

Quando ela se acalmou e se habituou às visitas, Ivan Ivánitch a convidou para uma conversa a sós. Iegóruchka foi para outro cômodo; ali havia uma máquina de costura, na janela estava pendurada uma gaiola com um estorninho e, como na sala, havia também muitas imagens e flores. Perto da máquina havia uma menina de pé, imóvel, queimada de sol, de bochechas redondas, como Tit, e com um limpo vestidinho de chita. Ela olhava para Iegóruchka sem piscar e, pelo visto, sentia-se bastante constrangida. Iegóruchka olhou para ela, ficou calado um instante e então perguntou:

— Como você se chama?

A menina moveu os lábios, fez cara de choro e respondeu baixinho:

— Atka…

Ou seja: Katka.

— Ele vai morar com a senhora — murmurou Ivan Ivánitch na sala —, caso a senhora concorde. E nós lhe pagaremos dez rublos por mês. Nosso menino não é mimado, é tranquilo…

— Puxa, eu nem sei o que lhe dizer, Ivan Ivánitch! — suspirou Nastássia Petrovna, chorosa. — Dez rublos é bastante dinheiro, mas, veja, cuidar do filho dos outros dá medo! De repente, ele fica doente ou então…

Quando chamaram Iegóruchka de novo para a sala, Ivan Ivánitch já estava com o chapéu nas mãos e se despedia.

— Pois bem. Então ele agora vai ficar com a senhora — disse. — Adeus! Você vai ficar, Iegor! — falou, dirigindo-se ao sobrinho. — Não crie problemas e obedeça a Nastássia Petrovna… Adeus! Amanhã ainda voltarei aqui.

E foi embora. Nastássia Petrovna abraçou Iegóruchka mais uma vez, chamou-o de anjinho e, chorando, começou a pôr a mesa. Três minutos depois, Iegóruchka já estava sentado ao lado dela, respondendo a suas perguntas intermináveis e tomando a sopa de repolho grossa e bem quente.

À noite, sentou-se de novo à mesma mesa e, com a cabeça apoiada na mão, escutava Nastássia Petrovna. Ora rindo, ora chorando, ela contava a juventude de sua mãe, falava de seu casamento, de seus filhos... Na estufa, um grilo cricrilava e o bico do lampião chiava com um ruído quase inaudível. A dona da casa falava à meia-voz e, por causa da emoção, deixava cair seu dedal a todo instante; Kátia, sua neta, se agachava sob a mesa para pegá-lo e sempre ficava muito tempo ali embaixo, na certa para observar os pés de Iegóruchka. E Iegóruchka escutava, cochilava, observava o rosto da velha, a verruga com pelinhos, os riscos das lágrimas... E se sentia triste, muito triste! Puseram-no para dormir em cima de uma arca e avisaram que, se tivesse vontade de comer alguma coisa durante a noite, deveria ir até o corredor e pegar na janela a galinha que tinham deixado num prato coberto.

No dia seguinte, pela manhã, Ivan Ivánitch e o padre Khristofor foram se despedir. Nastássia Petrovna alegrou-se e fez menção de servir o samovar, porém Ivan Ivánitch, muito apressado, abanou a mão e disse:

— Não temos tempo para chá nem para açúcar! Temos de partir já.

Antes de se despedirem, todos ficaram sentados e calados por um minuto. Nastássia Petrovna suspirou fundo e, com olhos chorosos, lançou um olhar para um ícone.

— Muito bem — começou Ivan Ivánitch, levantando-se —, está resolvido, você vai ficar...

De seu rosto, de repente, desapareceu a secura do homem de negócios, ficou um pouco vermelho, sorriu triste e disse:

— Preste atenção, estude... Não se esqueça de sua mãe e obedeça a Nastássia Petrovna... Se estudar direito, Iegor, não vou abandonar você.

Tirou do bolso a carteira, deu as costas para Iegóruchka, ficou muito tempo remexendo as moedas miúdas, achou um *grívennik*[f] e lhe deu. O padre Khristofor suspirou e, sem pressa, abençoou o menino.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... Estude — disse. — Trabalhe, irmão... Se eu morrer, lembre-se. Tome aqui mais este *grívennik*...

Iegóruchka beijou a mão do padre e começou a chorar. Alguma coisa em sua alma sussurrou que ele nunca mais veria aquele velho.

— Já fiz o pedido de matrícula no ginásio, Nastássia Petrovna — disse Ivan Ivánitch, com uma voz que dava a impressão de que havia um defunto na sala. — No dia sete de agosto, a senhora vai levá-lo para fazer a prova... Bem, adeus! Fique com Deus. Adeus, Iegor!

— Mas os senhores devem tomar uma xicarazinha! — gemeu Nastássia Petrovna.

Pelas lágrimas que turvavam seus olhos, Iegóruchka não viu o tio e o padre Khristofor saírem da casa. Precipitou-se para a janela, mas eles já não estavam no pátio e só o cachorro ruivo corria de volta do portão, latindo, com expressão de dever cumprido. Iegóruchka, sem que ele mesmo soubesse o motivo, saiu bruscamente de onde estava e correu para fora da casa. Quando atravessou o portão, Ivan Ivánitch e o padre Khristofor — o primeiro acenando com a bengala de ponta em forma de gancho e o outro, com a bengalinha de padre — já estavam fazendo a curva na esquina. Iegóruchka sentiu que, para ele, junto com aquelas

pessoas, desaparecia para sempre, como fumaça, tudo que tinha vivido até então; afundou-se numa prostração sobre um banco e, com lágrimas amargas, saudou a vida nova e desconhecida que agora começava para ele...

E que vida seria aquela?

---

a Em latim, boa criança. (N. T.)

b Lombo de salmão salgado e seco. (N. T.)

c Metropolita de Kíev e da Galícia (1596-1647). Tradutor do Evangelho e autor de um catecismo, usado ainda na época de Tchékhov. (N. T.)

d Ou são Basílio, o Grande (século IV d.C.). Teólogo defensor dos princípios aprovados no Concílio de Niceia. (N. T.)

e Ou Nestor, o Cronista (1056-1114). Monge de Kíev, a quem se atribui a autoria das *Crônicas dos tempos antigos* e outras crônicas. (N. T.)

f Moeda de dez copeques, isto é, equivalente a dez centavos de rublo. (N. T.)

Copyright © 2015 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, que entrou em vigor no Brasil em* 2009*.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Степь

PREPARAÇÃO

Fabricio Waltrick

REVISÃO

Márcia Moura

Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0363-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-350SS0 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

GUSTAVE FLAUBERT

Madame Bovary

Madame Bovary

Flaubert, Gustave
9788580864168
496 páginas

Compre agora e leia

Reconhecido por autores como Henry James como "o romance perfeito", Madame Bovary é a obra fundamental de Gustave Flaubert (1821-80). Trata-se de um raridade, mesmo em um clássico, um exercício meticuloso de escrita que igualmente desafiava as estruturas literárias e as convenções sociais. Não à toa, a época de lançamento o impacto foi duplo: um sucesso de público e a reação feroz do governo francês, que levou o autor a julgamento sob a acusação de imoralidade.

Flaubert inventou um estilo totalmente

novo e moderno, praticando uma escrita que, ao longo dos cinco anos que levou para terminar o livro, literalmente avançou palavra a palavra. Cada frase devia refletir o esforço em obtê-la, sendo reescrita e reescrita ad infinitum. Mestre do realismo, o autor documenta a paisagem e o cotidiano da segunda metade do século XIX, ironizando os romances sentimentais e folhetins, gêneros que considerava obsoletos. A história faz um ataque à burguesia, desmoralizando-a com a descrição exuberante de sua banalidade. Em um tempo em que as mulheres eram submissas, Emma Bovary encontra nos tolos romances dos livros o antídoto para o tédio conjugal e inaugura uma galeria de famosas esposas adúlteras atormentadas na literatura.

Compre agora e leia

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O grande Gatsby

O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott
9788580862676
256 páginas

Compre agora e leia

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional.

Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

Compre agora e leia

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS
Joaquim Manuel
de Macedo
Memórias do
sobrinho de meu tio
FICÇÃO
FICÇÃO

Memórias do sobrinho do meu tio

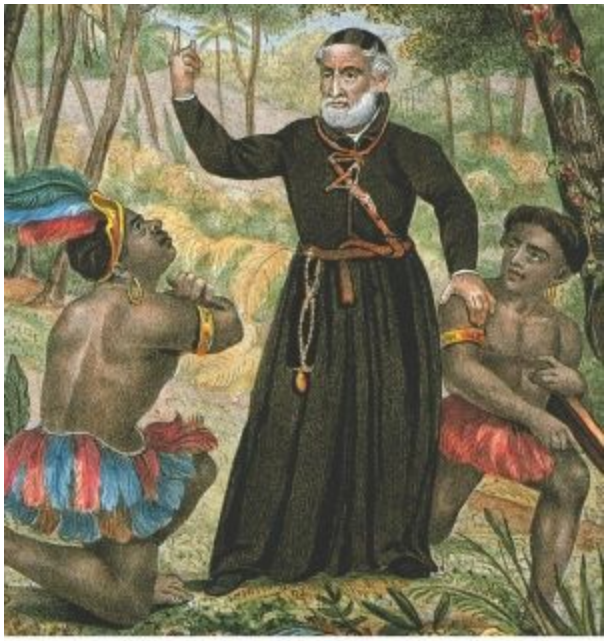
de Macedo, Joaquim Manuel
9788563397997
376 páginas

Compre agora e leia

"O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba", observa o debochado e autocomplacente narrador de Memórias do sobrinho de meu tio, romance de Joaquim Manuel de Macedo escrito entre os anos 1867 e 1868. Fraude eleitoral, jornalistas a mando de poderosos e alianças espúrias são alguns dos temas da prosa ligeira dessa sátira política. O sr. F. , narrador destas memórias, herda uma pequena fortuna, logo acrescida pelos outros tantos contos de réis de sua prima Chiquinha, com quem se casa. Juntos, os dois empreendem uma

busca voraz por mais dinheiro e poder, este último representado pela eleição de F. a presidente de província (hoje o equivalente a governador). No meio do caminho, conchavos, amizades interesseiras e lances rocambolescos que parecem exemplificar a interpretação do crítico Antonio Candido sobre a obra de Macedo, que apresentaria duas tendências: o realismo e o tom folhetinesco. Egoísta, anárquico e paradoxalmente um moralista, o protagonista parece antecipar as vestes do conto "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, em que a busca de poder e prestígio no Brasil parece estar acima de tudo, inclusive e principalmente da honestidade.

Compre agora e leia



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Essencial

Organização e introdução de ALFREDO BOSI

Essencial Padre Antônio Vieira

Vieira, Padre Antônio
9788580863994
760 páginas

Compre agora e leia

O enfático juízo de Fernando Pessoa sobre Antônio Vieira contido num verso de Mensagem conserva sua plena validade neste início de século XXI. O perfeito domínio das sutilezas da retórica seiscentista, a impressionante erudição bíblica e literária e a inigualada capacidade de instruir, comover e deleitar simultaneamente continuam a fazer da prosa do "imperador da língua portuguesa" um clássico absoluto nas duas margens do Atlântico, mais de três séculos após sua primeira publicação.

Embora o mundo monárquico, escravista e radicalmente dogmático de

Vieira já tenha há muito desaparecido, sua extensa obra continua a iluminar a história e a literatura da lusofonia. Jesuíta, político e pregador, confessor de reis e profeta do Quinto Império, autor de centenas de sermões e de uma riquíssima correspondência, Vieira foi um homem de múltiplos interesses, unificados por sua fé inquebrantável e pela crença nos altos destinos de Portugal. Essencial Padre Antônio Vieira é uma generosa amostra de sua eloquente produção literária, incluindo alguns de seus melhores sermões, cartas e textos proféticos, além de uma esclarecedora introdução de Alfredo Bosi, membro da Academia Brasileira de Letras, e do texto inédito em português A chave dos profetas.

Compre agora e leia

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote

Dom Quixote

Cervantes, Miguel de
9788580865233
1328 páginas

Compre agora e leia

Dom Quixote de La Mancha não tem outros inimigos além dos que povoam sua mente enlouquecida. Seu cavalo não é um alazão imponente, seu escudeiro é um simples camponês da vizinhança e ele próprio foi ordenado cavaleiro por um estalajadeiro. Para completar, o narrador da história afirma se tratar de um relato de segunda mão, escrito pelo historiador árabe Cide Hamete Benengeli, e que seu trabalho se resume a compilar informações. Não é preciso avançar muito na leitura para perceber que Dom Quixote é bem diferente das novelas de cavalaria tradicionais - um gênero muito cultuado na Espanha do início do século XVII,

apesar de tratar de uma instituição que já não existia havia muito tempo. A história do fidalgo que perde o juízo e parte pelo país para lutar em nome da justiça contém elementos que iriam dar início à tradição do romance moderno - como o humor, as digressões e reflexões de toda ordem, a oralidade nas falas, a metalinguagem - e marcariam o fim da Idade Média na literatura. Mas não foram apenas as inovações formais que garantiram a presença de Dom Quixote entre os grandes clássicos da literatura ocidental. Para milhões de pessoas que tiveram contato com a obra em suas mais diversas formas - adaptações para o público infantil e juvenil, histórias em quadrinhos, desenhos animados, peças de teatro, filmes e musicais -, o Cavaleiro da Triste Figura representa a capacidade de transformação do ser humano em busca de seus ideais, por mais obstinada, infrutífera e patética que essa luta possa parecer.

Compre agora e leia

Table of Contents

Rosto
Sumário
Introdução
A estepe (História de uma viagem)
- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII

Créditos